

# A BATALHA

VI Série | Ano XLIV | n.º 277-278 | Nov./Dez./Jan./Fev. 2018 | Bimestral | 1,40 Euros (IVA Incluído)

## RBI OU MAIS UM PALIATIVO DO CAPITALISMO



Russo e José Feitor | 16 - 18

4 - 6

### ENTRE A CADEIA DE GINÁSIOS E A MALA DE CORTIÇA

Catarina Vegetal e  
Inês Leal

8 - 9

### CRASH DO MAGALHÃES

A. e Simão Simões

12 - 13

### AQUELES QUE DESISTEM DE OMELAS

Ursula K. Le Guin

22 - 26

### UMA DÉCADA DE TERAPIA RUIDOSA

Entrevista aos  
dUASsEMlCOLCHEIASiNVERTIDAS

32

### CAPAM

Marcos Farrajota

# A ABRIR

M. P.

## 99 anos de *A Batalha*

A 23 de Janeiro de 1919 surgia o primeiro número do diário *A Batalha*. Inicialmente, o jornal era propriedade da União Operária Nacional, mas, poucos meses mais tarde, com a formação da Confederação Geral do Trabalho, passaria para a égide deste novo organismo sindical. O porta-voz da organização operária portuguesa teve uma vida atribulada: foi proibido de se publicar em 1927, aquando do assalto policial à antiga redacção na Calçada do Combro; teve um regresso efémero como semanário em 1930; publicou-se na clandestinidade, perante o olhar saloio do salazarismo; regressou a 21 de Setembro de 1974 como quinzenário. Quase um século depois, *A Batalha* deixou cair o epíteto de jornal sindicalista revolucionário e tornou-se um bimestral de expressão anarquista, que se publica devido à vontade de um grupo de associados do Centro de Estudos Libertários e de inúmeros colaboradores que, graciosamente, lhe oferecem a sua pena. Assim, da actualidade política ao espaço público, da cultura à reflexão ideológica, da sátira à poesia e ao conto, da cidade ao indivíduo, *A Batalha* prepara-se para festejar os seus 100 anos criticando e ridicularizando a dominação quotidiana.

## Rede de colaboradores

É desejo da redacção de *A Batalha* e dos associados do Centro de Estudos Libertários evitar que este jornal se mantenha centralizado em Lisboa e arredores. Com a renovação da rede de distribuição de jornais, do norte ao sul e nas ilhas, com as assinaturas a percorrerem todo o país, é importante que *A Batalha* espelhe essa diversidade nas suas páginas e se descentralize. Assim, convidam-se os leitores e assinantes do jornal a entrarem em contacto

com a redacção, caso desejem colaborar regular ou ocasionalmente com artigos, reportagens ou entrevistas sobre as suas lutas locais ou no âmbito das criações culturais de margem, que tanto nos movem na feitura de *A Batalha*.

## Número duplo, dobra o valor

Excepcionalmente, este número de *A Batalha* é duplo (277-278). Como os nossos leitores e assinantes já repararam, o jornal ficou com um atraso de dois meses, que agora é finalmente ultrapassado. O presente número corresponde, assim, aos meses de Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro, tendo o dobro dos conteúdos. São 32 páginas de ilustrações, crónicas, poemas, artigos, bandas desenhadas e entrevistas. Por essa razão, é também excepcional o valor de 1.40 euros deste número, que será reduzido a partir do próximo (n.º 279, Março-Abril).

## Novo apartado do CEL / *A Batalha* e novas condições de assinatura

Notificam-se todos os interessados em corresponder-se ou em enviar publicações para o Centro de Estudos Libertários / *A Batalha* que devem fazê-lo para o nosso novo apartado: CEL/A BATALHA, APARTADO 4037, 1501-001 LISBOA, PORTUGAL. *A Batalha* deixa de disponibilizar a opção de envio do jornal com cinta que, daqui em diante, será sempre enviado em envelope.

## Giuseppe Pinelli, não só a nossa história, mas a história de todos

*A Batalha* deixa um apelo a todos os leitores e assinantes do jornal para que contribuam na campanha de *crowdfunding* lançada pelo Centro Studi Libertari / Archivio

Giuseppe Pinelli, de Milão, que visa angariar fundos para um projecto de história global sobre os acontecimentos da Piazza Fontana, de 1969, e os eventos que se lhe seguiram. Os promotores do projecto precisam de recolher 15.000 euros até meados de Março para conseguirem avançar com este projecto, que permitirá a disponibilização *online* de testemunhos, investigação e documentos. Desta forma, poder-se-á alumiar e interpretar os motivos e consequências de um evento marcado pela morte de Giuseppe Pinelli e pelo crescimento da repressão contra o movimento anarquista italiano. Para ajudarem os nossos bons amigos de Milão, podem aceder ao seguinte endereço: <http://tiny.cc/jsibry>

## O GRANDE CONTRA-CONCURSO DE ILUSTRAÇÃO DE VILÕES DE A BATALHA

Depois do facebook da PSP ter dirigido um apelo ao inefável ""humorista-radialista-ilustrador"" Nuno Markl para rabiscar o arqui-inimigo das forças de segurança, que boçal e mediocrementemente aceitou, *A Batalha* decidiu juntar-se à pândega e lançar um contra-concurso de vilões (ex: porco-banqueiro, abutre-senhorio, ratazana-empreadora, corvo-colaboracionista, pombo-bófia ...), a sair no próximo número. A ilustração vencedora acompanhará umas notas sobre o colaboracionismo passivo contemporâneo e o ilustrador receberá a enorme honra de preservar a sua dignidade e de não andar curvado todo o dia. São válidos todos os suportes, de tifs a guardanapos, e devem ser reencaminhados para o NOVO APARTADO DE A BATALHA ou para a nosso e-mail: [jornalabatalha@gmail.com](mailto:jornalabatalha@gmail.com)

## Killing & Dana em Lisboa episódio n.º 53

**Resumo do episódio anterior:** Killing & Dana acham Lisboa uma seca e decidem-se casar pelas Noivas de Sto. António. Lutam contra o seu arqui-inimigo "Simplex, o Tangas", que é finalmente encarcerado...



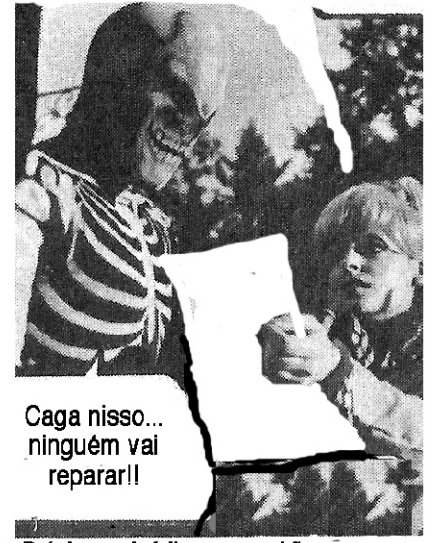
A cédula de nascimento é 20 paus, o certificado de residência da Junta de Freguesia da Santa Maria Maior são outros 15... 20 com urgência...



No fundo, não se percebe porque os portugueses têm um cartão de cidadão...



As gajas da Junta enganaram-se na minha data de nascimento! Outra vez!



Próximo episódio: conseguirão os nossos criminosos entregar a papelada a tempo?



# JOSÉ HIPÓLITO DOS SANTOS (1932-2017)

JOÃO FREIRE

**E**ra ainda estudante em Económicas quando o José Hipólito dos Santos (Zé Pó para alguns) entrou publicamente em oposição ao poder constituído. E, de alguma maneira, nunca deixou de o estar. Tinha talvez vinte anos, ou pouco mais, quando se juntou ao pessoal da *Seara Nova* e foi integrar o Ateneu Cooperativo (Fraternidade Operária de Lisboa) onde o prestígio de António Sérgio e a folha de serviços «do contra» de militantes como os anarquistas Emídio Santana ou Moisés Silva Ramos e de comunistas-fora-do-partido como José de Sousa, além de vários outros anti-fascistas, constituíram a sua escola de aprendizagem dos saberes político-revolucionários.

Terá participado na «conspiração da Sé» de 1959 e na tentativa de assalto ao quartel de Beja em 1 de Janeiro de 1962, pela qual foi preso, era então já economista trabalhando na CUF (cujo patrão, de resto, não o hostilizou por esse facto, conforme dizia). Preferiu depois exilar-se para Marrocos e em seguida para França, mas integrou o MAR (Movimento de Acção Revolucionária) e a LUAR (Liga de Unidade e Acção Revolucionária) que, praticamente, iniciou a última fase da luta armada contra o regime de Salazar. Participou também nos *Cadernos de Circunstância* em Paris, onde trabalhou em actividades de formação, sendo sempre visto como o exemplo acabado do «franco-atirador» com várias facetas estanques da sua vida, pública ou secreta.

Depois do 25 de Abril de 1974, regressou a Portugal, fez episodicamente parte dos que puseram de pé o jornal *A Batalha* e entre 1975 e 1979 foi presidente da Associação

dos Inquilinos Lisbonenses, colaborando com as CRAMO (Comissões Revolucionárias Autónomas de Moradores e Ocupantes) e terá estado próximo do PRP.

No plano profissional (mas com forte implicação ideológica), foi um dos fundadores da SEIES (Sociedade de Estudos e Investigação em Engenharia Social), deu aulas em vários institutos do ensino superior e colaborou em diversas iniciativas do INSCOOP (Instituto António Sérgio para o Sector Cooperativo). Nesse âmbito, continuou a pugnar por soluções cooperativistas e participativas dos homens e das mulheres no seio das organizações (de trabalho e outras), promovendo, por exemplo, a vinda a Portugal de René Dumont para realizar um seminário sobre estas temáticas.

Nunca mais esqueceu, nem os saberes iniciais, nem estas orientações, como testemunham os livros que escreveu nos últimos anos: *A Mulher e o desenvolvimento* (2004), *Maneiras cooperativas de pensar e agir* (2009), *Felizmente houve a LUAR* (2011) ou *A Revolta de Beja* (2012).

Agora, como referiu um dos seus amigos, foi-se embora sem dizer nada.

MANUEL VILLAVERDE CABRAL

**N**os últimos anos, a minha relação com o Zé Hipólito quase que desapareceu e sempre tive pena disso.

Entre as divergências partidárias da altura e o envelhecimento de cada um de nós dois, a verdade é que perdemos virtualmente o contacto.

Desde Paris, a seguir ao Maio de '68, que nos demos bastante. Foi num VW conduzido pelo Zé Hipólito (atrás de nós vinha o Mortágua da futura «Torre Bela», que nunca mais vi desde o 29 de Abril...), que o Fernando Medeiros e eu voltámos a Portugal para o 25 de Abril, juntamente com um jovem brasileiro que ninguém conhecia mas que se solidarizava com Portugal, no Boulevard de St.-Michel, diante do «dormitório de meninas» onde trabalhava o «velho» Ayala e de onde arrancámos para Portugal no dia 28.

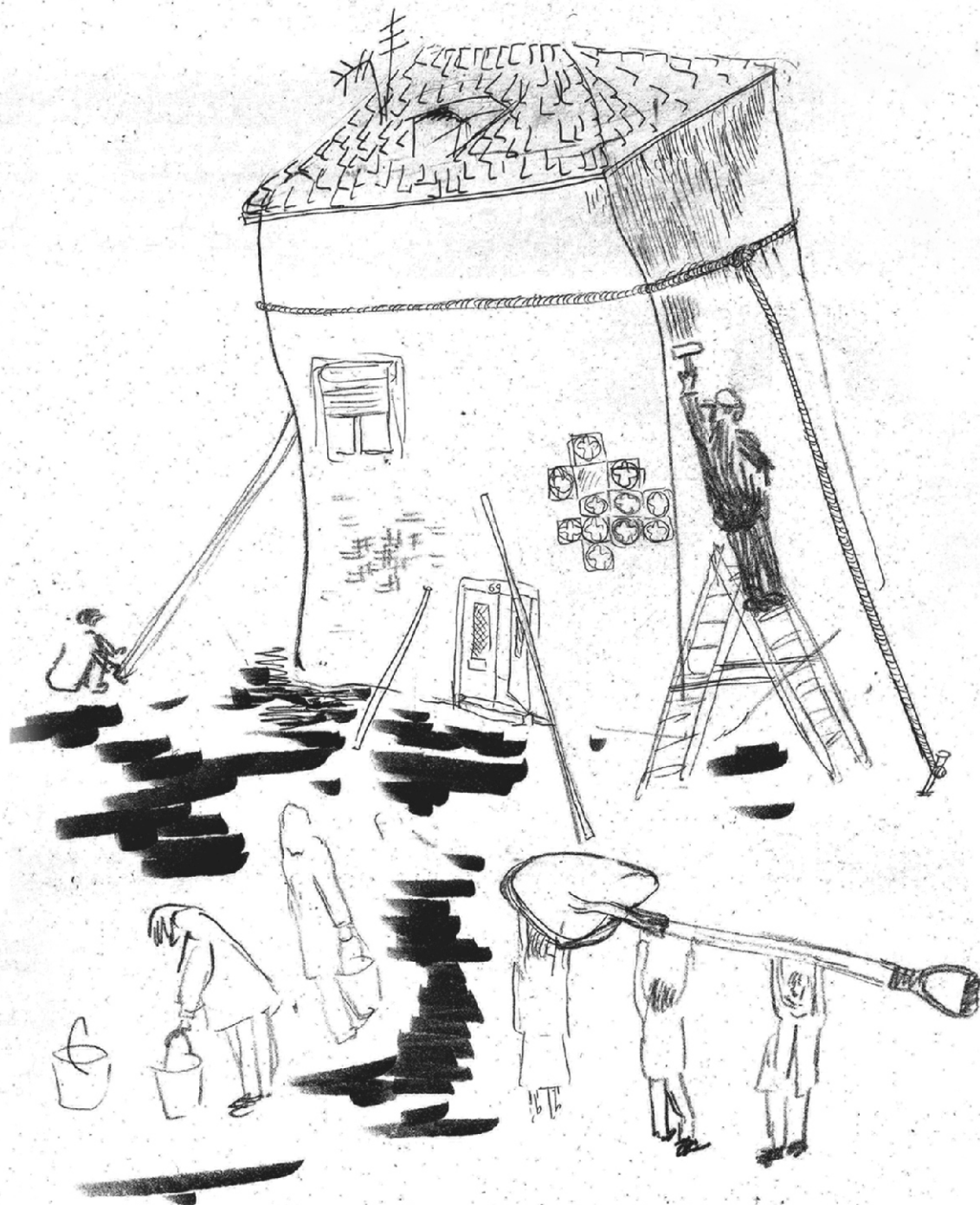
Em França, durante os *Cadernos de Circunstância* e depois disso, sempre vi o Zé Hipólito como uma pessoa simultaneamente sedutora e intrigante, meio secreta, afável e colaborante, mas nunca escreveu nada que eu me lembre para os *CdeC*. Pareceu-me sempre mais um «ativista» do que um «teórico», que trabalhava mais para um «bem comum», que na altura seria derrubar a ditadura, do que para esta ou aquela pretensão ideológica, que era mais o meu caso, creio.

Lembro-me bem da entrada em Portugal por Vilar Formoso, depois de quase nos despistarmos na estrada perto de Vitoria no País Basco, assim como da chegada a Lisboa (que me pareceu igual àquilo que era 11 anos antes!), na madrugada de 29 de Abril.

Depois, cada um seguiu literalmente o seu caminho, e embora nos revíssemos ocasionalmente não voltámos a fazer nada em comum.

Lamento a sua morte como lamento que o passado comum se tenha virtualmente esfumado sob a força dos tempos posteriores.

# AFINAL QUEREMOS TUDO #AOLX



## ENTRE A CADEIA DE GINÁSIOS E A MALA DE CORTIÇA

CATARINA VEGETAL E INÊS LEAL, Assembleia de Ocupação de Lisboa (AOLX)

Lisboa apresenta-se cada vez mais como uma Cidade do Mundo, tropeçando entre o *super trendy*, cultural, fresco, jovem e social e o *orgulhosamente típico*.

No momento de ainda precoce excitação perante este novo mundo de triunfo e de consagrada ascensão, não param de se multiplicar de forma desenfreada e aleatória iniciativas que dão a Lisboa o seu título criativo: das conferências tecnológicas que nos presenteiam com as maiores estrelas das *startups* mundiais, às cadeias de ginásios que surgem como lembretes permanentes do caminho a percorrer até ao sucesso, do chapéu-de-chuva de cortiça à Praça da Figueira em azulejo.

Na procura de corresponder a esta oportunidade de se fazer representar num mundo de êxito, vão-se abrindo

*Com o reforço do investimento privado e com a limpeza estética e social, pelos poderes políticos, cria-se cada vez mais espaço para a construção de uma cidade maquete, palco do poder do capital onde, apesar de cada pessoa representar uma qualquer função encenada, detém cada vez menos possibilidade de habitar este centro de espectáculo.*

portas para que as multinacionais se promovam e para que os mercados, do imobiliário ao cultural, invistam nesta cidade de oportunidades.

A par deste aparente crescimento existe uma realidade cada vez mais presente e próxima que, para além da precariedade laboral e da instabilidade habitacional, promove cada vez mais a mercantilização da vida comum e das relações que dela provêm.

Nesta Lisboa diligenciada pelo capital e pelos poderes públicos que, na sua incapacidade de gestão, procuram criar estratégias de salvação de um sistema em perpétua falência, o fosso entre os que nela habitam torna-se cada vez maior. Com o reforço do investimento privado e com a limpeza estética e social, pelos poderes políticos, cria-se cada vez mais espaço para a construção de uma cidade maquete, palco do poder do capital onde, apesar de cada pessoa representar uma qualquer função encenada, detém cada vez menos possibilidade de habitar este centro de espectáculo.

Nesse sentido, estas políticas pró-empresendedorismo, a promoção do capital e a dicotomia público-privada geram cada vez mais a segregação da vida nas cidades e o isolamento dos indivíduos.

### **Não somos especuladores, somos espectaculares!**

No decorrer das últimas eleições autárquicas (Setembro 2017), ambientadas por uma suposta recuperação económica e uma aparente marinada de paz política, a problemática da habitação surgiu como uma nova crise e, por isso, como uma bandeira a ser hasteada por qualquer candidato em campanha.

Paralelamente a esta disputa por câmaras, assembleias municipais e vereações, no sentido de instigar a discussão sobre esta «recente problemática», surgiu a Assembleia de Ocupação de Lisboa (AOLX), tendo como acção inaugural a ocupação do nº 69 da Rua Marques da Silva.

Situado no centro da actual freguesia de Arroios, o prédio camarário de oito fogos, distribuídos pelos quatro andares, que outrora alojara várias famílias, encontrava-se fechado há cerca de dois anos e em acelerado processo de deterioração.

A escolha pela ocupação, enquanto método, surge, para além de um óbvio questionamento da propriedade pública e privada, como um estímulo tanto à apropriação do espaço comum como à experimentação de processos colectivos e autónomos que de forma cooperativa procurem responder ao isolamento e ao automatismo cada vez mais presente.

Após a ocupação do nº 69 da Rua Marques da Silva, no dia 15 de Setembro de 2017, e a notificação de todos os

órgãos de autoridade responsáveis (Assembleia Municipal de Lisboa, Vereação da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, Procuradoria-Geral da República, Provedoria de Justiça e Direcção Nacional da Polícia de Segurança Pública), a AOLX convocou a primeira assembleia da casa para o domingo seguinte, dia 17. Num fim de tarde que reuniu cerca de 150 pessoas foi discutido, durante algumas horas, qual deveria ser o futuro a dar àquele imóvel.

Entre inúmeras ideias que dali surgiram, e da discussão feita por pessoas que na sua maioria habitam ou de alguma forma vivem esta freguesia e que por isso estão bastante familiarizados com a sua vivência e celeumas, percebeu-se que a habitação deveria ser o foco principal da casa. Sendo o próprio bairro e as áreas circundantes (Almirante Reis, Penha de França, Bairro das Colónias, Graça, Estefânia, Praça do Chile) bastante fervilhantes em actividades culturais, esta ocupação deveria estar

*Os representantes da CML presentes no local, quando questionados sobre o despacho que possibilitaria uma acção de despejo, afirmaram que não o tinham consigo e que este teria ficado esquecido no carro de um dos polícias municipais.*

mais desperta para uma componente social. No decorrer das semanas seguintes, a discussão sobre o futuro da casa foi-se adensando, bem como o núcleo de pessoas que o pensavam se foi tornando cada vez mais consistente.

### **Quem escolhe a cor do soalho?**

A gestão da casa foi sempre feita através de assembleias horizontais semanais. Estas assembleias eram o espaço onde todas as decisões eram tomadas por consenso e onde se procurava resolver todo o tipo de questões, desde as problemáticas mais quotidianas (organização de eventos, comprar garrações de água, limpeza da casa)

às decisões de objectivos políticos. Nos primeiros meses, as pessoas da AOLX organizavam-se em turnos permanentes na casa, das 10h às 14h, das 14h às 18h, das 18h às 22h e dormidas, das 22h às 10h. Num primeiro momento, a ideia destes turnos era assegurar a presença na casa, para estarmos atentos a possíveis «visitas indesejadas» e, por outro lado, aproveitar essas horas para ir recuperando a casa, conhecermo-nos melhor e estarmos disponíveis para abrir a porta a quem nos viesse visitar. Os turnos da manhã eram por norma mais tranquilos e solitários, por isso as pessoas aproveitavam o tempo para ler ou estudar. Ao fim da tarde o grupo ia engrossando e já era possível tratar mais a fundo da lida doméstica ou de pequenas obras e, da parte da noite, para além de se continuar com um trabalho de manutenção da casa, proporcionavam-se momentos mais lúdicos, com jogos de tabuleiro, leituras e jantares colectivos. Aos fins-de-semana marcavam-se sessões para obras mais complexas e assembleias que se demoravam pela tarde. Depois de algum tempo a assegurar esta permanência na casa, que já se mostrava demasiado exigente para a capacidade e disponibilidade das pessoas da AOLX, decidimos em assembleia focar as nossas energias na recuperação da casa e na construção de um projecto colectivo estruturado. Assim, alterámos os tempos da nossa presença na casa e passámos a acordar momentos específicos para nos reunirmos e tratarmos do espaço.

As obras foram assumidas, desde o início, como uma prioridade. Quisemos, desde logo, travar o processo de deterioração do prédio e recuperá-lo, de forma a garantir condições mínimas para o uso comum do espaço. Para atravessar o Inverno sem chuva e infiltrações na casa, começámos por tratar do telhado, colocando uma tela impermeável, trocando telhas e barrotes, fechando brechas. As pessoas da AOLX, com o apoio de simpatizantes do projecto com saber técnico especializado, como mestres de obras, engenheiros e arquitectos, traçaram um plano que delineava o que seriam obras estruturais prioritárias e pequenas obras, para cada andar. Depois dos trabalhos no telhado, a nossa atenção esteve focada na recuperação da entrada e dos r/c esquerdo e direito. Para tal, até à data do despejo, já tinham sido gastos 3656.89 euros, angariados graças ao esforço comum entre a AOLX e diversas associações e colectivos vizinhos. Espaços como o Damas, o Desterro, a Disgraça, o Estrela Decadente, a Quinta do Ferro e o RDA serviram de palco a eventos solidários, como jantares e concertos, cujos donativos revertiam para as obras de recuperação da casa da Rua Marques da Silva 69. Estes encontros, para além da

angariação de fundos, reforçavam a visibilidade do projecto e a circulação de um discurso crítico sobre cidade e habitação.

### **Do PREC à jeropiga**

A par destes momentos de confluência, foram organizados na própria casa dias e actividades abertas que pretendiam criar movimento e desconstruir considerações pejorativas muitas vezes associadas a ocupações e à figura do «ocupa». A casa abriu portas a tardes de obras conjuntas, filmes, oficinas diversas, lanches. Por exemplo, o «São Martinho da Vizinhança», no dia 11 de Novembro de 2017. Alguns dias antes, saímos pelas ruas

RUA MARQUES DA SILVA, 69, LISBOA

14H - 22H



do bairro a convidar a vizinhança e, nesse dia, apareceram muitas pessoas interessadas e com vontade de colaborar no projecto. Entre as castanhas e a jeropiga, o vizinho Manuel, de mais de 80 anos, contava que tinha ocupado uma casa em Arroios durante o PREC. Houve ainda tempo para apresentar o projecto aos visitantes e desenvolver conversas sobre o bairro, habitação, a casa.

A última grande actividade a decorrer na casa foi a residência artística *Esta Parede Nunca Existiu*. Através de um *call out* aberto a qualquer pessoa e sem restrição de número de participantes, e tendo como ponto de partida

a própria ocupação, reuniram-se cerca de dez pessoas dispostas a pensar conceitos comuns como a casa, ocupação, habitação. Apesar do despejo ter vindo interromper o decorrer desta residência, os participantes continuam a reunir-se no sentido de encontrar a melhor forma de trazer esta iniciativa para a rua.

A segunda prioridade da casa, para além das obras, focava-se na construção de um projecto estruturado para o uso comum do espaço. Depois de muitas horas de conversas, pesquisa, debates e dois comunicados escritos a várias mãos, a AOLX deu à luz o Programa

Quota de Habitação Comum (PQHC). Através da análise e readaptação dos mil programas já propostos pela CML e pelo Estado, e dada a sua insuficiência, criámos este programa, que visa arrendar a preços acessíveis (80 euros/mês) os fogos disponíveis no prédio 69 da Rua Marques da Silva, para habitação própria e permanente. A cada apartamento, poderiam candidatar-se pessoas singulares e seus agregados, nacionais e estrangeiros, em situação de carência habitacional, não elegíveis para outros programas de apoio à habitação promovidos pelo Estado, sem outra habitação com condições de habitabilidade na cidade de Lisboa e que não fossem arrendatárias ou ocupantes de outras habitações camarárias. A concretização deste PQHC implicaria uma comparticipação da Câmara Municipal de Lisboa, traduzida no investimento em obras de 5000 euros por fogo e entre 15000 a 30000 euros para áreas comuns. Por outro lado, a gestão da casa ficaria a cargo de uma Assembleia de Comuns, composta pelos ocupantes do espaço, responsáveis por gerir os planos de obras, as integrações dos novos ocupantes, receber as rendas e promover o diálogo entre os diferentes agentes. Com o intuito de fazer avançar este programa, para além de mantermos a ocupação, lançámos uma petição e solicitámos uma reunião à CML.

### E o despacho? Ficou no carro!

Na mesma semana em que a AOLX concluiu a proposta do PQHC e solicitou uma reunião urgente para apresentação do Programa junto da CML, a casa ocupada da Rua Marques da Silva 69 foi despejada. O despejo ocorreu, de forma ilegal, no dia 30 de Janeiro de 2018, pelas 10h da manhã, numa operação levada a cabo pela polícia municipal, a mando do vereador do Pelouro do Planeamento, Urbanismo, Património e Obras Municipais, Manuel Salgado. Os representantes da CML presentes no local, quando questionados sobre o despacho que possibilitaria uma acção de despejo, afirmaram que não o tinham consigo e que este teria ficado esquecido no carro de um dos polícias municipais. Sobre a ilegalidade do procedimento, a polícia deixava um conselho: para apresentar queixa, teríamos de ir a tribunal. Naquele dia, a polícia municipal, concertada com a CML, despejou uma pessoa sem encontrar alternativa de habitação para ela, retirou bens e objectos da casa, emparedou portas e janelas.

Nesse mesmo dia, entre 30 a 50 pessoas da AOLX e simpatizantes do projecto dirigiram-se ao edifício dos Paços do Concelho para exigir explicações. «3878 casas da CML vazias. Ainda mais uma» foi uma das faixas patentes na Praça do Município naquela tarde. Depois de 3 horas a reunir com a chefe de gabinete de Fernando Medina, Fátima Madureira, e com o assessor Pedro Saraiva, as justificações para o despejo e para a irregularidade do procedimento permaneciam difusas e claramente insuficientes. Finda a reunião, ainda houve energia para seguir para a Avenida de Roma e interromper a sessão da Assembleia Municipal, onde se encontrava o vereador Manuel Salgado. Do rebuliço causado nesta assembleia, foi possível acordar uma reunião com o vereador Salgado.

O projecto da AOLX não se extinguiu com o despejo do prédio sito no número 69 da Rua Marques da Silva. A casa não era entendida como um fim em si mesmo, apenas como um meio de provocar debates públicos sobre o direito à cidade e à habitação em Lisboa, e ainda de legitimar a ocupação como acção social e política.

Os meses que se seguem vão ser de reorganização e de acção. Já temos uma frase pensada para afixar uma próxima «tarja», só nos resta saber onde e quando. Versa assim: «TRABALHADORXS, PRECÁRIXS E DESEMPREGADXS DE TODO O MUNDO: OCUPAI!»

# O PERNIL DE PUTADO

EMÍLIO HENRIQUE

**T**al como o porco bísaro é, além de porco, de pele malhada, o deputado comunista é, além de comunista, um colaborador dos poderes malhado de revolucionário e ideólogo impoluto. As manchinhas de revolucionário exprimem-se em roncões, orquestrais e todos símiles, em defesa dos grandes faróis e faroletes do

poemas inclusos –, Miguel Tiago parece gostar de ser um *bon vivant* nesta *beata vita*. Porém, aquilo de que Miguel Tiago certamente não gosta é de fazer sentido.

Saindo em defesa dos tão mal mascarados interesses proprietários e de poder do seu partido, Miguel Tiago

poder político, de entrada e saída livres e sujeitos ao escrutínio dos seus militantes e da república. Taxar a actividade dos partidos implicaria taxar pessoas. Os partidos não são um ente, como a igreja, por exemplo, são pessoas, grupos de pessoas» (sic em tudo e tudo e tudo). À questão que a todos surge aos gritos – *mas não há aqui risco de abuso suplementar?* –, o Moto-Rato de Setúbal responde com a velha cartilha da superioridade moral comunista, obrigado, camarada Cunhal, tudo de bom. Se Tiananmen foi conspiração da CIA – Miguel Tiago *dixit* –, supõe-se que haverá conjura, mormente das leis elementares da falácia, contra o PCP, que o faz ser, aos olhos do vulgo, o partido mais incongruente e patético entre todos. E tudo isto é faduncho do mais barato e corriqueiro que há.

Mas aos malabarismos de nota 0 no Chapitô junta-se, também, no caso deste nosso protozoário cognitivo, a gandaia da alarvidade, do boçalzinho de beco da ribeira que cospe a piadinha para a plateia de metalúrdios aplaudir. Após equiparar anarquismo a fascismo, Miguel Tiago decidiu lançar uma piadinha que só revela a sua confrangedora limitação no mais básico entendimento do fenómeno político: «organização anarquista. LOL» (sic), como se evidenciando uma contradição nos termos. Ora, estivéssemos nós na Grécia e só haveria um *partido* para Miguel Tiago: o nariz. E assim sucessivamente. Mas nós por cá achamos que o esforço posto num ataque deve ser proporcional à estatura do atacado. Nada de violência contra a arraia-miúda. Afinal, basta uma simples vinheta

*A cor dominante de colaborador, que é como quem diz, de colaboracionista, exprime-se nos rabinhos a-dar-a-dantes assentes nos cadeirões parlamentares, capazes de cozinhar, em segredo e com os pernis de todas as cores bem juntinhos, uma lei para isentar (de vez) de taxas, de impostos e de limites às doações os partidos, porque se há bar, que seja bar aberto e que se beba tudo antes de o navio afundar.*

socialismo, desde o capitalismo de estado de Estaline até ao musical paranóide dos arlequins de microfone Chávez & Maduro. Por outro lado, a cor dominante de colaborador, que é como quem diz, de colaboracionista, exprime-se nos rabinhos a-dar-a-dantes assentes nos cadeirões parlamentares, capazes de cozinhar, em segredo e com os pernis de todas as cores bem juntinhos, uma lei para isentar (de vez) de taxas, de impostos e de limites às doações os partidos, porque se há bar, que seja bar aberto e que se beba tudo antes de o navio afundar. *Papá, qual é o maior partido proprietário do país?*, pergunta uma pequena maoísta. Quem acertar ganha uma reforma agrária de trazer por casa, já com barrete e barreto incluídos.

Uma dessas contradições andantes até anda de mota, para chegar mais rápido aos amanhã que cantam, e dá pelo nome de Miguel Tiago. Pela sua espampanante apresentação pública na rede social Facebook – péssimos

escreveu um texto que é uma síntese da sua própria idiotice militante e das olímpicas piruetas auto-justificativas que o PCP dá para manter a patine de excepcionalismo. Uma *ordem de ideias* que é quase comovente nas suas contradições e truísmos, na evidência de ser um instrumento para justificar à força uma posição contrária aos princípios apregoados em

*Papá, qual é o maior partido proprietário do país?, pergunta uma pequena maoísta. Quem acertar ganha uma reforma agrária de trazer por casa, já com barrete e barreto incluídos.*

megafone e *ad nauseam* pelo Partido: «Acrece dizer que os partidos são associações de pessoas que disputam o

sarcástica n’A *Batalha* para arrumar o pernil de deputado comunista a um canto.

## O DESCRÉDITO PARTIDÁRIO

HEITOR PLENO

**Q**uarenta e poucos anos passados, desde a madrugada fundadora de Abril, depara-se-nos um cenário desolador no panorama partidário. Assistimos ao seu total descrédito e ao seu acantonamento em posições irrelevantes e casuísticas.

A luta partidária levou os seus protagonistas para um beco sem saída. Viciados em jogadas de bastidores, de escândalo em escândalo, enredados na pequena política, entusiasmados a engordar no aparelho de estado (de um estado corrupto e falido), a partidocracia fede de tão moribunda.

Hoje, um homem de partido é pior que um salteador de estradas. Os vícios, as jogadas rasteiras, a falta de ética, a ganância desmedida, a gula desenfreada, as lutas intestinas pelo acesso ao poder, fizeram da partidocracia uma teia de interesses alheios ao corpo da nossa terra.

Um partido, em pleno séc. XXI, é um abcesso excêntrico no corpo da democracia e da liberdade.

Exóticos, impantes na sua arrogância, caminham alegremente para o seu descrédito e a sua irrelevância. Aproximam-se a passos largos novos tempos, novos desafios. O presente, este nosso presente, nesta alternância pantanosa, pede uma nova solução de regime. Um tempo novo, sem bajuladores medíocres, sem falsos licenciados, sem ladrões de pacotilha, sem sabujos de artimanhas pornográficas.

O corpo do rectângulo está exausto. À sangria de valores, exige-se mais ética. Às ciladas oratórias, exige-se um código de conduta inteiro e probro. Mas nunca poderão ser estes os protagonistas desta época de opróbrio. Terão que sair de cena. A bem ou a mal.

Preparemo-nos pois, que o futuro pode ser já amanhã.



# CRASH DO MAGALHÃES

---

SIMÃO SIMÕES ilustração | A. texto



Há uma abordagem imediata à situação que a Venezuela vive que, ainda assim, tem a virtude de fugir ao obscurantismo habitual com que os mui independentes e neutrais «especialistas das relações internacionais» poluem os programas dedicados à actualidade internacional: a Venezuela tem um governo cleptocrático, militarista, ancorado na brutalidade policial e no controlo das divisas estrangeiras, particularmente o dólar. Note-se que a descrição da situação não carece de qualquer qualificativo ideológico uma vez que

*O estado é sempre a resposta aos problemas que ele próprio criou e, no caso particular da Venezuela, que levou a uma situação de default constitucional quase permanente.*

autoritarismos com semelhantes características podem usar jargão nacionalista, populista ou, como é o caso, «socialista», sem que as práticas mudem radicalmente entre uns e outros.

O colectivo editorial do periódico anarquista *El Libertario* lançava, em Maio deste ano, um apelo à discussão e solidariedade para com os venezuelanos, mergulhados numa situação cada vez mais dramática. O apelo vem acompanhado com um lamento em relação ao «[m]utismo que, de algum modo, tem como resultado uma tácita aceitação daquilo que uns e outros, desejosos do poder do estado, querem impor como “verdade”». Mais à frente, dá-se o exemplo de Chomsky como alguém ligado ao anarquismo que retirou o seu apoio ao governo ditatorial, depois de o ter apoiado inicialmente.

É certo que associar Chomsky a qualquer tipo de pensamento anarquista é abusivo. Na verdade, o apoio a Chávez vem na linha de posicionamentos que Chomsky tem tido cada vez que surge uma oportunidade de alfinetar a política imperialista norte-americana, qual membro de um qualquer comité central embriagado por uma pífia vitória, mesmo quando baseada na mais profunda miséria. A acusação do *El Libertario* é, neste aspecto, certa: em nome de combater a ingerência e prepotência americanas, não é admissível que se aceite tudo. Voluntários para semelhantes figurinhas não são difíceis

de encontrar, certamente: de Chomsky ao *tuíte* de um verdadeiro educador popular.

Impossível é olhar para a situação venezuelana sem que um problema centenário para a prática política anarquista se torne evidente: que posição tomar perante o caos causado pela luta entre interesses autoritários? No caso da Venezuela, país onde o movimento anarquista é, historicamente, pequeno, tal questão torna-se ainda mais complexa. Não raras vezes a acusação de sectarismo será

lançada contra quem não pretende transigir com um estado de coisas inaceitável. No entanto, como o passado mostra inequivocamente, a transigência com quem lança na pobreza milhões de pessoas todos os anos não será certamente resposta alguma. Até do ponto de vista tático: quantas vezes, e em situações incomparavelmente mais favoráveis que a venezuelana, é que o movimento anarquista foi usado e, posteriormente, perseguido num contexto «revolucionário»?

É evidente que não se pode esquecer a asfixia financeira sofrida pela Venezuela: com a proibição de compra de dívida soberana decretada por Trump, a situação de bancarrota iminente torna-se cada vez mais clara. No entanto, a subida da dívida externa devido às expropriações fictícias, à corrupção generalizada e à ruínoza política monetária são acções de Chávez e Maduro. Durante o tempo da bonança causada pelo aumento do preço do petróleo (valha-nos o socialismo do século XXI, claro), quem enriqueceu foi a elite militar à volta do PSUV, ao mesmo tempo que o país ficava à mercê da mínima oscilação do preço do petróleo que, inevitavelmente, chegou.

Entretanto, a comunidade internacional vai usando a comoção sensacionalista para forçar um «acordo» entre a oposição e as forças de Maduro. Como habitual, há

interesses maiores, rumo aos quais é necessário convergir, seja sob a capa da asfixia financeira ou à boleia das imagens do desespero de uma população que luta diariamente para sobreviver. Em Portugal, particularmente, dá-se eco à retoma das negociações e aos delírios de Maduro, sem, por uma vez que seja, se fazer uma auto-crítica sobre os vários casos de corrupção que envolveram alguns dos mais altos responsáveis do estado português e a quadrilha chavista.

A única surpresa seria que acontecesse o contrário. Afinal, os mesmos especialistas de relações internacionais que aplaudiam os negócios de Sócrates e Chavez, vêm agora apontar a situação dramática da imensa comunidade portuguesa na Venezuela. No fundo, o alinhamento estratégico das relações internacionais portuguesas, para além de toda a verborreia académica e pseudo-académica, não passa de saber reconhecer onde está a fonte genuína do poder e, posteriormente, escolher a forma mais hábil de ser covarde. A habilidade táctica é norteada por um pensamento instintivo a todos os analistas: qualquer crise tem que ser ultrapassada pelo reforço das estruturas representativas, legitimadas por maiorias, sejam elas naturais ou artificiais. O estado é sempre a resposta aos problemas que ele próprio criou e, no caso particular da Venezuela, que levou a uma situação de *default* constitucional quase permanente.

A única novidade de tudo isto, é aquela que advém da renovação dos dramas individuais e colectivos de mais de trinta milhões de venezuelanos. Tudo o resto é um filme de baixa qualidade, com um guião repetido *ad nauseam*, e um desenlace previsível. Perante esta película, qualquer acusação de isolacionismo a quem se assume como anarquista torna-se quase cómica, mas que seja assumido enquanto tal desde que represente a rejeição das áreas cinzentas do (suposto) reformismo da esquerda cibernética, a rejeição das nuances fabricadas pelo centrismo capitalista e, sobretudo, a rejeição do apoio conferido a um governo autoritário com o pretexto de defender um processo revolucionário.

Perante todo este quadro de miséria e com perspectivas de piorar nos próximos tempos, a posição inamovível na denúncia do autoritarismo é a única solução. Os contorcionismos, esses, ficam ali no lado esquerdo do anfiteatro de São Bento.

# A FESTA DOS MISERÁVEIS

MIGUEL SAMPAIO

Jão Lázaro olhou para as pessoas que entravam e saíam das lojas no afã das últimas prendas. Lembrou-se dos filhos, dos pais, lembrou-se também das compras de última hora que fizera quando ainda vivia com a família. Agora, tinha o cão por companheiro, o Piloto – chamara-lhe assim porque o raio do bicho insistia em andar sempre à sua frente –, tinha também alguns amigos, poucos, e tinha sobretudo tempo para pensar na vida.

Horas desfiadas, sentado na beira do rio a pensar no que acontecera, no que não acontecera, no que poderia ter acontecido e, o mais custoso dos pensamentos, naquilo que jamais acontecerá. Um desencanto enorme a contrastar com as luzes, com os sorrisos e os passos apressados das pessoas, com a confusão festiva que se apoderara da cidade.

Mais logo irá jantar a ceia tradicional do Natal. Batatas,

bacalhau, couves e ovo cozido. Irá ter por sobremesa uma fatia de bolo rei, talvez um ou dois sonhos, mais uma fatia dourada.

Com ele, centenas de outros, que comerão a mesmíssima coisa e pensarão da mesmíssima forma e sentir-se-ão como ele, absolutamente sós no meio de toda aquela gente, no centro de toda aquela animação ficcionada.

De certeza que por lá passará gente importante, agasalhada com roupa de importantes marcas, que distribuirá sorrisos e mantas e gorros de lã e pancadinhas nas costas e palavras de fraternidade compostas de poucas sílabas sabiamente pronunciadas, porque lá estarão talvez as câmaras de televisão e o disparar contínuo das máquinas fotográficas, misturado com os sons das canções de natal, entoadas por coros de associações beneficentes. Se calhar, com um pouco de azar, haverá uma senhora jovem, loura e perfumada, que se acerque dele e de

microfone na mão lhe pergunte se está feliz, se está a gostar do jantarinho e da mantinha e do gorrozinho. Ele dirá que sim, que está muito agradecido por tamanha bondade e que só é pena que não lhe ofereçam um macito de tabaco e uma garrafa de aguardente para matar o bicho e esquecer o frio da noite.

Depois do jantar pedirá às senhoras da cozinha uns restos, que levará (se os houver) para consolar o Piloto que estará à sua espera, especado na porta, de orelhas arrebitadas e olhos fixos na saída.

Por fim, seguirá de barriga cheia até ao local de pernoita, enrolar-se-á na manta nova, com o Piloto aos seus pés e, de gorro enfiado até às orelhas, fumará a última beata do dia a contemplar a árvore de natal junto ao rio, toda iluminada, a abafar os sonhos de uma cidade silenciosa.

# QUE ESPAÇO PARA A

## O que é uma geografia radical?

Trata-se de uma disciplina de cruzamento entre a geografia humana e as *radical politics*, domínio que pode ser entendido como um conjunto de reflexões e acções políticas - definidas contextual e historicamente - de índole crítica às convenções sociais normalizadas e aos seus fundamentos ideológicos, sociais e económicos. Desde o final da década passada, as *radical politics* fragmentaram-se e consolidaram a sua disposição anti-normativa, ao questionarem as grandes propostas de organização social (socialismo, comunismo ou liberalismo). No seu lugar, nasceu um activismo dirigido às causas de grupos identitários específicos e o propósito de transformação da totalidade foi substituído pela vocação para a transformação da multiplicidade de fragmentos opressivos da sociedade.

*Geografia radical* é um termo guarda-chuva, cunhado no início da década de 1970, que representa um desvio em relação à análise geográfica de base quantitativa e positivista, ao determinismo espacial, e revela a preocupação em encontrar soluções para os problemas identificados. Esta tendência tem como objecto um conjunto de interpretações e leituras críticas de problemas relacionados com o espaço e o lugar, e como sujeito os marginalizados e oprimidos da sociedade. Tal como aconteceu com as *radical politics*, a *geografia radical* passou a recusar as meta-narrativas ideológicas e gradualmente começou a integrar problemáticas identitárias no seu aparelho teórico, tornando-a mais dispersa e menos vocacionada para se tornar uma ferramenta aplicável à compreensão da sociedade enquanto unidade absoluta.

Com o propósito de identificar as alternativas à dinâmica espacial existente, a geografia radical sustentou-se nas bases teóricas do marxismo, por um lado, e do anarquismo, por outro. Os geógrafos marxistas focaram-se na análise dos modos de produção, de forma a encontrarem alternativas para as configurações da sociedade e do meio-ambiente definidas pelo capitalismo. A perspectiva anarquista pretendeu estabelecer-se como uma visão diferente: através da reabilitação da tradição geográfica de Pyotr Kropotkin (*O que a geografia deve ser*, de 1885) e Élisée Reclus (*O Homem e a Terra*, publicado entre 1905-1908), atribuíram ao estado o papel determinante na limitação da liberdade e no aumento das desigualdades entre indivíduos. No que diz respeito às práticas de resistência no quotidiano, é vulgarmente atribuído aos marxistas a obsessão com a revolução futura - que seria a única forma de virar o tabuleiro social -, enquanto que os anarquistas agiram no dia-a-dia, aplicando os seus esforços em lutas de menor escala (bairros e casas okupadas, aldeias ecológicas, fábricas autogeridas, cantinas sociais). Actualmente, perante a implosão dos grandes cânones ideológicos e da fixidez normativa que lhes está associada, esta divisão simplista não é só obsoleta como mais não é do que uma caricatura da realidade.

Importa deixar um aviso à navegação: grande parte das contendas teóricas em redor da *geografia radical* desenvolvem-se num ambiente académico, no qual, com qual alguma frequência, a institucionalização de objectos (sejam ideologias, desportos ou *reality shows*, o leitor escolhe) serve mais para favorecer carreirismos e vaidades do que para exercer sobre eles uma violência crítica que permita revelá-los na sua nudez, sem ornamentos linguísticos impostos por um discurso dominante, e que sirvam para nos libertar a todos desta normalidade medíocre que nos é imposta. Sintoma disso mesmo é a controvérsia recente entre os académicos Simon Springer, geógrafo anarquista, e David Harvey, geógrafo marxista, sobre qual das duas filosofias políticas ofereceria o melhor fundamento teórico para uma *geografia radical*. Não é um bom augúrio para este artigo afirmar que poucas ideias decentes se podem retirar desta discussão, mas a verdade é que poucas ideias decentes se podem retirar desta discussão. Mas despindo as 20.000 palavras dos três textos de alguns *fait-divers* lamentáveis (como o exercício de erudição sobre quem foi o descobridor do conceito de *mais-valia*; ou a intensa discussão para descortinar se era Marx mais misógino ou reaccionário que Proudhon; ou ainda a *mea culpa* de ambos sobre a necessidade de publicarem artigos científicos para serem levados a sério no meio académico quando eram jovens, esquecendo-se que colaboraram activamente para mercantilizar o ensino), sobressaem alguns temas que talvez importe abordar para entender o que é, afinal, isto a que se decidiu chamar *geografia radical*.

A polémica iniciou-se com o artigo «Why a radical geography must be anarchist» (2014), no qual Springer tentou separar as águas entre os dois campos ideológi-

cos: de um lado, os libertários que proclamam a autonomia, agem directamente, constroem uma democracia radical e se opõem à mercantilização da sociedade; do outro, os marxistas autoritários que aguardam pela chegada da revolução prometida - liderada pela vanguarda do proletariado - para garantirem a monopolização da violência. Em traços muito gerais, é assim que Springer pinta este quadro modernista, onde as barricadas são divididas pelo confronto dicotómico entre o bem e o mal, a liberdade e autoridade ou a emancipação e a dominação. Mas o último século veio provar a falência deste olhar hiper-normativo sobre o mundo e o declínio da modernidade perante a incapacidade de responder aos dilemas da realidade. O que esta rígida distinção ideológica mostra, acima de tudo, não é o desconhecimento acerca da evolução, distensão e cruzamento entre o anarquismo e o marxismo, a partir do final da década de 1960, mas como o militantismo libertário pode ser permeável ao fanatismo doutrinário: isto é, que os próprios anarquistas podem cair na esparrela de aspirar a uma teoria geral sobre o mundo, abandonando a sua inclinação emancipatória para ajuizar criticamente os fragmentos do real, estabelecendo-se numa heterodoxia ininterrupta.

Na verdade, Springer está a caricaturar o marxismo, procurando homogeneizar uma corrente de ideias que nunca foi propriamente unitária, particularmente na forma como interpretava a constituição de um partido revolucionário e de uma vanguarda: veja-se, desde logo, a crítica ao autoritarismo leninista por luxemburgistas e concelhistas, de onde se destacavam marxistas como Rosa Luxemburgo ou Anton Pannekoek, e ao centralismo estalinista, por declinações leninistas como o trostkismo ou o bordiguismo. O pós-segunda guerra vem revelar a continuação das cisões no marxismo, seja com o surgimento do grupo *Socialisme ou Barbarie*, animado por Castoriadis e com a participação de um jovem Lyotard, que partiu de uma crítica à teoria do partido único para uma discussão mais ampla sobre o próprio marxismo. Após a insurreição húngara de 1956, a intensificação da crítica ao soviétismo tem repercussões internacionais: o autonomismo começa a ganhar amplitude dentro da esfera ideológica marxista através da formação da Internacional Situacionista e, no início dos anos de 1960, da publicação dos *Cadernos Vermelhos* e do jornal *Classe Operaia*, que estarão na génese do operarismo italiano. Mais recentemente, o insurreccionalismo e a espontaneidade têm substituído o revolucionarismo, tornando difícil, por exemplo, a crítica anarquista à posição de grupos como o Comité Invisível. Gradualmente, a ultra-esquerda reaproximou o marxismo da discussão em torno da extinção do estado e da autonomia insurreccional em relação à revolução guiada pelo partido.

Mas se a exposição de Springer exagera e falha o alvo, pois a realidade revela que nem todos os que reivindicam o marxismo prescindem de exercer uma crítica ao autoritarismo e às teorias da revolução e do partido único, Harvey, na sua réplica «Listen, Anarchist!» (2015), dobra a parada e despeja as dúvidas acusatórias do costume aos anarquistas, parodiando-os do alto da sua cátedra, ao

# PÓS-FRATERNIDADE?

RUSSO

recorrer aos argumentos do costume: se toda a autoridade é ilegítima, que fazer perante um sinal que informa que «há cobras venenosas nesta zona»? E se se ignorarem os sinais vermelhos no trânsito? Ou o que acontecerá se um piloto recusar a autoridade dos controladores aéreos? Além de Bakunin, em *Deus e o Estado*, já ter clarificado a diferença entre autoridade e trabalho especializado, como Springer relembra na sua tréplica, Harvey não

Na verdade, um dos dois pontos mais importantes desta contenda relaciona-se com a relação entre anarquismo e utopismo, que Springer levanta no seu primeiro artigo. Frequentemente entendida como uma corrente de ideias originada pelo utopismo oitocentista, o anarquismo contemporâneo abandona esse imaginário e o pretexto de alcançar uma sociedade harmoniosa e livre projectada para o futuro, concentrando a sua acção no imediato.

táticos, a liquidação de anarquistas e poumistas, o triunfo da corrente possibilista da CNT-FAI, a partir do final de Setembro de 1936, a desintegração das milícias populares, a desarticulação das colectividades, e, acima de tudo, a diferenciação que foi feita entre a revolução espanhola e a guerra contra o fascismo).

Mas o argumento de Harvey assalta um outro inimigo, que não é propriamente o sindicalismo libertário ou o anarquismo histórico: o que tenta demonstrar é que todos os anarquistas, incluindo as correntes contemporâneas, menosprezam a questão do poder. A subtilidade que escapa a Harvey é de que não é necessariamente imperativo rejeitar uma leitura e incorporação do poder nas lutas libertárias, quando se rejeita a necessidade de conquistar o poder político para agir politicamente. A reinterpretação do conceito tradicional de poder revela como o anarquismo sempre esteve tão próximo quanto afastado dele: isto é, *perto de uma noção de poder enquanto resistência e longe de um entendimento de poder enquanto dominação*. Na verdade, uma das expressões do anarquismo contemporâneo - o anarquismo pós-estruturalista - tem dedicado grande parte da sua reflexão teórica a geografias que precisam do poder (resistência) para o destruir (dominação), como aflora Springer na sua tréplica «The limits to Marx: David Harvey and the condition of postfraternity» (2015).

Neste último artigo, Springer tenta apaziguar a querela com uma proposta conciliadora a que chamou de pós-fraternidade, uma noção que impele ao estabelecimento de relações entre diferentes correntes de pensamento, apesar da natural dissensão teórica entre elas (faz lembrar frentismo, mas agora *radical*, sem republicanos liberais e sociais-democratas). Se existir um espaço para essa noção, certamente que não será alcançado com a ajuda do essencialista Harvey (importa realçar que é autor de *A condição da pós-modernidade*) ou com a ortodoxia de

*O que esta rígida distinção ideológica mostra [é que] o militantismo libertário pode ser permeável ao fanatismo doutrinário: os próprios anarquistas podem cair na esparrela de aspirar a uma teoria geral sobre o mundo, abandonando a sua inclinação emancipatória para uma crítica aos fragmentos do real, estabelecendo-se numa heterodoxia ininterrupta.*

observa a linha ténue que separa a recusa cega das leis da desconfiança absoluta dos motivos socioeconómicos e ideológicos que estão por detrás da criação dessas mesmas regras.

Após dar uma no cravo, afirmando que os anarquistas apenas se preocupam com a recusa do domínio político e atribuindo aos marxistas o papel de vítimas da História - com o qual são frequentemente conotados e, aparentemente, se sentem confortáveis -, afirmando que os anarquistas os caricaturam (o que não deixa de ser verdade, em parte), Harvey dá uma na ferradura, dizendo-se simpatizante de alguns princípios libertários, chegando a alegar que a sua Edilia (*Espaços de esperança*, 2000) é um projecto utópico anarquista: esta é uma velha técnica de retórica, simpatizando com o contendor, criando um laço de proximidade e afecto com as suas ideias e argumentos para construir uma aura de legitimidade na sua refutação. Mas, na verdade, a sua Edilia é um projecto muito pouco libertário: além da banalidade imagética (os jardins epicuristas da utopia de More estão lá, por exemplo, tal como o desenho de engenharia social distópica, com a rígida divisão entre *lares*, *bairros*, *regiona* e *nationa*), Edilia é um exercício literário medíocre e, ideologicamente, muito pouco anarquista. A comunidade é fundada por uma aliança entre o proletariado (o actor histórico encarna no grupo «As Mães Daqueles Que Estão Por Nascer») e uma vanguarda («cientistas, intelectuais, pensadores espirituais e artistas que se libertaram da subserviência política e ideológica ao poder de classe e à autoridade militar-teocrática»), que impedem que um grupo de malfeitores formem uma nova ordem social ou, nas palavras do geógrafo marxista, «uma ordem social anarconihilista inteiramente nova, na qual a violência masculina e o proletariado constituiriam a fonte primordial de autoridade política». Este patético esboço da sociedade futura, por poder ser definida como uma utopia relativamente estática e de estado final, dificilmente pode ser apresentada como anarquista.

Assim, cada grupo configura a sua acção em políticas prefigurativas, ou seja, em incorporar as formas de relacionamento social e cultural estabelecidas como objectivo final na sua realidade presente. Ao deixar de remeter a possibilidade de realizar os seus amplos ideais para uma aurora por vir - propósito que é fruto de uma metanarrativa ideológica -, este *anarquismo sem fim* instaura espaços livres no presente, através de uma insurreição do dia-a-dia contra qualquer tipo de dominação. Ao abdicar de se instituir como projecto, o anarquismo reclama toda a sua pertinência coeva ao ser pensado enquanto processo.

O segundo plano que talvez importe salientar parte da pouco informada interpretação que Harvey faz da

*Ao deixar de remeter a possibilidade de realizar os seus amplos ideais para uma aurora por vir - propósito que é fruto de uma metanarrativa ideológica -, este anarquismo sem fim instaura espaços livres no presente, através de uma insurreição do dia-a-dia contra qualquer tipo de dominação. Ao abdicar de se instituir como projecto, o anarquismo reclama toda a sua pertinência coeva ao ser pensado enquanto processo.*

participação anarquista na revolução espanhola. Continuando a sua representação deficiente do anarquismo, o geógrafo afirma que a derrota dos libertários se deveu ao facto de a CNT ter menosprezado a necessidade de conquistar o poder, quando seria mais adequado apresentar outras razões para o desenrolar dos acontecimentos (fosse a condição débil do frentismo, os erros

Springer (apesar deste a ocultar sob a ilusão vocabular do *rizoma* e da *multiplicidade*). O que a realidade tem demonstrado é que uma pós-fraternidade, a ser possível, depende menos das conciliações ideológicas, do que das lentes que cada um utiliza para exercer um olhar de lince sobre o mundo.



# AQUELES QUE DESISTEM DE OMELAS

URSULA K. LE GUIN conto | ANDREW DeGRAAF ilustração

Com um clamor de sinos que fizeram voar as andorinhas, o Festival de Verão chegou à cidade de Omelas, de torres iluminadas à beira-mar. As armações dos barcos aportados brilhavam com bandeiras. Nas ruas, entre casas com telhados vermelhos e paredes pintadas, entre velhos jardins cobertos de musgo e sob avenidas de árvores, grandes parques antigos e edifícios públicos, os cortejos avançavam. Alguns eram discretos: velhos em longos e rígidos roupões cor de malva e cinzentos, operários-mestre austeros e silenciosos, mulheres alegres com os bebês ao colo, conversando enquanto caminhavam. Noutras ruas, a batida da música era mais rápida, com o tilintante do gongo e do tamborim, e as pessoas dançavam, o cortejo era uma dança. Crianças esgueiravam-se, os seus apelos elevando-se como o voo cruzado das gaivotas, pairando sobre a música e os cantos. Todas os cortejos dirigiam-se para o lado norte da cidade, onde, no grande prado de água chamado *Campos Verdes*, meninos e meninas, nus ao ar limpo, com pés e tornozelos manchados de lama e braços longos e macios, exercitavam os seus inquietos cavalos antes da corrida. Os cavalos não estavam equipados, a não ser com um cabresto sem rédeas. As suas crinas tinham sido entrançadas com fitas prateadas, douradas e verdes. Os cavalos abriam as narinas, empinavam e vangloriavam-se uns aos outros; estavam muito excitados, sendo o cavalo o único animal que adoptou as nossas cerimónias como suas. Ao longe, do norte ao oeste, as montanhas levantavam-se a rodear a baía de Omelas. O ar da manhã era tão claro que a neve, que ainda coroava os Dezoito Picos, queimava com fogo branco e dourado várias milhas

de ar aceso de sol, sob o azul escuro do céu. O vento era o suficiente apenas para fazer flutuar de quando em quando os estandartes que marcavam a rota da pista de corrida. No silêncio dos grandes prados verdes podia ouvir-se a música a insinuar-se pelas ruas da cidade, mais distante, mais perto e a aproximar-se, uma alegre e leve doçura do ar que, de tempos a tempos, estremecia e se reunia e estourava num grande ressoar alegre dos sinos.

Que júbilo! Como pode alguém falar de alegria? Como descrever os cidadãos de Omelas?

Não eram simplórios, sabes, apesar de serem felizes. Mas já não dizemos muitas palavras de ânimo. Todos os sorrisos tornaram-se arcaicos. Com uma descrição destas tende-se a fazer certas presunções. Com uma descrição destas tende-se a procurar o rei, montado num garanhão esplêndido e rodeado pelos seus nobres cavaleiros, ou, talvez, a ser transportado numa liteira dourada por escravos musculosos. Mas não havia rei. Eles não usavam espadas nem tinham escravos. Não eram bárbaros. Não conheço as regras e leis da sua sociedade, mas suspeito que fossem poucas. Da mesma forma que passaram bem sem monarquia e escravidão, também sobreviveram sem a bolsa de valores, a publicidade, a polícia secreta e a bomba. Mas repito que eles não eram nem simplórios, nem pastores dóceis, nobres selvagens, utópicos insípidos. Eles não eram menos complexos do que nós. O problema é que nós temos um mau hábito, encorajado por pedantes e sofisticados, de considerar a felicidade como algo de estúpido. Só a dor é intelectual, só

o mal é interessante. Esta é a traição do artista: a recusa em admitir a banalidade do mal e o terrível tédio da dor. Se não podes vencê-los, junte-te a eles. Se dói, repete. Mas para louvar o desespero é preciso condenar o prazer, para abraçar a violência é preciso perder o controlo de tudo o resto. Nós quase que perdemos o controlo; já não podemos descrever um homem feliz, nem celebrar a alegria. Como posso falar-vos do povo de Omelas? Eles não eram crianças ingénuas e felizes – apesar dos seus filhos serem, de facto, felizes. Eram adultos maduros, inteligentes, apaixonados, cujas vidas não eram miseráveis. Oh, milagre! Quem me dera conseguir descrevê-lo melhor. Quem me dera conseguir convencer-vos. Nas minhas palavras, Omelas soa como uma cidade num conto de fadas, era uma vez, há muito, muito tempo, num lugar muito longe... Talvez fosse melhor se a imaginassem de acordo com as vossas fantasias, supondo que elas chegarão à altura das circunstâncias, pois certamente que eu não vos conseguirei agradar a todos. Por exemplo: e a tecnologia? Acho que não existiriam nem carros nas ruas nem helicópteros acima delas; isso decorre do facto do povo de Omelas ser um povo feliz. A felicidade baseia-se numa justa distinção entre o que é necessário, o que não é necessário nem destrutivo, e o que é destrutivo. Na categoria do meio, porém – a do desnecessário, mas não destrutivo, que é a categoria do conforto, luxo, exuberância, etc. – eles poderiam perfeitamente ter aquecimento central, rede de metro, máquinas de lavar, e todos os tipos de dispositivos maravilhosos que ainda não foram inventados aqui, como fontes de luz flutuantes, energia sem combustível, uma cura para a constipação. Ou

poderiam não ter nada disso; não interessa. Como queiram. Inclino-me a pensar que as pessoas das cidades acima e abaixo da costa têm chegado a Omelas, durante os últimos dias que antecedem o Festival, em comboios muito pequenos e velozes, em eléctricos de dois andares, e que a estação dos comboios de Omelas é, na verdade, o prédio mais bonito de cidade, embora mais simples que o magnífico Mercado dos Agricultores. Mas, mesmo que Omelas tenha comboios, temo que alguns de vós a vejam com uma cidade assim-assim. Sorrisos, sinos, desfiles, cavalos, bleh. Se assim for, juntem uma orgia, por favor. Se uma orgia ajudar, não hesitem. Não tenhamos, porém, templos de onde surgirão belos sacerdotes e sacerdotisas nus, já meio em êxtase e prontos para copular com qualquer homem ou mulher, amante ou desconhecido que deseje consumir a união com a profunda divindade do sangue, apesar desta ter sido a minha primeira ideia. Mas, na verdade, seria melhor não ter nenhum templo em Omelas – pelo menos, não ter templos com sacerdotes. Religião sim, clero não. Certamente que os belos nus podem simplesmente vaguear por lá, oferecendo-se como suflés divinos à fome dos necessitados e ao arrebatamento da carne. Deixem-nos participar nos cortejos. Deixem que os tamborins sejam tocados sobre as cópulas, que a glória do desejo seja proclamada pelos gongos, e (um ponto nada insignificante) deixem a prole destes rituais deliciosos ser amada e cuidada por todos. Uma coisa que eu sei que não existe em Omelas é culpa. Mas o que mais deve haver? A princípio, pensei que não haveria drogas, mas isso é puritano. Para quem gosta, a doçura insistente e esbatida do *drooz* pode aromatizar os caminhos da cidade, *drooz* que inicialmente traz uma grande leveza e esplendor à mente e aos membros e, depois de algumas horas, traz um langor devaneador, visões maravilhosas dos últimos arcanos e os mais íntimos segredos do universo, assim como excita o prazer do sexo para além do inimaginável; e não causa dependência. Para gostos mais modestos, acho que deveria haver cerveja. E que mais pertence a esta cidade alegre? Certamente a sensação de vitória, a celebração da coragem. Mas tal como a fizemos sem clero, vamos criá-la sem soldados. A alegria construída a partir de massacres bem sucedidos não é o tipo certo de alegria; não serve; é temível e banal. Uma satisfação ilimitada e generosa, um triunfo magnânimo sentido não contra um inimigo externo mas na comunhão com o que de melhor e mais justo existe nas almas de todos os homens e com o esplendor do verão do mundo; é isto que expande os corações do povo de Omelas, e a vitória que eles comemoram é a da vida. Não acho mesmo que a maior parte deles precise de tomar *drooz*.

A maior parte dos cortejos já chegou aos Campos Verdes. Um aroma maravilhoso de cozinhados sai das tendas vermelhas e azuis de alimentação. Os rostos das crianças pequenas são amigavelmente pegajosos; na benigna barba grisalha de um homem estão entrelaçadas migalhas dos melhores pastéis. Os jovens e as meninas montaram os seus cavalos e começaram a agrupar-se em torno da linha de partida do percurso. Uma mulher idosa, pequena, gorda e sorridente está a distribuir flores de um cesto e homens jovens e altos colocam-nas nos seus cabelos brilhantes. Um miúdo de nove ou dez anos senta-se à beira da multidão, sozinho, tocando uma flauta de madeira. As pessoas param para ouvi-lo e sorriem, mas não falam com ele, pois ele nunca deixa de tocar e nunca olha para eles, os olhos escuros totalmente encantados pela magia fina e doce da música.

Ele termina e, lentamente, baixa as mãos, segurando a flauta de madeira.

Como se esse pequeno silêncio privado fosse o sinal, começam a soar as trombetas a partir de um pavilhão perto da linha de partida: soberbo, melancólico, profundo. Os cavalos recuam nas suas pernas finas e alguns

relincham em resposta. Os jovens cavaleiros, de rostos sóbrios, acariciam os pescoços dos cavalos para acalmá-los, sussurrando: «Calma, calma, minha beleza, minha esperança....» Começam a organizar-se na linha de partida. Ao longo da pista de corrida, o público parece-se com um campo de relva e flores ao vento. O Festival de Verão começou.

Vocês acreditam? Você aceitam o festival, a cidade, a alegria? Não? Então deixem-me descrever mais uma coisa.

Numa cave debaixo de um dos belos edifícios públicos de Omelas, ou talvez na cave de uma das suas espaçosas residências privadas, existe um quarto. Tem uma porta trancada e não tem janelas. Pelos buracos das tábuas entra um fio poeirento de luz, a que se junta uma janela coberta de teias de aranha, algures na outra parte da cave. Num dos cantos do pequeno quarto, um par de esfregonas duras, coalhadas e fedorentas ladeia um balde enferrujado. O chão é de terra, um pouco húmido ao toque, como a sujidade das caves costuma ser. O quarto tem cerca de três passos de comprimento e dois de largura: um mero armário de vassouras ou sala de ferramentas que já não são usadas há muito. Neste quarto, uma criança está sentada. Poderia ser um menino ou uma menina. Parece ter cerca de seis anos, mas, na verdade, tem quase dez. É fraca de espírito. Talvez tenha nascido com defeito ou talvez se tenha tornado imbecil por causa do medo, desnutrição e abandono. A criança esfrega o nariz e, ocasionalmente, taceia distraidamente os seus dedos grandes do pé ou genitais, enquanto se senta encolhida no canto mais afastado do balde e das duas esfregonas. Tem medo das esfregonas. Acha-as horríveis. Fecha os olhos, mas sabe que as esfregonas ainda estão lá; e a porta está fechada; e ninguém virá. A porta está sempre trancada; e nunca vem ninguém, só que às vezes – a criança não tem compreensão de tempo ou intervalo –, às vezes a porta crepita terrivelmente e abre-se e uma pessoa, ou várias pessoas, estão lá. Uma delas pode entrar e pontapear a criança para fazê-la levantar-se. Os outros nunca se aproximam, mas olham-na com olhos assustados e enojados. A tigela de comida e o jarro de água são abastecidos à pressa, a porta é trancada, os olhos desaparecem. As pessoas à porta nunca dizem nada, mas a criança, que nem sempre viveu na sala de ferramentas, e consegue lembrar-se da luz do sol e da voz da sua mãe, às vezes fala. «Eu vou ser bom», diz. «Por favor, deixem-me sair. Vou ser bom!» Eles nunca respondem. A criança costumava gritar por ajuda durante a noite, e chorava bastante, mas agora já só choraminga, «eh-haa, eh-haa», e fala menos e com menos frequência. É tão magra que não tem gémeos nas pernas; a sua barriga sobressai; vive com meia tigela de farinha de milho e gordura por dia. Está nua. As suas nádegas e coxas são uma massa de feridas infectadas porque se senta continuamente nos seus próprios excrementos.

Todos eles sabem que a criança está lá, todo o povo de Omelas. Alguns deles vieram vê-la, outros contentam-se apenas em saber que está lá. Todos sabem que tem que estar lá. Alguns deles entendem a razão, outros não, mas todos entendem que a sua felicidade, a beleza da sua cidade, a ternura das suas amigadas, a saúde dos seus filhos, a sabedoria dos seus estudiosos, a perícia dos seus construtores, mesmo a abundância da sua colheita e o clima agradável dos seus céus, dependem inteiramente da miséria abominável desta criança.

Isto é geralmente explicado às crianças que têm entre oito e doze anos, sempre que elas parecem capazes de compreender; e a maioria das pessoas que vêm ver a criança são jovens, embora um adulto frequentemente venha ou regresse para ver a criança. Não importa quão bem o assunto lhes tenha sido explicado, estes jovens espectadores ficam sempre chocados e enojados com a

visão. Sentem nojo, ao qual sempre se julgaram superiores. Sentem raiva, indignação, impotência, apesar de todas as explicações. Gostariam de fazer algo pela criança. Mas não há nada que possam fazer. Se a criança fosse trazida para a luz do sol, fora daquele vil lugar, se fosse limpa e alimentada e confortada, isso seria uma coisa boa, na verdade; mas se isso fosse feito, nesse dia e hora, toda a prosperidade, beleza e prazer de Omelas iriam murchar e ser destruídos. Esses são os termos. Trocar toda a bondade e graça de cada vida em Omelas por essa única, pequena melhoria; atirar fora a felicidade de milhares pela possibilidade da felicidade de uma: de facto, isso seria deixar entrar a culpa dentro dos muros.

Os termos são estritos e absolutos; nem mesmo uma palavra amável pode ser dita à criança.

Os jovens vão muitas vezes para casa em lágrimas, ou numa raiva sem lágrimas, depois de terem visto a criança e se terem confrontado com este terrível paradoxo. Podem cismar sobre isto durante semanas ou anos. Mas, com o passar do tempo, começam a perceber que mesmo que a criança pudesse ser libertada, ela não iria retirar nada de bom da sua liberdade: um pequeno prazer vago de calor e comida, sem dúvida, mas pouco mais. Está demasiado degradada e é demasiado imbecil para conhecer qualquer alegria real. Tem estado amedrontada durante demasiado tempo para alguma vez se libertar do medo. Os seus hábitos são demasiado rudes para que possa responder ao tratamento humano. Na verdade, depois de tanto tempo, sentir-se-ia miserável sem os muros para protegê-la, sem as trevas para os seus olhos, e sem os seus excrementos para se sentar neles. As suas lágrimas pela amarga injustiça começam a secar quando eles começam a aperceber-se da terrível justiça da realidade, e começam a aceitá-la. No entanto, são as suas lágrimas e raiva, as provas da sua generosidade e a aceitação de sua impotência, que são, talvez, a verdadeira fonte do esplendor das suas vidas. A felicidade deles não é insípida, irresponsável. Eles sabem que, como a criança, não são livres. Eles conhecem a compaixão. É a existência da criança e o conhecimento da sua existência que possibilita a nobreza da sua arquitectura, a aspereza da sua música, a profundidade da sua ciência. É por causa da criança que eles são tão gentis com as crianças. Eles sabem que se a miserável não estivesse lá a choramingar no escuro, o outro, o flautista, não poderia fazer música alegre, enquanto os jovens cavaleiros se alinham na sua beleza para a corrida à luz do sol da primeira manhã de verão.

Agora, vocês acreditam neles? Eles já não são credíveis? Mas há mais uma coisa a dizer, e isto é particularmente incrível.

Às vezes, uma das meninas ou meninos adolescentes que vão ver a criança não volta a casa para chorar ou se enraivecer, de facto, não volta para casa de todo. Às vezes, também um homem ou uma mulher muito mais velhos ficam em silêncio por um dia ou dois e depois saem de casa. Essas pessoas vão para a rua e caminham sozinhas. Continuam a caminhar e caminham directamente para fora da cidade de Omelas, saindo pelos seus belos portões. Elas continuam a caminhar, atravessando os campos agrícolas de Omelas. Cada um vai sozinho, o jovem ou menina, homem ou mulher. A noite cai; o viajante tem de passar pelas ruas da vila, entre as casas com iluminação amarela nas janelas até à escuridão dos campos. Cada um segue para oeste ou para norte, em direcção às montanhas. Eles continuam. Abandonam Omelas, caminham em direcção à escuridão, e não voltam. O lugar para onde eles se dirigem é ainda menos imaginável para a maioria de nós do que a cidade da felicidade. Não consigo descrevê-lo. É possível que não exista. Mas eles parecem saber para onde vão, aqueles que desistem de Omelas.

## CONTO MORAL A PROPÓSITO DAS CHUPADINHAS AOS MORTOS

ANTÓNIO DA CRUZ

No dia 6 de Dezembro de 1982, em Almada, as Forças Populares 25 de Abril mataram a rajadas de metralhadora, à porta de sua casa, um homem de nome Diamantino Monteiro Pereira, administrador da Fábrica de Louças de Sacavém.

As FP-25 justificaram a morte com os «graves conflitos laborais» que, sobretudo a partir de 1974, iam paralisando a fábrica, propriedade de uma família da aristocracia inglesa de apelido Gilbert.

Diamantino Monteiro Pereira não gostava que as operárias, oriundas das cinturadas pobres de Lisboa ou da província, engravidassem. Custava muito dinheiro. Uma empresa não pode perder dinheiro. Tem de gerir custos.

Na secção de tinturaria da fábrica usava-se uma tinta, cujo nome nunca retive, que continha um composto extremamente tóxico, talvez já ilegalizado à época. O senhor Monteiro Pereira sabia, há muito, que este composto era causador directo e quase infalível de abortos.

De cada vez que sabia uma das suas funcionárias grávidas, transferia-a de imediato para a secção de tinturaria, esperava pelo aborto e depois despedia-a.

A Fábrica de Louças de Sacavém foi durante mais de um século apontada como um ex-libris da indústria portuguesa.

\$\$\$

Eis tudo o que tenho a dizer sobre a morte pública de um senhor chamado Belmiro de Azevedo. Isto é: não sobre os vermes sob a terra, mas sim os que rastejam sobre ela.

# DESCOLONIZAR O BRASIL & AMÉRICAS

JOSÉ AUGUSTO

Os acontecimentos ocorridos na América (Virgínia), em torno da retirada de monumentos evocativos de personagens «confederadas» defensoras da escravatura, sublinham o que já se havia escrito no *Le Monde Diplomatique* sobre a permanência de monumentos evocando «criminosos» por toda a Europa: supostos descobridores, grandes aventureiros, eméritos colonizadores, pios evangelizadores, conquistadores invencíveis, dinâmicos investidores, saudosos patriotas, imperadores desde Roma, etc. Todos eles «invadindo e ocupando o nosso continente – até aí chamado Aby Yala pelas populações indígenas –, [representando] o despojo das riquezas naturais dos nossos países, a destruição das populações indígenas e a introdução da pior das selvajarias: a escravidão. Chegaram com a espada e a cruz, para dominar e oprimir, para impor seu poder militar e tentar impor sua religião» (viomundo.com.br). Afinal todos eles adeptos do «canibalismo» *Uético*, na feliz designação da tribo Cri, recuperada pelo ensaísta nativo Forbes (*Colombo e outros canibais*, Antígona): a designação *Uético* «remete para uma noção abrangente da agressão contra todos os seres vivos, de usurpação das posses e energias alheias (...), nomeia assim uma patologia: o desprezo pelo ser humano, a exploração do trabalho de outrem e a correlativa capacidade de destruição de toda a natureza».

O Brasil e a(s) América(s) precisam de ser descolonizados do modelo imposto, por genocídio, aos humanos ameríndios, o qual ilude e contamina as diferentes e actuais populações do continente. Há um modelo-sistema estranho aos povos e àquela parte do planeta que destruiu milhões de almas – e as que sobreviveram continuam hoje espoliadas, marginalizadas e pobres – e destruiu a ecologia do continente. A verdadeira descolonização passa «por mudar o modo de ver a História» (Grossam) e, sobretudo, pela inversão dos modelos de pensamento, ideias e ideais que emergem do modelo instalado nas Américas há cinco séculos, com base nas noções romanas de «civilização», propriedade e lei, e alimenta ilusões nas populações: as pessoas, ricas ou pobres, navegam num pensamento economicista e lucropata emergente e baseado no sistema, copiam e reproduzem o sistema opressor não atendendo à canibalização/destruição do continente, humilhação, injustiça e pobreza a que são votados ou de quem os rodeia, dando origem a ideais e políticas poluentes, saqueadoras, racistas, segregadoras, militaristas, etc. É o «sonho americano» num «mundo novo» onde viviam povos há mais de 30.000 anos! A mente do próprio povo precisa de ser descolonizada de conceitos de raça, evangelismo, apropriação/meu, riqueza, dinheiro, lucro, crime/gangster, «modernismo», supremacia, etc. Depois, a descolonização no terreno avançará, com certeza, pela adopção de modelos de vida (relações sociais, produção económica) que reaproximem as populações da ecologia própria daquele continente, criando sociedades mais livres e avançadas igual e relacionalmente. É isto que pretende a reunião dos «Povos originários de nuestra América», configurando a ideia una do antigo continente Abya Yala «como parte de um processo de construção político-identitário relevante de descolonização do pensamento, [através] da compreensão da riqueza dos povos que aqui vivem há milhares de anos e do papel que tiveram e têm na constituição do sistema-mundo», alimentando a construção de um novo processo político-identitário (www.iela.ufsc.br/povos-originaarios).

Parte das estátuas evocativas dos confederados, como a de Lee, surgiram num ambiente «revanchista» e saudoso da opressão do outro aquando das leis americanas da «segregação», em torno da resistência no Sul (zona da ex-Confederação) à proclamação dos «direitos cívicos». Em 1880 foi aprovada a Lei Dawes, permitindo o roubo de terras e petróleo aos índios. E eles, os «supremacistas», lá estiveram a defender o simbolismo racista das suas estátuas evocativas. Esse fardado, chamado de Lee, combateu e «distinguiu-se» nas lutas com o México, cujo objectivo era subtrair a Califórnia e o Novo México aos locais, acto não tão diferente do que fizera quinhentos anos antes outro «herói» (?) conquistador, o espanhol Cortez, que destruiu o Império Azteca. Tanto Cortez como Pizarro, outro conquistador (no Perú), têm estátuas em Espanha. Absurdo será o «conquistador do Perú» ter seu túmulo na catedral de Lima. Também o francês Pétain, colaboracionista da II Guerra, se distinguiu pela aliança aos fascistas Franco e Rivera nas lutas coloniais contra os resistentes e nativos Berberes do Norte de África. Pétain perdeu o seu nome na última rua, perto de Ardenes, e as duas últimas estátuas do ditador Franco foram retiradas de Espanha em 2008 (Santander) e 2009 (enclave de Melilla). Mas as estátuas do «canibal» Colombo e outros continuam presentes entre as populações. «Durante os governos do falecido Hugo Chávez e de Cristina Kirchner, Venezuela e Argentina retiraram monumentos dedicados a Colombo e os substituíram por outros homenageando a resistência indígena» (g1.globo.com).

Os EUA, depois de conquistarem Bagdad, mostraram ao mundo o derrube da estátua evocativa do ditador Saddam, mas, tal como a Europa, que rejubilou com o derrube das estátuas dos estados totalitários de Leste, tem o seu território crivado de estátuas evocativas de «criminosos». A Europa também precisa de se desintoxicar, precisa de «mudar o modo de ver a História», como disse Grossam a Trump (New York Times). Quando olharmos para a História como ela foi, também nós mudaremos e teremos condições para mudar o planeta, abandonando este paradigma civilizacional com milhares de anos de escravatura, exploração, imposições, poderes, tortura, pobreza, criminalidade...

Porquê tanta invocação a imperadores e legionários romanos, em nome da civilização? Na boca de um bretão: «os romanos são bandidos que cobiçam o mundo inteiro» (Tácito). Entretanto, alguém pugna por tirar a estátua de Colombo, em Barcelona, argumentando que «apenas nos ensinaram o rosto amável desta pessoa, mas, por exemplo, nos diários de Colombo ele diz que com 50 homens podia subjugar todos [os indígenas] e torná-los criados muito bons. Há certas figuras que deveríamos parar de olhar com olhos de colonizadores e observar com olhos de oprimidos. Colombo era um escravista» (g1.globo.com). Como Lee e outros canibais *Uéticos*. Lembrem-se da obra de Amin Maalouf, *As Cruzadas vistas pelos Árabes?* Sobre ela registou o académico Alain Decaux: «Cada vez que encaramos as cruzadas é através dos relatos dos cruzados. Mas há também aqueles que foram invadidos (...) os habitantes desses territórios (...)». E do bretão, já mencionado, que chamou «bandidos» aos romanos, dizendo que eles iam «roubar, massacrar, pilhar» chamando a isso «civilizar»? (Tácito)

CARLOS D'ABREU

## AH, VÃ GLÓRIA...

Já lhe não basta  
o nome do civil  
para se afirmar  
e parecer ainda mais vil

precisa ter casta  
por isso o adjectiva  
qualifica e determina  
se viscondessa ou barão  
malata ou cabrão  
mas isso é passado!

O homem moderno  
porque inovador  
criou novas rimas:

Presidente, Doutor  
Engenheiro, Administrador  
Comandante, Director  
Chefe e (sub-repticiamente) Ditador

Mas nunca olvidar do EX.MO SENHOR!

[por vezes ainda Comendador]

FRANCISCO CARDO

## ÉVORA

O casario que se levanta no regaço da planície  
o branco de matizes que acorda a madrugada  
mátria da liberdade olho para ti como se visse  
viel as rugas ruas o promissor tempo de alvorada

Sussurrante o rumor dos teus passos intemporais  
luminoso o teu olhar brilhante meigo de sossego  
cidade mãe tão livre por direitos sempre iguais  
nas muralhas habituadas ao sorriso de aconchego

Curvilíneas surpresas em mouriscas tardes brasas  
amável teu abraço aos dias felizes do calendário  
urbe a ti encarecidamente evoco que me dê as as  
e faças poemar em teu seio este verbo libertário.

ANTÓNIO ALBATA

## POR FALAR EM DEVIR

conta-se que em certos povos do México  
antes da invenção da roda  
os escravos arrastavam blocos de pedra soberbos  
pesadíssimos  
por montanhas selvas quilómetros dias e  
que as crianças  
caminhando lado a lado  
levavam os brinquedos toscos  
postos sobre  
pequenos cilindros  
que durante séculos rolaram  
entre gritos de dor  
e reinadio

JOÃO MENDES DE SOUSA

## [SEM TÍTULO]

é quando estás prestes a parar  
sair na estação correcta  
que a paisagem distorce por segundos  
uma efémera eternidade  
suficiente para reformular  
todas as decisões tomadas  
desde sempre

apoias os braços nas portadas  
chamas toda a gente à tua volta  
a paisagem distorceu  
para sempre  
nos próximos cinco minutos  
todas as decisões  
tomadas para sempre



**RBI,  
OU MAIS UM  
PALIATIVO DO  
CAPITALISMO**

JOSÉ FEITOR ilustração | RUSSO texto



**H**á quem diga que o Rendimento Básico Incondicional é o atalho capitalista para o comunismo perfeito. Outros afirmam que é desta que o liberalismo económico vai garantir a dignidade de todos os consumidores. Por fim, ainda existem aqueles que duvidam desta ideia e lhe chamam uma anedota utópica. Mas como é difícil acreditar em milagres ou, na sua versão secularizada, em almoços grátis (parafraçando o título da crónica de humor semanal do abominável franciscano no *Diário de Notícias*), o que leva filósofos marxistas, como Toni Negri, e antropólogos anarquistas, como David Graeber, a defenderem uma política social que também atrai a atenção de empreendedores como Mark Zuckerberg ou Elon Musk?

À primeira vista, um RBI parece ser uma ideia sedutora para todos, particularmente num contexto de gradual automatização do trabalho e de desaparecimento sistemáticos dos empregos tradicionais: um rendimento suplementar que pode ser acumulado com o salário de cada um ou com qualquer outro subsídio, significando isto, sinteticamente, que cada um teria mais dinheiro no bolso do que na sua situação actual, o que lhes permitiria aumentar o seu leque de opções, como abandonar um emprego alienante e aprender a tocar guitarra ou ver vídeos de tetrís a tarde inteira. Para sustentar essa posição, Parijs apresenta dois factores que mostram como o RBI é desejável: em primeiro lugar, devido às dificuldades que um agregado familiar actualmente tem para suprimir as carências básicas. Assim, substituindo a rede de segurança que é garantida pelos subsídios assistencialistas por um rendimento básico, estar-se-ia em condições de eliminar a distinção abismal entre quem tem bons e maus empregos. Por outro lado, existe um factor histórico a ter em conta: com a queda do império soviético e o declínio do socialismo, o RBI emerge como tocha inspiradora que reacende a fé nas ruínas do soviétismo e guia os crentes desiludidos em direcção ao comunismo. Mas será que estes camponeses e operários aceitariam um rendimento que não seria só distribuído por eles e pelas suas famílias, mas também por todos aqueles que não partilham da sua ética e cultura do trabalho? Considerariam justo que fosse atribuído um subsídio àquelas pessoas que não querem trabalhar? Ou achariam exploratório que um bando de desempregados voluntários estivesse a receber uma pensão à custa do seu árduo e alienante trabalho?

Num texto de 3 de Setembro de 2014, publicado no portal esquerda.net, Roberto Merrill, que é o principal animador da discussão teórica em torno do RBI por cá, ataca esta questão e tenta refutar todos os argumentos que podem dar alguma validade à *objecção da exploração* ao rendimento básico incondicional, particularmente os que foram apresentados por Gijs van Donselaar, em *The Right to Exploit: Parasitism, Scarcity, Basic Income* (2009). A questão que se coloca é esta: será que aqueles que estão a receber e a usufruir legitimamente do seu RBI, sem contribuírem, estão a explorar os trabalhadores que produzem riqueza para constituírem esse mesmo rendimento básico universal? Merrill acha que não: primeiro, porque se deve rejeitar a ética do trabalho, que é incompatível com a ideia de neutralidade do estado; segundo, porque se pode aceitar a exploração de alguns, caso isso melhore a liberdade democrática de todos; terceiro, porque, na verdade, nem existe exploração real, a partir do momento em que aqueles que decidem não trabalhar estão graciosamente a gerar oportunidade de trabalho para os restantes; quarto, dado que todos têm direitos de propriedade sobre uma parte dos recursos naturais ou das riquezas produzidas, não há lugar a uma relação laboral de exploração. Talvez seja importante perder algum tempo a avaliar a legitimidade de cada uma destas teses, pois não parecem ser particularmente convincentes.

A primeira resposta à objecção da exploração parece, desde logo, conter uma premissa errada, que se relaciona com a ficção da neutralidade estatal. O estado, porém, não é nem uma ferramenta neutral, que pode ser utilizada ao serviço da libertação de uma determinada classe durante a revolução (como afirma Lenin em *O Estado e a Revolução*), nem uma instituição imparcial e independente de quaisquer interesses de elite. Pelo contrário, o estado está longe de encarnar uma aparência angelical: é uma instituição autónoma, que funciona com o propósito de garantir vantagens para a elite que a controla, sendo tendencialmente conservadora, no sentido em que age de forma a manter o *status quo* intacto, através da intervenção directa nos mecanismos de criação de um discurso de domínio. Neste sentido, o estado não se apresenta como uma instituição neutral, mas como uma ferramenta neutralizadora da dissensão, quando esta se torna prejudicial para a sua administração. A discordância, porém, pode ser benéfica para a manutenção do sistema de domínio (de certa forma, a ideia de pluralismo na democracia representativa corresponde a esse desígnio) e pode colaborar para esse propósito: é muito interessante verificar que a discussão em torno do RBI chegou ao parlamento português em 2017, que serviu de anfitrião para a edição do 17º congresso da BIEN (Basic Income Earth Network), demonstrando como esta medida política se pode tornar útil para a conservação do sistema de exploração que Merrill alegadamente consegue rebater no artigo já referido.

Merrill, porém, levanta um ponto crucial com esta tentativa de refutação, que se relaciona com a crítica à ética do trabalho, enquanto motor ideológico da sociedade de mercado. Ocultada pelo sofisma da meritocracia (os melhores vão triunfar na vida e enriquecer), o estoicismo inerente desta ideia implica que a própria personalidade e carácter de cada um sejam moldados pelo trabalho árduo que realizam. Claro que esta ideia foi cara a tradições anti-liberais e socialistas - particularmente ao anarquismo de primeira vaga, que definiu a cultura do trabalho como um dos principais caminhos para que cada trabalhador pudesse alcançar a integralidade -, mas, recentemente, o foco foi realocado para a importância do ócio como forma de libertar os indivíduos da dominação provocada pelas actividades produtivas (veja-se, por exemplo, *The Abolition of Work*, de Bob Black). Definitivamente, não é a questão da abolição do trabalho que está aqui verdadeiramente em causa, como se comprova pela terceira resposta que formula à objecção da exploração. Incorrendo no erro de determinar que o desemprego voluntário corresponderia à criação de oportunidades para os que querem trabalhar, o discurso é imediatamente projectado para o domínio do mercado de trabalho liberal e da competitividade que lhe é inerente. O real problema que aqui está exposto inscreve-se na tentativa de demonstrar que a exploração seria abolida porque algumas pessoas decidiriam que não precisavam de trabalhar porque recebiam um subsídio que lhes garantia a sua subsistência. Mas será que esse cenário seria previsível?

Tudo leva a crer que não, por diversos motivos. Em primeiro lugar, a exploração continuaria a existir nesse cenário hipotético, nem que seja pelo facto de que algumas pessoas teriam de continuar a trabalhar e, por isso, estariam agrilhoadas às relações empregador-empregado habituais. Claro que os apóstolos do RBI diriam que a margem negocial do trabalhador aumentaria: como teria mais dinheiro disponível, poderia recusar empregos mais precários e teria um leque de opções mais alargado. O problema é que a injeção de dinheiro no mercado (que, caso não aconteça, implicaria uma redistribuição de bens, o aumento da carga fiscal e a realocação de financiamentos), através do rendimento básico, aliado ao facto de que o desemprego forçado iria previsivelmente diminuir, poderia resultar numa crise de superinflação. Com rendas, serviços e bens consumíveis a

## O que é o Rendimento Básico Incondicional (RBI)?

Segundo Philippe van Parijs (*Arguing for Basic Income*, Verso, 1992) - o arquitecto do RBI -, trata-se de um rendimento universal, não necessitando de qualquer tipo de elegibilidade. Difere dos rendimentos de tipo assistencialista e condicional, como o Rendimento Social de Inserção (RSI), porque é pago a indivíduos (e não a agregados familiares), independentemente das fontes de obtenção de outros rendimentos, e não é exigível comprovar que já se trabalhou ou sequer demonstrar disponibilidade para aceitar um emprego.

## Como surgiu a ideia de um Rendimento Básico Incondicional?

Os teóricos do RBI asseguram que esta ideia teria sido já advogada por Bertrand Russell, no final da Primeira Guerra Mundial, quando este sugeriu um rendimento básico como síntese das propostas apelativas do socialismo e do anarquismo. Mas as primeiras propostas parecem ser anteriores: Thomas Paine, um dos pais fundadores dos EUA, falava já da criação de um fundo gerado a partir da renda paga por todos aqueles que possuem ou extraem rendimento da terra. A ideia da terra como bem-comum da humanidade ou da nação incentivou diversos pensadores do libertarismo de esquerda (Herbert Spencer, Henry George e Hillel Steiner) a incorporar um rendimento básico nas suas teorizações. Também na direita económica têm existido diversos apoiantes, destacando-se Milton Friedman e Richard Nixon, que se mostraram favoráveis a apoiar a implementação de um imposto negativo sobre o rendimento (pessoas que recebem abaixo de um certo valor padrão têm direito a receber um pagamento suplementar por parte do estado, em vez de pagarem impostos), que partilha algumas semelhanças com o rendimento básico incondicional.

## Como se financia um Rendimento Básico Incondicional em Portugal?

Ninguém sabe.

aumentar de preço, é de imaginar que o aumento absoluto de rendimentos de todos poderia não se reproduzir num aumento real do seu poder de consumo. A margem negocial do trabalhador com o patrão continuaria a ser relativamente baixa, os mais desprotegidos teriam de continuar a trabalhar para pagar as contas, que agora estariam mais caras, e, no fundo, a desigualdade e a exploração laboral não se tornariam recordações de um tempo de escassez.

*E o que fazer aos inumanos, principalmente na realidade actual, com a migração forçada de refugiados para o ocidente? Além de se estruturarem enquanto grupo mais débil e desprotegido, estão afastados do direito à cidadania e, muito provavelmente, não teriam direito a auferir o RBI, o que aumentaria ainda mais o desequilíbrio social e a marginalização que daí advém.*

A réplica mais absurda, porém, é bem capaz de ser a segunda, na qual Merrill nos diz que aceitar o RBI implica aceitar a exploração de alguns, caso isso melhore a liberdade democrática de todos. É evidente que estamos perante uma falácia primária de índole neo-republicana, pois a exploração continua a existir, mesmo que se determine que qualquer outra ideia é mais importante, seja ela a de liberdade democrática ou de despotismo esclarecido. Na realidade, o argumento apresentado determina que é justo subordinar as condições de existência de alguns escravos para que a vida democrática da cidade floresça, o que não é muito distante do que acontecia na Grécia Antiga. Curiosamente, tudo isto se aproxima daquilo a que Merrill gosta de denominar uma "democracia de proprietários", como o projecto político que iria emergir de uma sociedade onde o RBI está implantado. Claro que para ele isso não tem qualquer carga pejorativa, todos seriam proprietários e teriam mais tempo livre para se dedicar à discussão na polis, a manhãs de Você na TV ou a tardadas de caça. Mas se a propriedade material é sempre limitada à escassez de recursos, é natural que uns sejam mais proprietários que outros (como acontece agora) e que uns tenham de trabalhar mais que outros (como acontece agora). Assim, já que o RBI parece não ser a medida adequada para acabar com a exploração, pode ao menos diminuir a desigualdade?

Isto conduz-nos, finalmente, à quarta e última resposta de Merrill à objecção da exploração, afirmando que todos têm direitos sobre a totalidade dos recursos naturais ou sobre a riqueza que lhes foi extraída. Partindo da premissa libertarista de esquerda *steinariana*, o argumento assenta na convicção de que todos os humanos têm direitos de propriedade a partes iguais dos recursos naturais, desde que deixem sempre uma parte legítima para os outros. Caso esta situação não ocorra, resta pagar uma compensação àqueles que chegaram e já só viram cercas a limitar os terrenos. Assim, estes pobres miseráveis que não foram suficientemente empreendedores ou que tiveram azar de nascer tarde de mais podem legitimamente reivindicar uma parcela do valor produzido por quem se apropriou desses recursos em primeiro lugar. O problema é que a divisão da propriedade e a exploração dos recursos naturais não começou no tempo do Cavaco, mas já tem uns séculos valentes em cima, o que torna bastante complexo definir quem foi o primeiro ocupante - provavelmente morto - ou pelo menos a sua linhagem. E bater à porta do tetraneto em centésimo grau a pedir-lhe compensação por o seu antepassado ter criado uma quinta parece, no mínimo, patético. O problema de redistribuição da compensação intergeracional parece irresolúvel. Soma-se a isto o valor irrisório

que surgiria da redistribuição de recursos naturalmente escassos. *For the sake of argument*, restaria redistribuir tudo o que tivesse sido produzido, tornando todos os bens produzidos a partir dos recursos em herança comum. Mas a redistribuição precisa sempre de um agente que execute esse acto megalomaniaco e, aí, está sempre à espreita o estado para se engrandecer e, principalmente, para aumentar a sua teia de controlo de todas e quaisquer transacções - voluntárias ou não - entre indivíduos: aqui, o

RBI está já próximo de uma distopia totalitarista. A esta crítica, importaria juntar uma de carácter ecologista, que provavelmente focaria a sua mira nesta aparente redução da natureza a métricas economicistas, como bem detecta van Parijs, e no entendimento do ambiente como um recurso natural que existe para gerar valor, bens e rendimentos. Claro que podíamos pensar num RBI financiado a partir de uma taxa sobre as petrolíferas e restantes exploradoras de combustíveis fósseis, mas mesmo que o valor que daí fosse extraído fosse significativo, não seria essa uma magnífica forma do predadorismo capitalista esvaziar e enfraquecer as lutas ecologistas, dando dinheiro às pessoas para que estas ignorassem o real problema da destruição da natureza? Não iria, aliás, acelerar esta destruição, pois os conglomerados seriam forçados a explorar os recursos com maior violência para anular a perda de rendimento provocada pelo imposto que pagaria o RBI?

Finalmente, há mais alguns detalhes do RBI que importa analisar. Além de não haver grandes respostas às alegações de que o rendimento básico incondicional fomenta a exploração e não resolve minimamente o problema da desigualdade, é afirmado que o subsídio é universal, portanto para todos. Mas quem é este sujeito

indivíduos que habitam num determinado território. Trata-se, enfim, de uma crítica à ilusão de cidadania universal, que pressupõe uma vinculação ao essencialismo humanista: todos são reconhecidos como cidadãos se fizerem parte do grande ideal eurocentrista iluminista (isto é, patriarcal, racionalista, branco). E o que fazer aos inumanos, principalmente na realidade actual, com a migração forçada de refugiados para o ocidente? Além de se estruturarem enquanto grupo mais débil e desprotegido, estão afastados do direito à cidadania e, muito provavelmente, não teriam direito a auferir o RBI, o que aumentaria ainda mais o desequilíbrio social e a marginalização que daí advém.

Mas será que este argumento se mantém, caso estes inumanos possam usufruir de outros rendimentos (esquecendo agora que os subsídios só são atribuídos a cidadãos nacionais), como o caso do "humilhante e estigmatizante" RSI (qualificações de Van Parijs)? O académico alerta para o facto de o assistencialismo e o estado-social não estarem em causa com o RBI, e isso levanta o último problema que gostava de abordar em *A Batalha*: quem paga o rendimento básico incondicional? A pergunta não é nova e já foi feita por Francisco Louçã, num artigo intitulado "Distribuir dinheiro sem pagar a conta?", de Fevereiro de 2017. Parece que as contas para Portugal eram de um financiamento à volta de 54 mil milhões de euros durante um ano, que daria cerca de 450 euros mensais a cada pessoa, durante um ano. Assim, caso o RBI fosse para a frente por cá, seria de crer que não só os subsídios estariam em causa, como provavelmente serviria para minar os já sofríveis serviços de educação e saúde públicas. Perante a falência do estado social, o RBI apresenta-se como paliativo para este cancro e como mais uma medida de gestão do capitalismo, servindo-nos das palavras de M. Ricardo de Sousa.

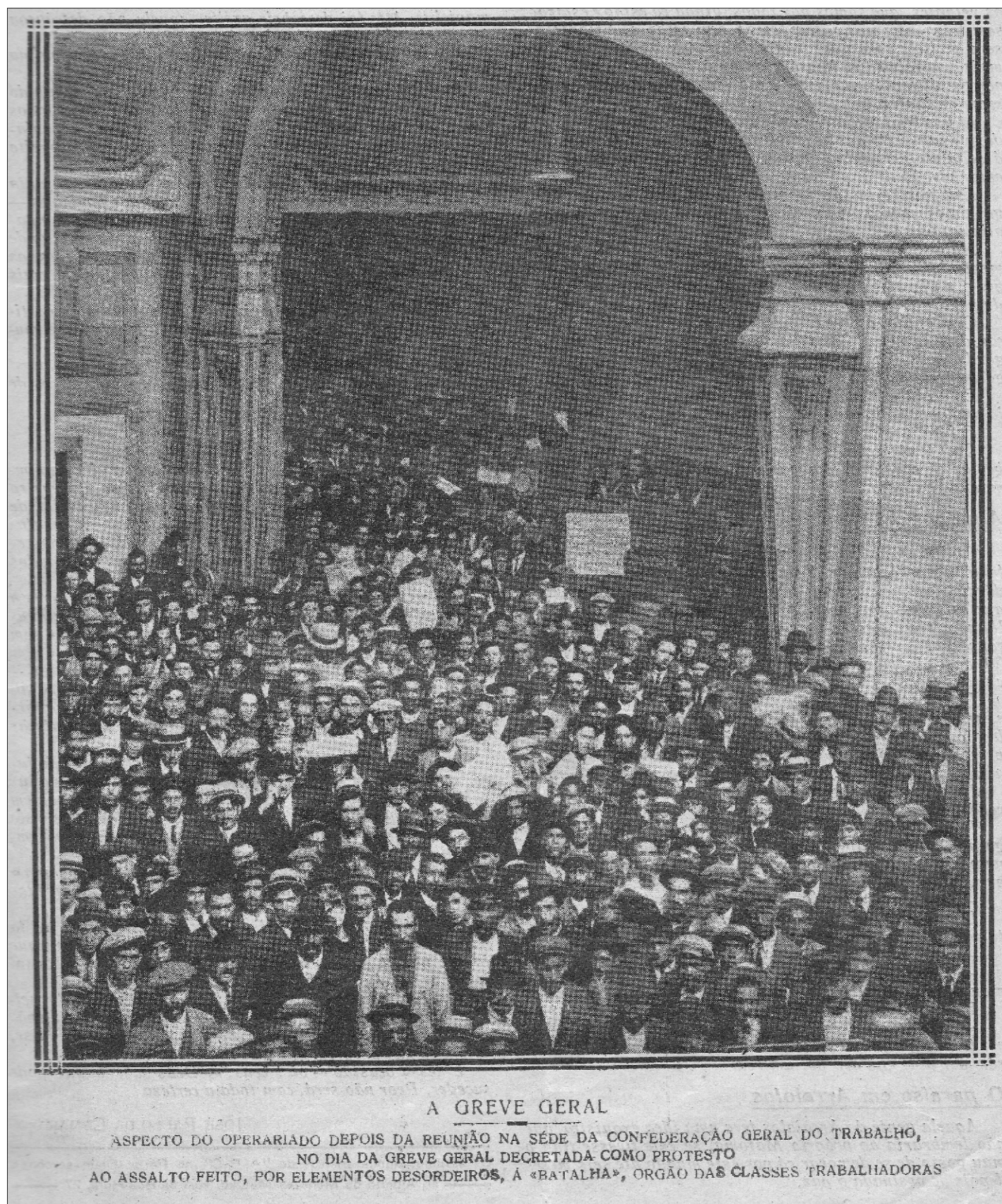
Por 450 euros por mês é de duvidar que a malta deixasse a alienação e passasse a dedicar-se à vida boa. Por Lisboa talvez nem chegasse para a renda. A liberdade real que van Parijs advoga e que é acolhida pelos militantes do RBI talvez não favorecesse assim tanto o acesso ao ócio (quando, na realidade, o que pretendem é aceder ao lazer, para continuar a olear a máquina). Afinal, como Louçã afirma, "O RBI é só dinheiro e só dinheiro". Paca, guita, cheta. É apenas uma forma de distribuir o vil metal pela malta. Apesar de estar mascarada de poção salvífica para a intelectualidade liberal, não passa de uma ferramenta filisteia de gestão da mediocridade. Por isso, quando os

*A liberdade real que van Parijs advoga e que é acolhida pelos militantes do RBI talvez não favorecesse assim tanto o acesso ao ócio (quando, na realidade, o que pretendem é aceder ao lazer, para continuar a olear a máquina). Afinal, como Louçã afirma, "O RBI é só dinheiro e só dinheiro". Paca, guita, cheta. É apenas uma forma de distribuir o vil metal pela malta. Apesar de estar mascarada de poção salvífica para a intelectualidade liberal, não passa de uma ferramenta filisteia de gestão da mediocridade.*

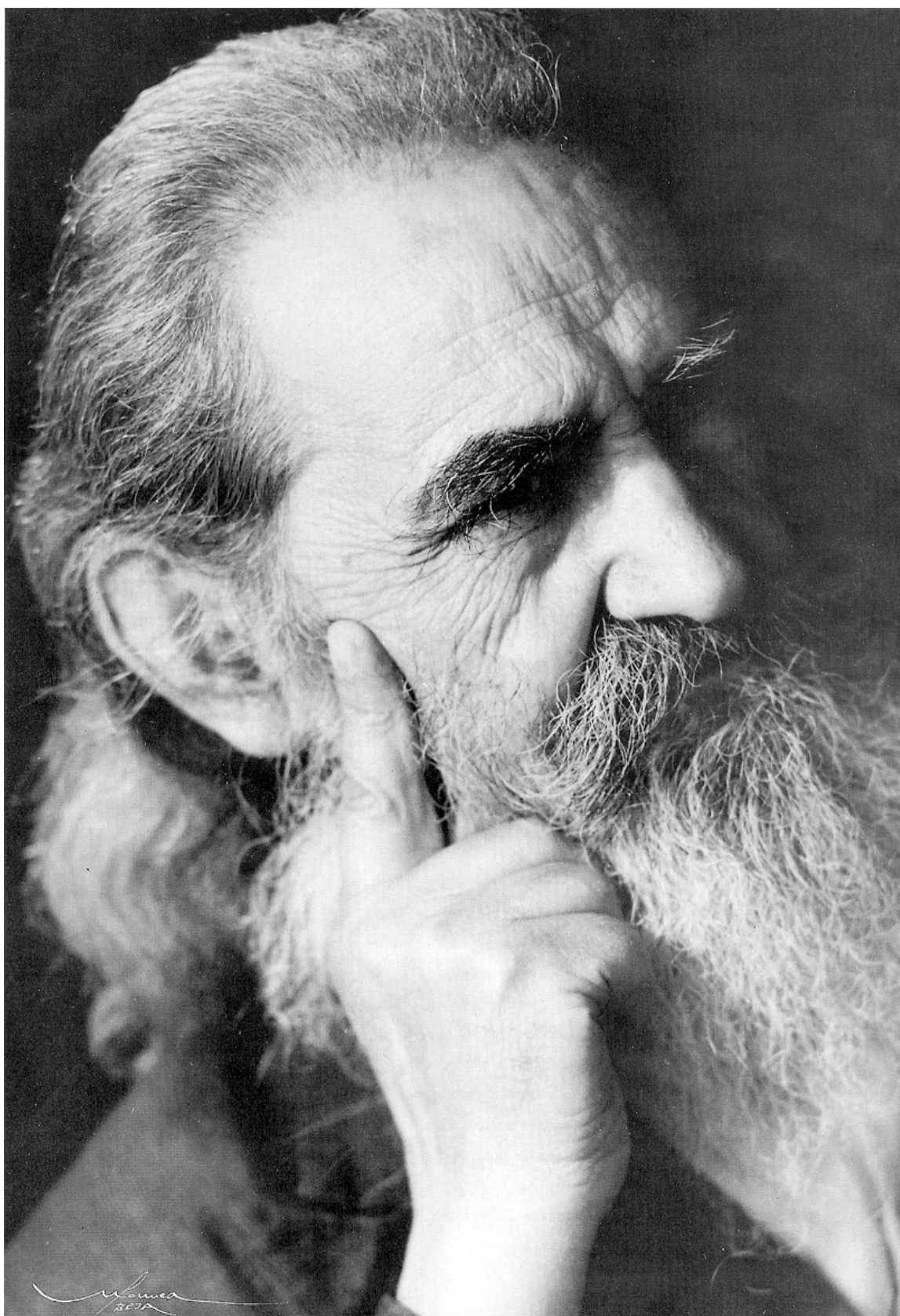
tão ambíguo que parece representar uma totalidade? Como o RBI seria distribuído a uma comunidade definida por um estado-nação, o sujeito *todos* está vinculado à noção de cidadania. Por isso, e para simplificar, o RBI seria atribuído a todos os cidadãos de um determinado estado. A subtilidade que parece escapar aos seus teóricos, é a de que a cidadania não é universal, mas, na verdade, um conceito de filtragem e marginalização de grupos e

seus activistas referem que o RBI é inspirador ou um mecanismo que cada um de nós pode usar para alcançar a vida boa, o que eles querem mesmo dizer é que gostavam de ter tempo disponível para ir aos saldos no El Corte Inglés ou participar na enésima assembleia estatutária do LIVRE.

# PARA A HISTÓRIA DE *A BATALHA*



Março de 1920. Após a greve geral dos metalúrgicos, grande mobilização do operariado português contra o assalto às instalações da Confederação Geral do Trabalho e da redacção de *A Batalha*. Fez capa na revista *ABC*, dirigida pelo «anarco-monárquico» Rocha Martins, figura próxima de Ferreira de Castro, Pinto Quartim e Stuart de Carvalhais.



# **ANIVERSÁRIO DA MORTE DE GONÇALVES CORREIA**

FRANCISCA BICHO

**A**ntónio Gonçalves Correia (G.C.) morreu a 20 de Dezembro de 1967, portanto, exactamente há 50 anos, pelo que nos propomos deixar uma breve nota de homenagem no último artigo que em 2017 escrevemos sobre esta figura ímpar do Alentejo e, em particular, da pureza dos ideais anarquistas que sempre defendeu e procurou expandir em propaganda permanente.

Corre Dezembro de 2017 e neste mês iremos lembrar G.C. pela notícia que o *Diário do Alentejo*, de Beja, em 27 de Dezembro de 1967 registou em «Lutuosa», e ainda pela adaptação de palavras do próprio Gonçalves Correia escritas no ano de 1940, em elogio fúnebre a um amigo, e que bem poderemos dedicar ao próprio.

Dos anos sessenta do século passado, recordamos a figura de cabelos compridos e barbas grandes, aspecto invulgar numa cidade pequena como Beja e num Portugal cinzento e adverso a quaisquer sinais de diferença ao considerado normal, tratava-se de Gonçalves Correia, o homem envelhecido, porventura triste e magoado, a sombra da luz que irradiara ao propagar a Luz da Anarquia que desejava viesse a acontecer.

Segundo afirmava uma das netas mais velhas, Gonçalves Correia terá vivido em sua casa, residência da filha mais velha, lá se apresentando muitas vezes de mão encostada à cabeça, pensativo, dizendo que «pedisse ao seu Deus» um qualquer oportuno pedido, ele que apenas se dizia «deísta» se Deus correspondesse a todas as perguntas que fazia, como por exemplo «(...) Deus reside numa flor? (...) Deus é a água que nos mata a sede? Deus é o pão que

*Dessa Terra nascerão lírios, seres delicados e incompreensíveis. Pretendemos que de toda a Terra que enriquece o vasto globo, brotem utilidades magníficas a distribuir generosamente pela humanidade que agoniza nas garras da desventura.*

nos livra da fome? (...) Deus é um beijo dum filho? Deus são os afagos ternos da companheira? Deus é a solidariedade? Deus é a Liberdade? Deus é o amor?» assim escrevia G.C. no seu jornal *A Questão Social* e dessa forma seria então um crente em Deus.

Depois desse período em casa da filha, Gonçalves Correia teria ido para uma instituição em Carnaxide, onde veio a falecer com 81 anos, e do facto regista o *Diário do Alentejo* na data já mencionada - «causou profunda consternação, entre a população de Beja, o falecimento do Sr. António Gonçalves Correia, ocorrido no passado dia 20, na Casa de Saúde de Carnaxide», e depois de referir a amizade e consideração que merecia na cidade e distrito, bem como o seu nascimento em S. Marcos da Ataboeira, a sua actividade de caixeiro viajante, afirma ainda «Culto, inteligente, professou desde sempre ideais generosos e a eles se manteve sempre fiel, suportando, por vezes, duros reveses. Na imprensa regional exerceu também valiosa actividade».

As palavras escritas neste jornal são obviamente as

possíveis no contexto da censura da época, limitando-se a notícia a referir ainda os diversos nomes dos familiares a quem o jornal apresenta condolências.

Sobre o texto de Gonçalves Correia datado de 1940, que iremos considerar e adaptar, ajustando-o à memória da sua morte, como que a celebrar a vida, diremos em

*A civilização, querido amigo, de que foste pioneiro dedicado, se realmente existisse, tomaria à sua conta, agora que o teu braço inerte já não pode, a tua desolada família, amparando-a carinhosamente. Mas a civilização (...) é por enquanto uma palavra vã.*

primeiro lugar que se tratava de umas tiras de papel manteiga escritas a lápis por G. C., que foram guardadas pelo filho do homem, António Soares, a que se destinaram, as mesmas que muito mais tarde chegaram às mãos de Maria José, neta de Gonçalves Correia, que as inscreveu em suporte informático e fez o favor de nos oferecer como um belo texto do Homem de que nos ocupamos a guardar memória.

Nesse elogio fúnebre, G.C. começava por afirmar «Não morreste António Soares. É uma ilusão. Vives e continuarás a viver enquanto existirem pessoas das que tiveram a dita de apreciar o teu espírito gentil. Foste um bom, e os bons não morrem. É certo que o teu ser material vai descer à terra sagrada que tudo consome e tudo cria. Mas o teu espírito, que é o mesmo que dizer o teu belo cérebro e o teu magnífico coração d'oiro, lembrará eternamente

às criaturas que tanto e tanto o apreciavam».

E depois de se referir à crueldade da morte, que deixa os amigos e a família em sofrimento, mulher e filhos com necessidades a que não haverá solidariedade que valha, pois que são raros os de nobre coração, prossegue Gonçalves Correia:

*«Pobre amigo! Tu, que não foste cruel nem egoísta, condenaste, como eu, como todos nós, o erro maldito que torna o mundo um inferno dantesco! A nós, que amamos a Humanidade e a civilização, como tu a amaste, compete o simpático labor de contribuir para que a Guerra, monstro apavorante, termine a sua obra de rancor e ódio.*

*A civilização, querido amigo, de que foste pioneiro dedicado, se realmente existisse, tomaria à sua conta, agora que o teu braço inerte já não pode, a tua desolada família, amparando-a carinhosamente. Mas a civilização, António Soares, é por enquanto uma palavra vã. (...)*

*Querido companheiro d'uma nobre e sagrada missão!*

*Heróico soldado do bem e do amor! Unidade magnífica do cristianíssimo exercício que luta ardorosamente pelo reinado da justiça! Do coração te desejamos descanso eterno, que bem mereces pela ternura com que ajudaste os humildes e pelo vigor com que combatestes o que era mau e ruim!*

*Nós os que não descansaremos um momento enquanto*

*existir no mundo uma criatura em sofrimento, continuaremos a trabalhar para que a dor, obra demoníaca, dê lugar à Alegria de viver, obra sagrada e simpática! (...)*

*Vamos deixar-te querido amigo, daqui a momentos, confiando-te à Terra Mãe, que cria as flores mais aromáticas e os espinhos mais agrestes. E a Terra, toda a Terra, é Bendita e Sagrada. Terra que produz o Pão que aclama as exigências do organismo, e que em contraste flagrantíssimo, produz os metais com que se fabricam as armas que despedaçam o coração! (...)*

*Foste trabalhador infatigável, demonstrando, como componente da honradíssima classe operária, que o trabalho útil, como sempre foi o teu, é e será eternamente o factor máximo e indispensável do Progresso. Fazem falta os homens como tu, António Soares. Gente nula, há muita, desgraçadamente. Homens, homens verdadeiramente, há poucos. E tu eras um homem.*

*Está húmida, por motivo da água que há poucas horas caiu dos astros, a Terra que vai cobrir o teu gelado corpo. Dessa Terra nascerão lírios, seres delicados e incompreensíveis. Pretendemos que de toda a Terra que enriquece o vasto globo, brotem utilidades magníficas a distribuir generosamente pela humanidade que agoniza nas garras da desventura.*

*Querido amigo: Adeus! Descansa em Paz!*

*30/09/1940, Gonçalves Correia».*

O Homem que escreveu tais palavras, Gonçalves Correia, revela através delas toda a sua sensibilidade em relação ao amigo e certamente camarada de ideias e ideais, realçando toda a convicção nos valores que deveriam ser os da Humanidade e do amor à Terra, mas também toda a beleza que sempre conseguia imprimir aos seus textos, como por exemplo quando afirma que da «Terra nascerão lírios, seres delicados e incompreensíveis. Pretendemos que de toda a Terra que enriquece o vasto globo, brotem utilidades magníficas a distribuir generosamente pela humanidade que agoniza nas garras da desventura».

Neste aniversário da sua morte, aqui deixamos o alcance da ideia que transmitiu em 1940, pois as palavras fazem ainda todo o sentido para a época em que vivemos.

## O CÁLCULO

ANTÓNIO PEDRO RIBEIRO

**O** cálculo é a nova forma de barbárie, segundo Edgar Morin. O cálculo não permite o sentimento, não permite a sensibilidade, não permite o amor. Tudo se resume a números, negócios e estatísticas. Tudo obedece à grande finança e à mercearia. Vivemos sob o império do dinheiro e do mercado e as nossas mentes cedo são preparadas para isso. Sim, a

família e a escola cedo nos incutem os "valores" do sucesso e da competição. Desde logo há vencedores e vencidos. Desde as notas escolares. Cedo nos impõem hierarquias, desde antes do nascimento. E o cálculo agrava tudo. O cálculo devora tudo. Tudo é frio, mecânico, tecnológico.



# UMA DÉCADA DE TERAPIA RUIDOSA

Entrevista aos dUASsEMiCOLCHEIASiNVERTIDAS

**F**undada em 2007, a Associação Terapêutica do Ruído (ATR) tem animado a cena musical mais marginal na última década, tanto pela organização e promoção de diversos concertos, como pela actividade regular dos dUASsEMiCOLCHEIASiNVERTIDAS (dSCi), irmã gémea com a qual mantém uma relação incestuosa. Encontrámos o Boris Nunes, o João Desmarques e o Diogo Marques ao final da tarde – depois de terem passado cinco horas a preparar uma zine com as 33 + 1 capas do seu último single *Poda/Enco* – e deitámo-nos no divã para uma sessão de terapia colectiva.

**A Batalha:** Recuemos até 2007. Falem um pouco de como é que vocês se encontraram e decidiram formar a ATR.

**Boris:** Na altura, eu estava pela Zaragata e passava lá umas temporadas com o Henry. Fazíamos improvisação, eu no baixo e ele na bateria e abríamos bastantes

concertos de bandas que lá fossem tocar. Depois começámos a ensaiar com o Flapi, já em Lisboa, e alguns temas de dSCi começam a surgir daí. Entretanto o João junta-se a nós e começámos a marcar alguns concertos, na altura ainda sem nome para a banda.

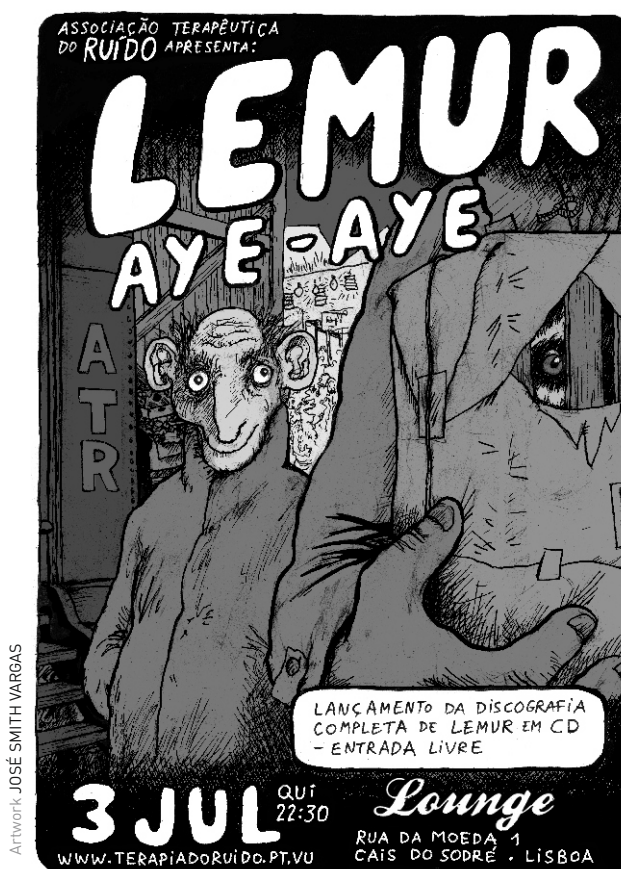
**João:** Eu vinha dos Lemur, que estavam parados na altura, e estava cheio de vontade de tocar. O Boris tinha este projecto embrionário com o Flapi e o Henry, precisavam de alguém para tocar guitarra e, mal chego, somos logo convidados a substituir uma banda num festival que estava a ser organizado na Casa da Serra [okupa da Serra da Arrábida desalojada em Janeiro de 2008], em Setúbal. O Flapi não pôde ir, por isso fomos só três, foi quase tudo improvisado, excepto algumas bases de temas que já tínhamos ensaiado antes. Este foi o primeiro concerto dos cOLCHEIAS, mas ainda sem nome. Nós contamos os 10 anos a partir do segundo concerto de dSCi, que foi no

antigo Espaço Centro de Desastres, nos Anjos [25/05/2007], em que pela primeira vez aparece o nome Associação Terapêutica do Ruído no cartaz. Ainda não aparece o nome "dUASsEMiCOLCHEIASiNVERTIDAS" porque a ideia original era ser só um símbolo: duas colcheias invertidas sacadas de uma banda desenhada. Pouco tempo depois desse concerto, quando foi para abrir as contas de email e MySpace, um de nós pôs o nome dUASsEMiCOLCHEIASiNVERTIDAS, apesar de nós não termos pensado no "semi". E, a partir de um erro, acaba por ficar estabelecido o nome da banda.

**A Batalha:** Como surge a ideia de fazer da ATR uma plataforma de organização de concertos, que fez com que começássemos a ver cada vez mais artistas estrangeiros a actuar em Portugal, fora dos canais de distribuição habituais?



Artwork MARIANA MARQUES



Artwork JOSÉ SMITH VARGAS

**Boris:** A ATR, quando surgiu, servia para marcar concertos para nós. Mas, logo em 2008, organizámos o primeiro concerto com uma banda fora da ATR, através de um contacto do João: foram os Familea Miranda, uma banda chilena entretanto radicada em Barcelona.

**João:** Quando ainda estava nos Lemur, tinha uma espécie de ATR bem mais pequena que se chamava Brigada Surreal e já tínhamos tentado trazer os Familea Miranda em 2006. O concerto estava marcado, anunciado, com cartaz e estava agendado para o Santiago Alquimista. Mas como os Familea Miranda estavam em San Sebastian e não tinham nenhum concerto agendado no caminho para Lisboa, eles preferiram não arriscar e cancelou-se o concerto. Curiosamente, os Lemur, que iam tocar com eles nessa data, não deram mais nenhum concerto, até se terem reunido em 2013, 2014 e no ano passado para finalmente tocarem com os Familea Miranda. Mas estabeleceu-se logo uma relação íntima e duradoura com eles e em 2008 tornaram-se na primeira banda internacional que recebemos como ATR. Por exemplo, o segundo EP de dSci foi gravado no estúdio que dois deles tinham na altura, em Barcelona: o Milo e o Jose gravaram e o Katafú fez a capa. E este single que acabámos de lançar também foi gravado no estúdio (Hukot) do Milo...

**Boris:** ...o Katafú já fez muito *artwork* para nós, desde capas a cartazes.

**A Batalha:** Por falar em *artwork*, cartazes e capas, uma das questões que mais sobressai na ATR é a atenção que vocês dão a esse pormenor. Quando surgiram, pensaram logo que seria adequado ter um diálogo entre a linguagem musical e as artes visuais?

**Boris:** Foi uma coisa natural. O cartaz para o tal primeiro concerto «oficial» dos dSci e da ATR foi feito pela Mariana Marques, irmã do João, e como temos muitos amigos e colaboradores que têm uma ligação muito grande às artes plásticas deu para conciliar facilmente.

**João:** Este cruzamento também se deve ao facto de nós termos sempre encarado cada concerto como uma

experiência única e, portanto, passa por construir uma relação entre a música que fazemos e essas formas de expressão gráfica. Acho que conseguimos mostrar isso com o single [Poda/Encó] que lançámos agora numa edição limitada em vinil e com 33 capas diferentes mais 1 da edição digital por Lucas Almeida [as capas foram feitas por Aleksí Laisi, Anafaia Supico, Ana Farias, Anatureza, André AFTA3000, André Lança, Animal Sentimental, Aude Barrio, Bárbara Assis Pacheco, Barbar Meuli, Begoña Claveria, Binau, Carlos Gaspar, Daniela Rodrigues, Germes Dean, Gonçalo Duarte, Irene Fernández Arcas, Jaime Rydel, José Smith Vargas, Juanito, Kro, Luís Luz, Marcos Farrajota, Mariana Marques, Mário Pegado, Marta Sales, Martina Manyà, Miss Inês, Moca, Nuno Barroso, Pedro Costa, Sara Franco e Vicente Nunes].

**A Batalha:** E têm colaboradores que não ficam só pela música, nem só pela ilustração, como é o caso da Aude Barrio, que faz parte de A.B.B.A. e que lançou a *tape* MAGMA. Que foi co-editada pela ATR e pela Pipoca. A Pipoca também é um projecto editorial vosso?

**Boris:** Em 2014, a Aude convidou-me para participar no Monstre Festival, um festival de edições independentes que ela organiza em Genebra e, na altura, conheci o colectivo inglês Zamzamrec. Os concertos eram gravados e como eles tinham um gravador de cassetes, disponibilizavam logo umas 100 cópias em formato físico. Fiquei com a ideia de criar uma editora que fizesse edições em cassette. Falei com a Aude e com o António Silva da ZigurArtists e formámos a Pipoca há três anos. Até agora, fizemos cassetes dos A.B.B.A., que é um projecto da Aude Barrio e do Bernardo Álvares, e entretanto a Aude formou também os Desflorestação com o Kro (aka krodela bestiole), duo de cybergrind que veio conosco na nossa última tour.

**A Batalha:** Vocês têm estado muito activos no movimento social lisboeta, colaborando em benefits [por exemplo, levaram Kafunfo no Soundystem, a Orquestra do Ruído e S for Seward ao RDA69 e à Da Barbuda, para os benefits Colaterais da Greve e Segunda Curva, em 2011, em sequência dos danos causados na carrinha utilizada para os

## O cadastro dos dSci

2007

0. Casa da Serra - Setúbal (+ ...)
1. Espaço Centro de Desastres - Lisboa
2. Casa da Serra - Setúbal (+ ...)
3. Crew Hassan - Lisboa (+ X + Complot)
4. Espaço Centro de Desastres - Lisboa (+ DisastroSapiens + Etacarinae)
5. Tambor Que Fala - Seixal
6. Bacalhoeiro - Lisboa (+ X)
7. Lugar Comum @ Fábrica da Pólvora - Barcarena (+ Eyes on the Sinner)
8. Armazém do Sal - Azambuja
9. Galeria Zé dos Bois - Lisboa (+ Lobster)
10. Natal Social @ Crew Hassan - Lisboa (+ A Caravana + Mahamudra)

2008

11. Casa da Serra - Setúbal (+ Mário Trovador + Enfrascados + Jamaica Produções)
12. Europa Bar - Lisboa (+ Miss Nicotine)
13. Grémio Lisbonense - Lisboa (+ Loja das Conveniências + A Caravana)
14. Musicbox - Lisboa (+ Riddim Culture)
15. Inlivi Caffé - Moita (+ Familea Miranda)
16. KyläKancra - Setúbal (+ Familea Miranda + Safety Matches + Mojo and The Maggots + Riddim Culture)
17. Santiago Alquimista - Lisboa (+ Familea Miranda + Gnu + Tiago Sousa)
18. Fábrica de Som - Porto (+ Familea Miranda)
19. Crew Hassan - Lisboa (+ Familea Miranda)
20. Grémio Lisbonense @ Ateneu - Lisboa (+ Diana e Pedro + Atma + Belarmino + Mário Trovador + 3 Marias + Feromona + ...)
21. Domus - Lisboa (+ Olivetreedance + Press Play + DJ Ride + ...)
22. Antiga Fábrica de Porto de Cavaleiros - Tomar (+ Esclerose + Estado de Sítio + Insulto + Underneath)
23. Fábrica Braço de Prata - Lisboa (+ Thollem McDonas)
24. Festival CCA Gonçalves Correia - Aljustrel (+ Coluna de Ferro + Insulto + Mário Trovador)
25. Festival Glória ao Rock - Glória do Ribatejo (+ Ali Farnat + R12 + ...)
26. Parágrafo Bar - Cacilhas
27. G.I.P.A. - Amoreira (+ Mário Trovador e a Companhia da Rua do Metro + Diana e Pedro + Coluna de Ferro + Artigo 19)
28. Grupo Desportivo da Mouraria - Lisboa (+ A Caravana + Kinds)
29. Chã das Eiras - Porto
30. Fábrica de Som - Porto (+ Without Death Penalty)
31. Lounge - Lisboa
32. Nachtarbeit @ Rote Flora - Hamburg (DE)
33. Anna & Arthur Infocafé - Lüneburg (DE)
34. Asta Wohnzimmer - Lüneburg (DE)
35. Emil - Zittau (DE)
36. 13eins - Ansbach (DE) (+ Traktor)
37. E3 - Ebersbach (DE) (+ Garfroschd + Psychonauten)
38. Juze - Denzlingen (DE) (+ My Angry Pony + Off The Grid)
39. Ekipo B - Barcelona (ES) (+ Familea Miranda)
40. Alfa Bar - Leiria (PT) (+ No More Rock'n'Roll Business)
41. KyläKancra - Setúbal (+ Hysteria + Massey Ferguson)

2009

42. Cabaret Maxime - Lisboa (+ Blackseat Bingo)
43. KyläKancra - Setúbal (+ Insulto + Acromaniacos)
44. 1 Ano de Resistência @ KyläKancra - Setúbal (+ Insulto + Sem Talento + I.A.C.)
45. Carnaval da Out.Ra @ "Os Franceses" - Barreiro (+ Gnu + B Fachada + The Ballyhoos)
46. Casa de Lafões - Lisboa (+ Blackseat Bingo + Mário Trovador)
47. Lavadouro de Carnide - Lisboa (+ Disarm You + Erizo)
48. KyläKancra - Setúbal (+ Bellenden Ker + Erizo)
49. Festa da Revolução @ Santiago Alquimista - Lisboa (+ Guta Naki + Kinds + Blackseat Bingo + Olivetreedance + Riddim Culture)
50. KyläKancra - Setúbal (+ Fuzz Orchestra + Traumático + Insulto)
51. Musicbox - Lisboa (+ Fuzz Orchestra + Cais Sodré Funk Connection)
52. Casa Viva - Porto (+ Fuzz Orchestra)
53. Central Pub - Bragança (+ Fuzz Orchestra)
54. "dUASSEMICOLCHEIASINVERTEBRADAS" @ Bacalhoeiro - Lisboa (+ L'Enfance Rouge)
55. "dUASSEMICOLCHEIASINVERTEBRADAS" @ KyläKancra - Setúbal (+ Determination + Companhia da Rua do Metro + Turn of the Stone)
56. Espaço Nimas - Lisboa (PT)
57. Kasal de Joves de Roquetes - Barcelona (ES) (+ Familea Miranda + Ou)
58. La Fabrik à Braques - Ene (FR)
59. Tovarna Rog - Ljubljana (SL)
60. Ambasad - Beltinci (SL) (+ Fall Out Trio)
61. Tuzrakter - Budapest (HU)
62. Bombura - Brezno (SK)
63. Klub u Pilotu - Praha (CZ) (+ Ohour + V.T.I.P.)
64. Oberstübchen - Chemnitz (DE)
65. Molodoi - Strasbourg (FR) (+ Sleazy Inc. Operated)
66. GowaHalle - Luzern (CH) (+ In the Center of the world [...])
67. Kunstverein - Nürnberg (DE)
68. Anna & Arthur Info Cafe - Lüneburg (DE) (+ Neopit Pilski + Kosmotonie)
69. De Pit - Terneuzen (NL)
70. La Maison de Pont - Amiens (FR) (+ John Makay + Dentageule)
71. L'Appart Café - Reims (FR) (+ Decurs + Curasan)
72. Le Clan Destin - Livernon (FR)
73. L'Antidote - Bordeaux (FR) (+ Obbo Zokku Mee Jawztone)
74. Lakaxita Gaztetxea - Irun (ES)
75. Gora Taberna - Vitoria-Gasteiz (ES)
76. Sapuetxe Gaztetxea - Durango (ES)
77. Casa das Atochas - A Coruña (ES)
78. Central Pub - Bragança (PT) (+ Agent Ribbons)
79. Casa Viva - Porto (+ Above the Tree + Gravidade Zero)
80. Galeria do Desassossego - Beja (+ Above the Tree)
81. Clube Aljustrelense - Aljustrel (+ Above the Tree)
82. KyläKancra - Setúbal (+ Betunizer + Mamute + To.Ed.Gein + Waiting for Better Days)
83. Espaço Tapafuros - Mem Martins (+ Mamute + Gee Bees)
84. "dSci & Tiago Gomes" @ Padaria do Povo - Lisboa (+ Passos em Volta + Stack'em Blues + Cão da Morte)

2010

85. 2º Aniversário da KyläKancra @ KyläKancra - Setúbal (+ Gee Bees + Steven Seagal + Exploder)
86. Festival Terapêutico do Ruído @ Musicbox - Lisboa (+ Rosvita + Plasma Expander + R + Gee Bees + Frango + Os Loosers)
87. Grupo Desportivo da Mouraria - Lisboa (+ Familea Miranda + Gentle Veincut)
88. KyläKancra - Setúbal (+ La Casa Fantom + Riot Circus + Turn of the Stone)
89. Espaço Nimas - Lisboa (+ Above the Tree)

90. Oficinas do Convento - Montemor-o-Novo (+ Above the Tree)  
 91. Galeria do Desassossego - Beja (+ Above the Tree)  
 92. Lançamento do disco "Apupópapa!" @ Bar Aguiarela - Lisboa (+ ...)  
 93. Punk Rock Sunday Sessions @ Aldeia Galega - Sintra (+ Gee Bees + 3,75 Pastorinhos + Atomic Express)  
 94. Rua Aberta @ Lx Factory - Lisboa (+ ...)  
 95. Espaço Domus - Bragança (+ Decurs)  
 96. KyläKancra - Setúbal (+ Decurs + Sympathy For Chaos)  
 97. Cidade PréOcupada @ Espaço Celeiros - Évora  
 98. F.U.M.O. @ Museu do Trabalho - Setúbal (+ Projecto Sign)  
 99. "DUASSEMIFUSASINVERTEBRADAS" @ Toca no Bicho - TOCA - Porto (+ Most People Have Been Trained To Be Bored + Two White Monsters Around a Round Table + Alto de Pêga + ...)  
 100. 2ª Okupação do Coreto - Jardim da Estrela - Lisboa (+ ...)  
 101. Ocupação Maciça - Auditório José Afonso - Setúbal (+ Sympathy For Chaos + Gone In a Day)  
 102. Largo Animado - Odeceixe (+ Pedro e Diana + Casal do Leste)  
 103. III Grande Arraial da Juventude @ Ringuê da Avenida da Praia - Barreiro (+ Vulture + Pow! + Cantares Alentejanos + O:X)  
 104. Tonturas Rural Fest @ Espinhal Moura - Lagares da Beira  
 105. C.C. Stop - Porto (+ The Happiness Project + Asabikeshiinh + Rella the Woodcutter + Alto de Pêga)  
 106. "dSCi" @ Direis que não é poesia - Casa da Achada - Lisboa (+ Bárbara Assis Pacheco + João Pacheco + Miguel-Manso + Coro dos Meninos da Escola do Castelo)  
 107. Jardim da Estrela - Lisboa (PT)  
 108. La Tabacalera - Madrid (ES) (+ Billy Bob Dillon)  
 109. Killing Time - Valencia (ES)  
 110. El Bosc del Port - Benicarló (ES)  
 111. Moog - Barcelona (ES) (+ Familea Miranda)  
 112. El Vermell - Manresa (ES)  
 113. Baloard - Montpellier (FR) (+ Electric Suite + The Shakers)  
 114. Machine à Coudre - Marseille (FR) (+ The Morrigan)  
 115. Teatrocina Refugio - Livorno (IT)  
 116. Mamamu - Napoli (IT)  
 117. I Sotterranei - Copertino (IT)  
 118. San Franciscu - Alessano (IT)  
 119. Caffè del Teatro - Aradeo (IT)  
 120. Jarmusch - Caserta (IT)  
 121. Cavallo di Troia - Molfetta (IT) (+ Quartetto Capodoglio)  
 122. Korova - Trani (IT)  
 123. DalVerme - Roma (IT)  
 124. Groove - Potenza Picena (IT)  
 125. Tizio's House - San Martino Spino (IT) (+ Drekka + Powerdove + Bob Corn + Rella the Woodcutter)  
 126. XM 24 - Bologna (IT)  
 127. Gratis Club - Senigallia (IT) (+ Bernacchia & Calbucci)  
 128. Pasteggio a Livello - San Felice Sul Panaro (IT)  
 129. Blob - Arcore (IT) (+ Drekka)  
 130. Espace Autogéré - Lausanne (CH) (+ Flimmer)  
 131. Maison Polotti - Grenoble (FR) (+ Daily OD)  
 132. Up & Down - Montpellier (FR)  
 133. Le Clan Destin - Livernon (FR)  
 134. L'Antidote - Bordeaux (FR) (+ Obbo Zokku Mee Jawzstone)  
 135. Sala Mogambo - San Sebastian-Donostia (ES) (+ Cristio + Sacco)  
 136. Festival M.E.M. @ lbú Hots - Vitoria-Gasteiz (ES)  
 137. Klausstr Bar - Bragança (PT)  
 138. The Rincón Pio Sound - Don Benito (ES) (+ Tides from Nebula)  
 139. "dSCi + Eddy Thomas" aka "PPCM" @ Galeria Nómada - Flying House - Lisboa (+ Pedro e Diana)  
 140. "dSCi + Eddy Thomas" aka "PPCM" @ Para Poupar Come Merda - Espaço Nimas - Lisboa (+ Mário Trovador)
- 2011
141. KyläKancra - Setúbal (+ Les Profs de Skids + POW!)  
 142. "dSCi" @ KyläKancra - Setúbal (+ MKT + Sunflare)  
 143. "DUASSEMIFUSASINVERTEBRADAS" @ Tonturas Fest II - Casa Viva - Porto (+ Kanukanakina + Tontura Rural Ensemble)  
 144. Corrida de Caracóis @ Casa de Lafões - Lisboa (+ Pedro e Diana + Casal do Leste + Mário Trovador + Mick Mengucci)  
 145. Terça-feira Ruidosa @ KyläKancra - Setúbal (+ Luís e Joana convidam Pedro e Raphael + Os Dois Fumadinhos & A Nossa Senhora de Fátima Felgueiras + Conflict Maestria)  
 146. Espaço Celeiros - Évora  
 147. Estudios Rock & Pop - Madrid (ES) (+ Sagrados Corazones)  
 148. Pub El Volander - Valencia (ES) (+ Schmeling)  
 149. Kasal de Roquetes - Barcelona (ES) (+ Juventud Infinita)  
 150. Baloard - Montpellier (FR) (+ Krév + Electric Suite)  
 151. Enthropy - Marseille (FR) (+ Kevin et Kevin)  
 152. Blob - Arcore (IT) (+ Vontropp)  
 153. Musica nelle Valli @ San Martino Spino (IT) (+ Chain and the Gang + Ovo + Mombu + Powerdove + Mesta + Hesomagari + Gipsy Rufina + Trouble vs Glue + Comaneci + Lili Refrain + Captain Quentin + Bobsleigh Baby + The Somnambulist + Dj Balli + Father Murphy + My Dear Killer + Bear Claw + Self Evident + ...)  
 154. Polotti Squat - Grenoble (FR) (+ Very Short Shorts + Moravagine + DK Dance)  
 155. Sala Mogambo - San Sebastian (ES) (+ Yellow Page + Curasan + Unicornibot + Picore + ...)  
 156. Putzuzulo Gazetxea - Zarautz (ES) (+ Unicornibot + Nox Vornica)  
 157. Festas Populares do Botequim @ Largo da Graça - Lisboa (+ Passos em Volta + Kimi Ameba + Diego Armés + Cão da Morte)  
 158. F.U.M.O. @ Parque do Bonfim - Setúbal (+ Gone in a Day)  
 159. Casamento Bela & Pedro @ Sala da Folha - Colares  
 160. Semana dos Palhaços @ Pim Teatro - Évora  
 161. Feira da Arte do Desenhasca @ Palácio de Lagueras - Lisboa  
 162. Jardim da Estrela - Lisboa  
 163. Palco Solidariedade @ Festa do Avante - Amora (+ Casal de Leste)  
 164. Da Barbuda - Lisboa (+ Unicornibot)  
 165. Punk-Nik @ Aldeia Galega - Sintra (+ Unicornibot + Gang Baco)  
 166. Espaço Nova Geração - Vale de Cambra  
 167. Casa Viva - Porto (+ Circus Made the Town + Leapkick)  
 168. Liceo Mutante - Pontevedra (ES) (+ Urro)  
 169. Zona Franca @ Bartô - Chapitô - Lisboa  
 170. Bixo Mau @ BlackBox - Caldas da Rainha  
 171. Manif 24 Novembro - Lisboa (+ Focolitus + S for Seward + Mário Trovador)  
 172. "DUASSEMIFUSASINVERTEBRADAS" @ Solidariedade com Jorge dos Santos (George Wright) - Ler Devagar - Lx Factory - Lisboa (+ S for Seward + Chullage + Dj Mascariha + ...)  
 173. "DUASSEMIFUSASINVERTEBRADAS" @ Quero ver o Tom Waits num bar d'alterne do Intendente - Taberna das Almas - Lisboa (Pão + Presidente Drógado + Adufeiras de Monsanto + Finka Pé + ...)  
 174. Carnatal @ Estudantina Recreativa de S. Domingos de Rana - São Domingos de Rana (+ Bocas aos Ministros + S for Seward + Presidente Drógado + Mário Trovador + Sopas de Cavalo Cansado)

175. Ultra-Passagem do Ano - 2012 Odisseia no Espaço @ Projétil - Braga  
 176. Netaudio Lx @ Cinema São Jorge - Lisboa (+ M-PeX + Metastaz + MoTown Junkie)



Artwork TIAGO ERA

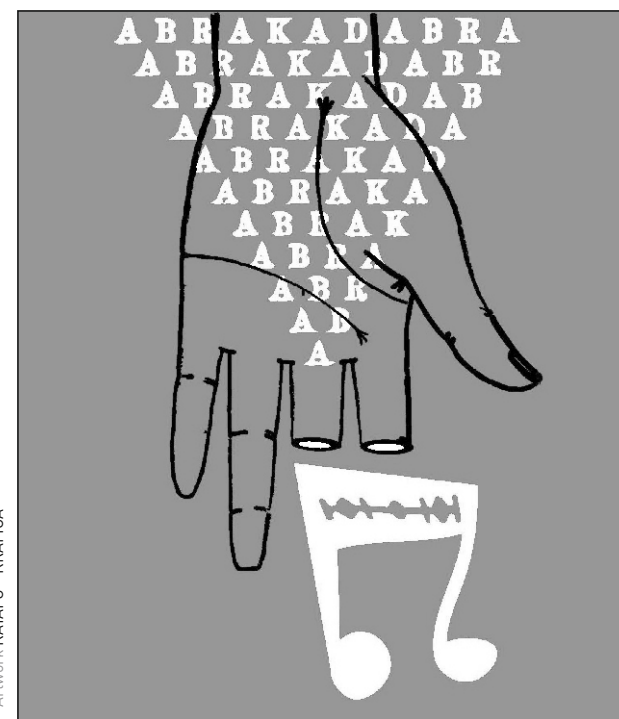
concertos na manif de 24 de Novembro de 2011], participando em espaços culturais autogestionados [entre muitos outros sítios, organizaram um concerto mistério com Khuda e Asimov na Kultdulé, em 2012], em manifestações [como na de 24 de Novembro de 2011] ou em espaços em vias de serem despejadas [como o Grémio Lisbonense e a Livraria Sá da Costa], além das várias visitas que a ATR fez à Casa Viva, no Porto e a tantas outras okupas e espaços autogestionados nacionais e internacionais. Como surge este contacto com diversos colectivos que agem no campo social?

**Boris:** Eu estive bastante presente na cena das ocupações no início dos 2000s, tendo feito parte da Casa Okupada de Mem Martins [actualmente é um Hotel Ibis] e tinha bastante amigos em Setúbal, passando lá grandes temporadas. Assim, tornou-se um caminho relativamente natural, apesar de a música que nós fazemos não ser propriamente habitual nesses espaços...

**A Batalha:** ...porque quando pensamos nesses espaços, ligamo-los mais ao punk e hardcore, do que propriamente a um estilo improvisado e experimental como o vosso. Qual é o background, então, do pessoal que formou a ATR?

**João:** Na origem da ATR e dos dSCi, cada um vinha de origens muito diferentes e tinha feitos percursos muito distintos. O início da banda está muito ligado às *squats* porque os nossos primeiros concertos foram em okupas. O Boris viveu em okupas, em muitas *tours* que fizemos passámos por okupas, demos logo concertos na Casa da Serra, como já falámos, e na KyläKancra [2008-2011], que foi provavelmente o sítio onde os dSCi tocaram mais vezes: ajudámos a construir a sala e tocámos no primeiro e último concerto dessa okupa. Quando começámos a organizar concertos em Lisboa, os primeiros espaços que nos permitiam fazer mais coisas eram esses espaços livres, como por exemplo o GAIA e o RDA69, no qual viemos mais tarde a ter uma residência mensal durante um ano e meio. Quanto à vertente política, nunca fomos uma banda activista no sentido tradicional da coisa. Mas a maneira como fazemos as coisas é totalmente política: mais do que o que dizemos, o que interessa é a forma como fazemos. É essa a nossa expressão política e, por isso, é que surge esta relação com outros colectivos e associações que também vão realizando as suas actividades numa base livre.

**Boris:** Em Itália, onde cheguei a viver, notava que as okupas



Artwork KATAFÚ - KRAFICA

estavam inevitavelmente ligadas à cena punk, mas também havia espaço para linguagens completamente diferentes: desde o *harsh noise* ao *tekno* e a outros projectos mais experimentais. Talvez aqui em Portugal não seja tão comum, mas na Holanda, França e em Itália havia expressões musicais muito amplas.

**João:** Nós somos herdeiros do punk e do hardcore, nem que seja pela forma como funcionamos. Os dSCi e a ATR são totalmente inspirados na cartilha hardcore norte-americana dos 1980s: toda a rede de distribuição que se construiu, com organização de concertos, feitura de fanzines, criação de editoras. Depois do punk abrem-se inúmeras portas, como o Mike Watt, dos Minutemen, refere quando diz qualquer coisa como: «Go out and take your picture, write your own poem! Go out and start your own band!». Não dependes de ninguém, podes ter o trabalho mais alienante do mundo, mas faz a tua própria cena. Se calhar só dez pessoas ouvirão falar de ti, mas, no final, criaste e realizaste a coisa que tu querias e que por isso é única.

**A Batalha:** E quanto à evolução dos dSCi, em termos de composição da banda e de sonoridades? A banda tem um alinhamento diferente daquele de há 10 anos...

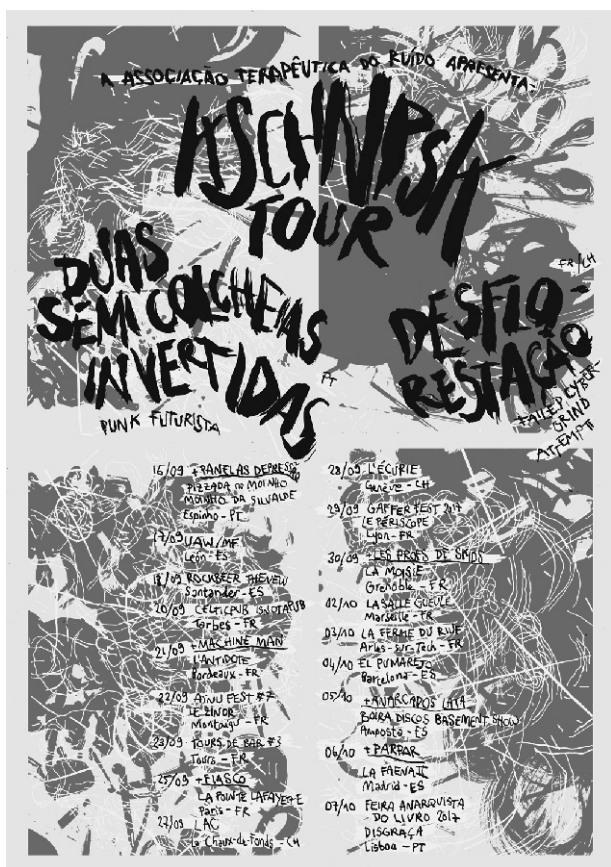
**Boris:** Acho que estamos a voltar à urgência do início da banda, minimizando e simplificando. Agora a formação é um *power trio* de bateria, baixo e guitarra, com o Diogo, que se juntou em 2017, pouco tempo depois de termos lançado o *split* com Cardíaco [*Chains Split Tape Vol. 2*].

**Diogo:** Eu já conhecia o Boris e o João da noite lisboeta, do Estrela. O Boris já tinha feito som para uma banda minha [Marvel Lima], no Damas, viu-me tocar e acho que foi por causa disso que eles me fizeram um convite repentino para tocar com dSCi em dois concertos. Tive de faltar ao trabalho, mas acho que compensou!

**João:** Quanto à evolução dos dSCi, houve momentos em que estivemos mais próximos da improvisação, outros em que estivemos mais próximos das estruturas, mas desde o início sempre tentámos fugir a rótulos.

**Boris:** Agora estamos a compor temas novos, dois deles, que acabaram de sair no tal single, já temos estado a apresentar ao vivo, sendo que têm estruturas fixas, mas um deles tem um parte bastante longa, que tem uma base,





Artwork AUDE BARRIO



Artwork KATAFÚ - KRAFICA

mas há liberdade para cada um de nós improvisar como quiser. Tivemos um par de anos com improvisação completamente livre, sem ensaiar sequer, sem estrutura nenhuma. Mas agora está a saber-nos bem voltar a estruturar e a criar temas novos.

**João:** Acho que a razão para termos aguentado tantos anos se deveu às frequentes mudanças de sonoridades e da composição da própria banda, por um lado. A certa altura, pensar nas mudanças na banda era pensar que os dSci funcionavam como um comboio em movimento: quem estiver no comboio, está no comboio, quem não estiver pode apanhar o comboio na paragem seguinte, mas o que interessa é que o comboio se mantenha sempre em andamento. Por outro lado, por não termos tido uma estrutura editorial atrás de nós e por termos sido nós próprios a construir a nossa própria cena desde a raiz. Como só dependemos de nós, isso deu-nos mais motivação para mantermos esta vontade em continuar a tocar e a lutar...

**Boris:** ...e tem a ver com alguma casmurrice e persistência da nossa parte. E porque sempre pusemos a carroça à frente dos bois. Temos sempre qualquer coisa para fazer, mais um concerto, uma nova tour ou uma nova edição. Ter sempre coisas para fazer acabou por ser o *modus operandi* da banda.

**A Batalha:** Onde está a carroça agora?

**João:** Lançámos agora o single, mas temos o plano de editar nos próximos meses um *split* em vinil com os Parpar.

**Boris:** Na verdade, no final de cada ano gostamos de fazer um apanhado não muito óbvio do que aconteceu e começamos a preparar o ano seguinte. Este ano vamos procurar reduzir os concertos que organizamos com outras bandas pela ATR. Estamos a tentar fazer só um concerto por mês, para que nos possamos focar mais nos dSci. O que acontece quando a banda e a ATR estão muito próximas, quase siamesas, é que pode haver anos, como já aconteceu, em que temos poucos concertos com dSci. Em 2018 queremos concentrar-nos mais na banda.

**João:** Há 10 anos, quando a ATR e os dSci surgem, ao mesmo tempo, a prioridade ia para a banda e tínhamos mais concertos nossos do que organizados por nós. A ATR era um complemento. A meio do caminho, as coisas inverteram-se e começámos a dedicar muito mais energia e tempo à ATR do que aos dSci. Agora que chegámos aos nossos 10 anos e estamos com uma formação mais estável, decidimos alterar a tendência dos últimos anos...

**Boris:** ...até porque se dá o caso de que quem sustenta a ATR são os dSci. É uma coisa um bocado esquizofrénica: é a ATR que edita os dSci, mas são os dSci que financiam a ATR!

**A Batalha:** Os dSci andaram em digressão no ano passado. Falem-nos um pouco sobre como correram as coisas, por onde andaram a tocar, como é a vossa relação com a estrada...

**Diogo:** Foi a minha primeira *tour* com eles. Fomos de carrinha com os Desflorestação, tocámos em espaços muito diferentes, desde bares até okupas, passando por festivais...

**Boris:** ...o primeiro em França, numa cidade chamada Montaigu, perto da Bretanha e chama-se Aïnu Fest. É um festival pequeno, com cerca de 300 pessoas, e que acaba por ser uma reunião de pessoas amigas. Encontrámos pessoas que já não víamos há oito anos. Por lá passaram os Daikiri, os Le Singe Blanc ou os Mai Mai Mai, entre muitos outros. O segundo festival foi em Lyon e chama-se Gaffer Fest. Foi principalmente por causa destes dois convites que saímos em digressão. Depois passámos por Barcelona e aproveitámos para gravar no Hukot do Milo de Famileia Miranda, como já referi. Demos um concerto, dormimos no estúdio, gravámos na manhã seguinte e de seguida arrancámos para o concerto seguinte! Dois dias depois já estávamos em Lisboa, onde terminámos a *tour* a tocar no Disgraça, durante a Feira Anarquista do Livro. Uma das melhores coisas que acontecem nestas viagens é que reencontramos amigos em todas as cidades onde paramos para tocar. A ATR costuma trabalhar com muitas bandas

177. 2 ao Quadrado - Sintra
178. Lançamento do álbum "4" @ Musicbox - Lisboa (+ Tapete)
179. Lançamento do álbum "4" @ Capricho Setubalense - Setúbal (+ Moe's Implosion + Lydia's Sleep + Balão Dirigível)
180. Último concerto @ KyläKanca - Setúbal (+ Lord James + The Uppercuts + Gatos Pingados + Carlos Cruz)
181. I Nano-Festival Zona Franca @ Bartó - Chaptó - Lisboa (+ Robot Dealer + Barbie James)
182. Maus Hábitos - Porto (PT) (+ Tren Go! Soundsystem)
183. Liceo Mutante - Pontevedra (ES)
184. The Class - Gijón (ES) (+ Hummus)
185. Katakú Ostatua - Bera (ES)
186. Urretxu-Zumarragako Gaztetxea - Urretxu (ES) (+ Santísima Virgen Maria)
187. The Petit London - Toulouse (FR)
188. Celtic Pub - Tarbes (FR)
189. Mogambo - San Sebastian-Donostia (ES) (+ Black Breath + Victims + Tormented)
190. Ibi Hots - Vitoria-Gasteiz (ES) (+ Viva Bazooka)
191. L'Antidote - Bordeaux (FR) (+ Obbo Zokku Mee Jawzstone + Padacore)
192. Le Clan Destin - Livernon (FR)
193. Raymond Bar - Clermont-Ferrand (FR) (+ Sebkh-Chott)
194. Grand Salon de la Micro Édition #3 @ MJC Monplaisir - Lyon (FR)
195. Sème Avenue - Orléans (FR) (+ Sunroid)
196. Ubu Café - Caen (FR) (+ Razorback + Undobar)
197. La Cantine de Belleville - Paris (FR) (+ José and the Buttslugers + Why!)
198. Appart Café - Reims (FR)
199. Accueil Froid - Amiens (FR) (+ John Makay + Clara Clara + House of John Player)
200. Le Poste - Lille (FR)
201. La Compilothèque - Bruxelles (BE) (+ Louis Minus XVI)
202. Blauwe Keet @ Hof van Wezel - Nijmegen (NL)
203. Bike Wars - Utrecht (NL)
204. De Groote Weiver - Wormerveer (NL) (+ Zap Machine)
205. Gangéviertel - Hamburg (DE) (+ Rest in Risiko)
206. Wagenburg Gut Wienebüttel - Lüneburg (DE) (+ Rest in Risiko + Anarchia)
207. Abstand - Berlin (DE) (+ Musgos + Haiku Mushroom)
208. AZ Conni - Dresden (DE) (+ Pyroklast)
209. Zoro - Leipzig (DE) (+ Lombego Surfers)
210. "mILCOLCHEIASd'INVERTIDAS" @ Feira da Achada - São Lázaro 94 (+ Coro da Achada + Chullage)
211. 6º Aniversário da Experimentáculo @ ADN - Setúbal (+ The Sullens)
212. The Black Sheep - Montpellier (FR) (+ Jessica 93 + How Do You Dance)
213. Festivalette - La Valette (FR) (+ Marvin + Seasick6 + Plaine Crasse + La Tuilerie + Mind Crash + Filthy Charity + ...)
214. Mirallsonor @ Café Metropol - Tarragona (ES) (+ Tim Holehouse + The Transistor Arkestra)
215. Kasal de Roquetes - Barcelona (ES) (+ Hannuman)
216. La Nave Iguana - Alicante (ES) (+ Miradas al Norte + Reto a Tong Po)
217. La Faena II - Madrid (ES) (+ Mesa Camilla)
218. Rincón Pio Sound - Don Benito (ES) (+ Redneck Surfers + Roldan)
219. Bacalhoeiro - Lisboa (PT)
220. Free Party Benefit @ Escola Primária de Foros-de-Albergaria - Alcácer do Sal (+ Steven Seagal + Desobediência Geral + Ard'esse Mambo)
221. 20ª Feira Laica @ Palácio de Laguares - Lisboa (+ Cangarra + Kimo Ameba + Putas Bêbadas + 100 Leão + Rudolfo)
222. "dUASSEMILCOLCHEIASpERDIDAS" @ Feira da Achada - Largo da Achada - Lisboa (+ Coro da Achada + Rini Luyks)
223. Clube Ferroviário - Lisboa (+ L'Enfance Rouge)
224. Mercado Negro - Aveiro
225. TRC Zigurfest - Lamego (+ Alto! + RA & JP + Black Bombaim + Gala Drop + ...)
226. "dUASSEMILCOLCHEIASeSCONdIDAS" @ Café Floresta - Festival de Música Alternativa - Bragança
227. Festival de Música Alternativa - Bragança (+ Tren Go! Soundsystem + Scorton Silver Arrow)
228. Moinho de Silvalde - Espinho (+ Panelas Depressão)
229. Taberna Alabanda - Madrid (ES)
230. Celtic Pub - Tarbes (FR) (+ Aeróflöt)
231. Blackout Fest! part 2 @ Spazio 211 - Torino (IT) (+ Fuzz Orchestra + Lento + Piatcions)
232. Secret Show @ Greta Squat - Grenoble (FR)
233. Ruclon Squat - Nyon (CH) (+ Mille Postures de Danse Avant de se Pendre + Poutrelle)
234. Raymond Bar - Clermont-Ferrand (FR) (+ "guests")
235. Up & Down - Montpellier (FR)
236. La Maranya - Lleida (ES)
237. El Mariscal - L'Estartit (ES)
238. La Nave Iguana - Alicante (ES) (+ Morenas)
239. La Casa Invisible - Málaga (ES) (+ Kermit)
240. Familiar Fest #0110 @ El Establo - Sevilla (ES) (+ Noish + ...)
241. Espaço Cenias - Tavira (PT)
242. Música a Metro - 1º Festival de Música Debaixo da Terra @ Estação de Metro do Cais do Sodré - Lisboa (PT)
243. Aniversário Experimentáculo Records @ Ritz Clube - Lisboa (+ Fast Eddie Nelson + Um Corpo Estranho + Sonic Reverends)
244. "dOISSEMILCUIITOSINVERTIDOS" @ Familiar Fest - Livraria Sá da Costa - Lisboa (+ Familiar + Panelas Depressão + S for Seward + Yong Yong + Surya Exp Duo + Gil Delindro & Yaw Tembe + Ensemble dos Alunos)

## 2013

245. "dOISSEMILCUIITOSINVERTIDOS" @ Dia da Liberdade Documental - Auditório Carlos Paredes - Lisboa (+ M-PeX + Merankorri + Ricardo Webbens + John Klima)
246. Concerto Itinerante @ Faz-me Festas nos Anjos - Lisboa (+ Asimov + Kafunfo no problem-Soundsystem)
247. Ensaio Aberto @ Domingos na NAVE - NAVE - Lisboa
248. Sala Holländer - Sevilla (ES) (+ Malheur)
249. Mondongo - El Puerto de Santa María (ES)
250. Sala Farándula - Algeciras (ES)
251. La Casa Invisible - Málaga (ES)
252. "dOISSEMILCUIITOSINVERTIDOS" @ Pequeño Festival de Fuego - Jendrix - Alicante (ES) (+ Fuego)
253. Sala Upload - Barcelona (ES) (+ Jack Dupon)
254. Fiesta de la Música - Valencia (ES) (+ Jack Dupon)
255. La Faena II - Madrid (ES)
256. 13 Monos - Salamanca (ES) (+ Godfarts + ...)
257. Club de Vila Real - Vila Real (PT)
258. Festival Localidades Agotadas - Paraiso - Oviedo (ES)
259. L'Mono - Bilbao (ES)
260. Celtic Pub - Tarbes (FR)
261. L'Ouzake - Bordeaux (FR) (+ Obbo Zokku Mee Jawzstone + Padacore)
262. Sala Mogambo - San Sebastian-Donostia (ES) (+ Zombies + Diamonds + ...)
263. Bixamona Fest - Zumarraga (ES) (+ Joana Guerra + ...)
264. Jazzaharrea - Stonehead Bar - Vitoria-Gasteiz (ES)
265. Lounge - Lisboa (PT) (+ Cangarra)
266. República da Música - Lisboa (+ Asimov + ...)
267. Milhões de Festa - Barcelos (+ ...)
268. Xispes - Barcelinhos
269. Mercado Negro - Aveiro (+ Cangarra)

270. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ Microvolumes 3.11 - Sonoscopia - Porto
271. Praga di Nôiz @ Festival Praga - Tubo d'Ensaio - Figueira da Foz (+ Da Monstra + Aye-Aye + S for Seward + Jabutis + Gil Dionísio + Kafunfo noSoundssystem)
272. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ Familiar Fest #LX II - Casa dos Amigos do Minho - Lisboa (+ Familiar + Ensemble dos Alunos + SonarX Live Act)
273. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ Benefit Gee Bees - Fábrica Braço de Prata (+ Da Monstra + Aye-Aye + Ard'esse Mambo + Erro! + Dalai Lume)
274. "dUASSEMIdCOLCHEIASINEVERTIDAS vs. dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ Galeria do Desassossego - Beja
275. Carnaval de Natal @ Casa Independente - Lisboa (+ Föllakzoid + Jibóia + Lovers & Lollypops Soundssystem)
- 2014
276. Jammin @ Transforma - Torres Vedras (+ S for Seward)
277. Stressando @ Centro de Artes - Caldas da Rainha (+ concon)
278. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ Stressando - Casa Bernardo - Caldas da Rainha (+ S for Seward + Din is Noise)
279. Bailarico Esquizado @ Associação Informal - Azambujeira do Carros (Bombarral)
280. Derrube I @ Galerias Avenida - Coimbra (+ Bandeira Branca & Gabriel Ferrandini + Afonso Macedo)
281. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ Derrube I - Galerias Avenida - Coimbra (+ Filipe Felizardo)
282. Sagrada Família - Lisboa (+ Kafunfo noSoundssystem & VJ Gif)
283. Nozes Sons da Primavera @ Bartô - Lisboa (+ Orquestra do Ruído + Helena Espvall + Kafunfo noSoundssystem & VJ Gif)
284. Fantasma - Lisboa (+ Da Monstra)
285. Isto Não é o Milhões de Festa - Lounge - Lisboa (+ Killimanjaro + Putas Bêbadas + Wander Wildner + Ouro Incenso e Mirra)
286. 20 Vinte XX @ Taberna das Almas - Lisboa (+ Alek Rein + Asimov + Gangarra + Presidente Drógado + Ricardo Martins + Signs of the Silhouette + ...)
287. Fontória - Lisboa (+ PC Worship + veabis&tubbhead)
- 2015
288. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ (+) uma noite d'A Besta - Estudantina Recreativa - São Domingos de Rana (+ Raisia + Catapulta + a-nimal + Deslize & O Poema (A)Corda + Saraband)
289. Com um V na Volta - Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul - Lisboa (+ Coro da Achada + ...)
290. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ RDA69 - Lisboa (+ Da Monstra + Irmãos Metralha + amigos)
291. Casa Viva - Porto (+ Focollitus + Juan Inferno + Panelas Depressão)
292. Pizzada no Moinho @ Moinho de Silvalde - Espinho (+ Focollitus + Juan Inferno)
293. Canhoto - Porto (PT) (+ Memeewew + unDJ MMMNNRRRG)
294. Lata de Zinc - Oviedo (ES) (+ Memeewew + unDJ MMMNNRRRG)
295. Retrovisor - León (ES) (+ Memeewew + unDJ MMMNNRRRG)
296. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ Projectil - Braga (PT) (+ Melanie is Demented + unDJ MMMNNRRRG)
297. Estudantino Café - Viseu (PT) (+ Memeewew + unDJ MMMNNRRRG)
298. Damas - Lisboa (PT) (+ Memeewew + unDJ MMMNNRRRG)
299. Bartô - Lisboa (+ Hezbó MC & LBC Soldjah + Kafunfo noSoundssystem)
300. Disgraça - Lisboa (+ BATALJ)
- 2016
301. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ Zaratan - Lisboa (+ Da Monstra)
302. Real República do Bota-Abaixo - Coimbra (PT) (+ Lightning Rod's "On the Run" Guitar Jam)
303. O Meu Mercedes - Porto (PT) (+ SSA)
304. Labranza - Bueu (ES)
305. Liceo Mutante - Pontevedra (ES)
306. Lata de Zinc - Oviedo (ES)
307. TESLA @ Babylon - León (ES)
308. TESLA @ Museo de León - León (ES)
309. Feira de Autor @ Stronghold - Caldas da Rainha (PT) (+ Monte Isola + Half Asleep + Desflorestação + Joana Guerra)
310. Damas - Lisboa (+ Saur + Mais Vale Tarde Que Nunca)
311. À da Maxada - Setúbal (+ Desflorestação + Cardíaco + Los Empty Heads + Mário Trovador + ...)
312. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" & Dj LiloCox & Dj Maboku @ Combustão Lenta #7 - Desterro - Lisboa
313. Lançamento da "Chains Split Tape Vol. 2" @ SMUP - Parede (+ Cardíaco)
314. Apresentação da "Chains Split Tape Vol. 2" @ Maga Mostra de Artes Visuais VII - Stronghold - Caldas da Rainha (+ Cardíaco + Manhosos + Dupla)
315. Apresentação da "Chains Split Tape Vol. 2" @ Concerto Secreto - Tomar (+ Cardíaco + Manhosos)
316. Apresentação da "Chains Split Tape Vol. 2" @ Disgraça - Lisboa (+ Cardíaco)
- 2017
317. Espaço @ À da Maxada - Setúbal (+ Desflorestação)
318. Jardim da Estrela - Lisboa (+ Daikiri + Tarabush)
319. Cidade PréOcupada @ Oficinas do Convento - Montemor-o-Novo (+ Jibóia + Krankantek)
320. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ Festival Múltiplo 2017 - Zaratan - Lisboa (+ Or sobre Blau + Cardíaco + Paulo Alexandre Jorge + Llama Virgem + The Cage Cabarrett & Silvestre/Alegria + ...)
321. VIII The Perro Perdedor Perdiguero Sound Fest @ The Rincón Pio Sound - Don Benito (ES) (+ Strändernas Svall + Howie Reeve + Encono + Los Manises + ...)
322. PIZzAdA nO mOInho @ Moinho de Silvalde - Espinho (PT) (+ Desflorestação + Panelas Depressão)
323. UAW/MF - León (ES) (+ Desflorestação)
324. Rock Beer The New - Santander (ES) (+ Desflorestação)
325. Celtic Pub - Tarbes (FR) (+ Desflorestação)
326. L'Antidote - Bordeaux (FR) (+ Desflorestação + Machine Man)
327. Aïnu Fest #7 @ Le Zinor - Montaigu (FR) (+ Desflorestação + Daikiri + Chafouin + Mai Mai Mai + ...)
328. Tours de Bars #3 @ Le Balkanic - Tours (FR) (+ Desflorestação + ...)
329. La Pointe Lafayette - Paris (FR) (+ Desflorestação + Fiasco)
330. LAC - La-Chaux-de-Fonds (CH) (+ Desflorestação)
331. L'écurie - Genève (CH) (+ Desflorestação)
332. Gaffer Fest 2017 @ Le Périscope - Lyon (FR) (+ Aude Barrio + krodelaBestiole + Jooklo Duo + Fun Fun Funeral + Deathcrush)
333. La Moisie - Grenoble (FR) (+ Desflorestação + Les Profs de Skids)
334. La Salle Gueule - Marseille (FR) (+ Desflorestação)
335. La Ferme du Riuferrer - Arles-sur-Tech (FR) (+ Desflorestação)
336. El Pumarejo - Barcelona (ES) (+ Desflorestação)
337. Boira Discos Basement Show - Amposta (ES) (+ Desflorestação + Anacardos Lata)
338. La Faena II - Madrid (ES) (+ Desflorestação + Parpar)
339. Feira Anarquista do Livro 2017 @ Disgraça - Lisboa (PT) (+ Desflorestação)
340. "dOISSeMIdRCUITOSINVERTIDOS" @ AOLX Concertos Benefit - Quinta do Ferro - Lisboa (+ Aude Barrio & krodelaBestiole + Boris Martins Nunes + Falésia + Helena Espvall + Joana Guerra + Xavier Almeida)
341. Convenção Internacional do Ruído Terapêutico #10 @ Damas - Lisboa (+ Cardíaco + unDJ MMMNNRRRG + Dj Vaipes)
- 2018
342. "dUASSEMIdCOLCHEIASINEVERTIDAS & Cardíaco" @ Concêntrico #1 - Estudantina de São Domingos de Rana - São Domingos de Rana (+ André Calvário & Joana Guerra)
343. Lançamento + Exposição do single "Poda/Encó" @ Atelier Concorde - Lisboa

que formam um circuito próprio. Os géneros musicais das bandas que fazem parte desse circuito podem ser muito diferentes, mas a forma como trabalham forma uma linguagem comum. E, tal como nós, há muita malta a fazer 10 anos nesta altura. E cá em Portugal também, como por exemplo a Dedos Biônicos...

**A Batalha:** ...e como vêm a evolução do circuito musical (distribuição, agenciamento, editoras) em Portugal nos últimos dez anos?

**Diogo:** É melhor responder o João que é o mais ponderado...

**João:** Vimos um grande mudança na cena lisboeta e portuguesa nestes dez anos. Quando começámos a tocar e a fazer concertos não havia tantas salas pequenas e médias com programação regular, nem tantos colectivos a trabalhar por amor à camisola. Felizmente, abriram muitas salas novas nos últimos cinco anos, em Lisboa e não só, e surgiram muitas associações e colectivos pelo resto do país. Ainda há muito por fazer, nem que seja para criar um circuito interno entre estes diversos colectivos e espaços.

**Boris:** Obviamente que há uma certa repressão, como com a nova lei do ruído e o surgimento dos limitadores sonoros, a regulação horária... Enquanto vão surgindo colectivos com novas formas de programar concertos, também vão fechando salas antigas e surgindo legislação que afecta alguns destes espaços.

**João:** Também acho que há cada vez mais concertos semanais fora do circuito *mainstream*, quase todos os dias, ao contrário do que acontecia em 2007.

**A Batalha:** Então acham que hoje há mais liberdade dentro da cena musical?

**Boris:** Acho que hoje há mais snobismo. Há um falso profissionalismo ao fazer as coisas.

**Diogo:** Para mim, esse snobismo reflecte-se na arrumação das pessoas em pequenas gavetas, cada músico ou banda está dentro da sua caixa, e não há diálogo com os colectivos que estão fora dessa cena muito específica.

**João:** Mas uma particularidade da cena lisboeta é que essas diferentes pessoas se vão encontrando e cruzando, mais tarde ou mais cedo!

**Boris:** Estou-me a lembrar do Kro de Desflorestação. Uma das coisas que ele gostava mais em Lisboa é de que bastava ir ao Estrela, ali na Graça, e estava lá a malta do free, a malta do noise, a malta do folk, a malta do rock e a malta da música electrónica. Estavam todos juntos a beber copos e a falar. Quando vais a um concerto em Lisboa, actualmente, acontece a mesma coisa, o que é muito fixe. Mas também há certos eventos, como alguns festivais, nos quais se tenta forçar a elevação do *underground* a *upperground*. É um terreno um bocado pantanoso.

**João:** Em 2007, o que era mesmo diferente era a amplitude do *underground*, que era pequeníssimo. Quando a ATR começou a receber algumas bandas estrangeiras, também sentimos que muitos projectos da cena *underground* europeia não chegavam a Portugal: iam a Espanha e voltavam para trás. Nós decidimos trazer essas pessoas e também acreditámos que o melhor para os dSci era ir imediatamente para fora para abrir um bocado a pestana. Assim, conseguimos criar muitas relações com músicos que trouxemos cá e que conhecemos durante as nossas *tours*. Se não tivéssemos saído logo desde o início da banda, provavelmente não estaríamos a ter esta conversa agora. Aprendemos imenso com as nossas *tours* e a receber bandas cá em Portugal.

**Boris:** Claro que isto não é uma situação particularmente



nova, a história da indústria é marcada pelas *major labels* a

devorarem os pequeninos porque sabem que estes estão a vender muito e podem dar lucro. Portugal acaba por espelhar isso. Há um grande *lobby* por cá, entre promotores e jornalistas, que parece que querem fazer o próximo Sérgio Godinho e o próximo Zeca Afonso. Se tens um jornal e uma rádio, facilmente injectas essa ideia para as massas. No início, isso incomodava-me mais, porque nós deixamos o sangue e o suor no que fazemos para tentar contrariar isso, mas entretanto já dou muito menos importância. Prefiro continuar a fazer as coisas de que gosto.

**João:** Sempre tive um bocado de receio que isso pudesse acontecer connosco, que nos tentassem apropriar e transformar na próxima sensação da música portuguesa. Como ouvinte, afasto-me sempre de qualquer tipo de *hype*. Até porque isso às vezes acaba por cortar as pernas a uma banda: imaginem que um projecto acaba de aparecer, leva com esse *hype* e tem logo muita dificuldade em continuar com esse *élan*, pois nem sequer há uma mercado suficientemente grande e diversificado em Portugal para isso.

**A Batalha:** Como estávamos a falar, a ATR tem sido responsável por trazer cá bandas que dificilmente viriam tocar a Portugal de outra forma. Entretanto, surgiram outras associações que estão a trabalhar nesse mesmo sentido, apesar de focarem géneros diferentes...

**João:** ...felizmente há muitos colectivos que entretanto apareceram e começaram a fazer coisas. Muito mudou em dez anos.

**Boris:** Por muito que critique algumas coisas que se fazem em Portugal, a verdade é que se vive um momento incrível. Muitos amigos e amigos de amigos nossos estrangeiros escrevem-nos a dizer que querem vir cá tocar porque há um certo *hype* lá fora em relação a Lisboa. Claro que não se podem reproduzir os circuitos estrangeiros: por exemplo, há um par de anos fizemos uma *tour* em Itália com 14 concertos em 15 dias. Seria impossível fazer isso por cá. Mas tens imensas editoras e boas promotoras, para um país pequeno como é este.

**A Batalha:** E onde é que os leitores de *A Batalha* vos podem encontrar nos próximos tempos?

**Boris:** Agora vamos tocar ao antigo presídio da Trafaria, que entretanto foi cedido a várias associações. Depois de cozinhas, casamentos, arraiais, jardins, carrinhas, lavadouros, conventos e museus, faltava uma prisão para receber os dSci!

«O anarquismo é uma luz que há no fundo do túnel.  
É criar um mundo realmente de irmãos, não de hipócritas,  
como se vive agora sob o nome de democracia, onde se cometem todas as injustiças inimagináveis,  
onde gente morre de fome trabalhando, enquanto poucos têm todas as riquezas.»

Carlo Aldegheri, Guarujá, Fevereiro de 1994

Guarujá é uma pequena cidade no litoral de Santos, perto de São Paulo, tradicional estância balnear das burguesias santista e paulistana que a encheram de mega hotéis e outros projectos turísticos, «aproveitando» (e aproveitando-se) das suas belas praias. Relembro que Guarujá foi notícia recente nos media portugueses, em virtude de ser lá que Lula tem (ou tinha) o seu famoso andar triplex, resultado de mais uma negociata mal explicada.

Mas, para nós, anarquistas, mais relevante do que tudo isto é o facto de ser nesta cidade que se localiza o NELCA e a sua biblioteca, que tive oportunidade de conhecer no início do passado mês de Novembro, logo a seguir à Feira do Livro Anarquista de São Paulo. O NELCA foi buscar o seu nome ao anarquista italiano Carlo Aldegheri falecido em Guarujá a 4 de Maio de 1995. A descoberta desta figura por um grupo de jovens anarquistas da Baixada Santista e o conhecimento e amizade que então fizeram com Anita Aldegheri, nascida em Múrcia a 3 de Novembro de 1906 e falecida também em Guarujá a 31 de Março de 2015, levaram à fundação do NELCA em meados de 2010 e à abertura da biblioteca com o mesmo nome em Dezembro de 2012.

*Carlo e Anita sempre foram daqueles anarquistas para quem a teoria sem a correspondente prática não fazia qualquer sentido. Isto fê-los entrar em ruptura não com o anarquismo, mas com alguns anarquistas, pelo que, no final da vida, tinham uma visão bastante crítica em relação ao movimento em si e viviam num certo isolamento.*

Carlo Aldegheri foi o exemplo típico do militante anarquista obrigado a emigrar, inicialmente por questões de necessidade económica derivadas da pobreza familiar a que se juntavam, mais cedo ou mais tarde, razões de natureza policial, pela adopção e prática das ideias anarquistas. Nascido em Colognola Ai Colli, na região de Verona, a 22 de Fevereiro de 1902, numa família camponesa, Carlo teve 14 irmãos e irmãs. Frequentou a escola pouco tempo, já que foi obrigado a trabalhar para ajudar os pais a sustentar a família. Quando foi convocado para o serviço militar obrigatório, em Agosto de 1922, decide que não quer ser soldado, obedecer a ordens e matar, e foge para França. Aqui, depois de vicissitudes várias, acaba por se instalar em Paris, onde viverá cerca de 12 anos, e torna-se sapateiro e anarquista.

Em Julho de 1924, ao participar numa manifestação antifascista à frente do consulado italiano em Paris, foi atingido no pulmão por uma bala disparada pelos guardas do consulado, que continuaram a bater-lhe com ele já caído e inconsciente. Ironicamente, foi a intervenção da polícia francesa que evitou o seu assassinato.

Depois de tratado dos seus ferimentos, ficou preso, apesar de nada ter feito, iniciando assim o seu vasto conhecimento de prisões: conheceu 10 prisões diferentes em França, Polónia e Itália.

Como em França estava proibido de residir em Paris, decidiu mudar-se para Espanha em Fevereiro de 1934, adoptando o pseudónimo Aldo Peruzzi. Fixou-se primeiro em Barcelona, depois mudou-se para Sabadell, onde conheceu Anita e a sua filha Primavera. Passado algum tempo tornam-se companheiros, nos ideais e na vida.

Quando a Revolução espanhola começou, Carlo vai lutar na frente de Aragão, integrado na Milícia Alpina de Sabadell. Anita trabalhava numa fábrica de tecidos e, apesar da filha pequena, ainda arranjava tempo para ser auxiliar na urgência de um centro de saúde.

Com o fim da guerra civil, a família Aldegheri fugiu para França, mas é separada de imediato, só se reencontrando praticamente sete anos depois em Verona. À chegada a França, Carlo foi novamente preso, passando sucessivamente pelos campos de concentração de Tours, Argelès-sur-Mer e Gurs, sendo depois enviado

para a cidade de Dunquerque, onde cavou trincheiras e trabalhou como sapateiro. Quando os nazis conquistaram este porto, obrigaram Carlo e todos os outros refugiados presos a caminhar até Roterdão. Aqui, foram embarcados para o campo de concentração alemão de Zagan, na Polónia. Passado algum tempo, graças a um acordo que Hitler fez com a Cruz Vermelha Internacional, Carlo regressou a França, mas foi de imediato deportado para Itália.

Logo na fronteira, foi preso pela polícia italiana e conheceu novas prisões: Scalzi, na região de Verona, Gaeta, na província de Nápoles, ilha de Ventotene (onde teve como companheiro de cela Sandro Pertini, futuro Presidente de Itália de 1978 a 1985) e o campo de concentração de Renicci di Anghiari, na província de Arezzo, de onde fugiu em Setembro de 1943, dirigindo-se para a aldeia onde residiam os seus pais e irmãos. Retomou a militância anarquista no Comité de Libertação Nacional, organizando e fazendo parte da Resistência na região de Verona, mas foi preso novamente no campo de concentração de Bolzano, sobrevivendo apenas porque era

# CARLO E ANITA ALDEGHERI: VIDAS DEDICADAS AO ANARQUISMO

MÁRIO RUI PINTO



Carlo & Anita Aldegheri: *Vidas Dedicadas ao Anarquismo*, Guarujá, NELCA e CCS-SP, 2017.

sapateiro. Poucos meses antes do fim da guerra, Carlo foi libertado e, em 1946, Anita e Primavera conseguiram finalmente juntar-se a ele em Verona.

A família Aldegheri tentou reconstruir a sua vida, mas a situação na Itália do pós-guerra era de extrema miséria, pelo que, passados 4 anos, Carlo decidiu emigrar para o Brasil, onde chegou a 23 de Julho de 1950. Instalou-se em Santos, mudando-se depois para Guarujá. Trabalhando arduamente e graças à sua habilidade profissional, conseguiu juntar dinheiro para as viagens de Anita e Primavera, que se lhe juntaram em Março de 1952.

O casal Aldegheri procurou de imediato integrar-se nas actividades do movimento anarquista brasileiro, começando a participar nas reuniões e congressos que se realizavam na Nossa Chácara e no Centro de Cultura Social de São Paulo. Cumulativamente, conseguiram um certo desafogo financeiro devido à vida não consumista que levavam e aos modelos originais de sandálias que Carlo ia inventando e vendendo, mas, em vez de se aburguesarem como tantos outros, procuraram sempre ajudar quer nas actividades do movimento, quer companheiros com problemas económicos.

Carlo e Anita sempre foram daqueles anarquistas para quem a teoria sem a correspondente prática não fazia qualquer sentido. Isto fê-los entrar em ruptura não com o anarquismo, mas com alguns anarquistas, pelo que, no final da vida, tinham uma visão bastante crítica em

relação ao movimento em si e viviam num certo isolamento.

O livro agora editado torna-se assim tanto mais importante porque divulga o percurso histórico de dois militantes que, sem ele, seriam irremediavelmente esquecidos, inclusive pelos próprios anarquistas. Isto vem, mais uma vez, demonstrar o quão importante é não deixarmos que a história seja escrita apenas pelas classes dominantes. Por outro lado, é triste verificar que, muitas vezes, mesmo os anarquistas tendem a esquecer a história de vida dos militantes de base, aqueles que não teorizam, nem escrevem livros ou artigos de jornais, mas que têm sido a grande força do anarquismo.

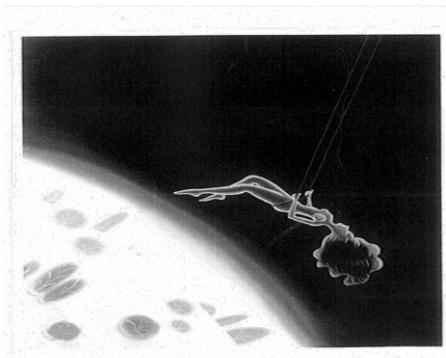
O livro está dividido em 6 capítulos: uma breve *Apresentação*, na qual se explica o porquê da sua edição; uma *Biografia* de Anita e Carlo Aldegheri da autoria de Marcolino Jeremias; um texto de Antônio Carlos de Oliveira, professor de história e membro do NELCA e do CSS-SP, intitulado *Carlo Aldegheri: um dos pilares da Coluna de Ferro*, texto escrito em 2012 e no qual o autor recorda momentos de convívio com o casal Aldegheri em Guarujá; *Sem Pátria, Sem Patrão*, texto autobiográfico de Carlo recolhido em 1991 por Paulo Cesar Amaral, ao tempo estudante de jornalismo; *Entrevista para o Museu da Imigração*, conduzida pela investigadora Sônia Maria de Freitas e, finalmente, *Imagens*, uma recolha de fotografias e documentos da vida de Carlo e Anita sobretudo no Brasil.

# LETRA A LETRA Nº6

PHAN DUVERMIER

Letra a Letra

N.º 6 | Novembro 2017 | revista não periódica



Letra a Letra nº6, Lisboa, 2017.

Saiu em Novembro o sexto número da *Letra a Letra*, revista que tem sido publicada anualmente desde 2012, recuperando e reagrupando-se em torno da corrente mais literária do grupo editorial da *Singularidades*. O mais recente número divide-se em quatro partes: «Leituras bem apuradas», que é composta por um conjunto de recensões, «Vozes de Sonhos», que tem uma vasta colaboração poética, «Escritas, Espectáculos e Outras Artes», secção heterogénea com textos de índole diversificada, e «Terra aflita e Terra livre», na qual se continua a abordar a temática iniciada no número cinco, de Novembro de 2016. Ao folhear a *Letra a Letra*, rapidamente se percebe que o número seis já apresenta algumas diferenças em relação aos números anteriores: estão lá novos colaboradores, como Sandra Almeida, Hélio Cunha, Fátima Pitta Dionísio ou Teófilo Braga, e o espaço temático abre-se a outros domínios, apesar da importância dedicada à poesia, que continua a configurar o grande terreno pelo qual se move a redacção da revista e, principalmente, Jorge M. Colaço, o seu animador de sempre.

A *Letra a Letra* percorreu um caminho muito particular nos últimos seis anos, começando a viagem com poetas bósnios, albaneses e croatas na tripulação (e oferecendo ao leitor a tradução inédita do poema «Em círculos», de Tomica Bajsic, que remete o leitor para o imaginário da guerra dos Balcãs) e com um ensaio sobre Verney, da autoria de Fátima Valverde, que se manteve a bordo mais alguns anos, contribuindo com colaboração poética até ao quarto número. No segundo número, a viagem já empurraria a revista para outras direcções, não impedindo, contudo, um claro melhoramento gráfico, que, com o devido distanciamento, talvez tenha sido o que melhor serviu a publicação. Em 2013, terá sido a conjuntura política que marcou o tom que a revista tem ainda hoje, muito próxima do espaço da não-violência, onde diversas correntes ideológicas confluem. Mas a secção «Gente que melhorou o mundo» - compêndio enciclopédico composto por verbetes - revela as íntimas relações da *Letra a Letra* com o movimento de ideias libertárias: estão lá Louis Lecoin, Han Ryner e Bart de Ligt, cujas biografias foram

**Este livro vem demonstrar o quão importante é não deixarmos que a história seja escrita apenas pelas classes dominantes.**

publicadas no número dois, ou Gonçalves Correia, de quem se escreve no terceiro número, já de 2014, dedicado ao apropriado tema de «liberdade». Por esta razão, é natural encontrarmos, neste número, nomes que também deixam regularmente a sua marca em *A Batalha*, como é o caso de Francisco Cardo, os «poemas do comboio» de João Mendes de Sousa, ou do texto que inaugura o volume, da autoria de João Santiago. É da pena do director deste jornal que encontramos um dos poemas mais melancólicos na história da revista: de seu título «Mãe», é publicado no quarto número, de 2015, subordinado ao tema «Mulher: a violência de género e a violência na generalidade». Este número apresenta colaboração esmagadoramente feminina, com destaque para o texto de Rafaela Hames, sobre o quotidiano e a emancipação da mulher, traduzido para português por Fernando Dias Antunes, que é o principal responsável pela introdução de nomes estrangeiros na *Letra a Letra*. Esta edição fecha com um estudo interessante de António Martins Gomes sobre o romance *Amanhã*, de Abel Botelho, que marca o cruzamento definitivo entre a escola naturalista e o anarquismo histórico, particularmente no caso dos temas abordados, como a miséria social e a luta operária. O quinto número volta a situar o problema político na contemporaneidade, através dos artigos de Colaço sobre as lutas ecológicas e antinucleares, com o caso concreto da Central Nuclear de Almaraz, e em redor das diversas experiências de pedagogia libertária. É a partir desta edição que é introduzido Manuel Matos Monteiro ao rol de colaboradores, que dedica as suas reflexões nos últimos dois números da revista à acção de Ted Kaczynski, o Unabomber. É interessante constatar que uma publicação do meio não-violento abra o seu espaço à acção directa e à violência localizada, mas é esta heterodoxia que torna a *Letra a Letra* uma revista tão atípica e ao mesmo tempo tão importante para o debate das ideias anarquistas em Portugal.

A *Letra a Letra* nº 6 encontra-se à venda na livraria de *A Batalha*. Podem endereçar os vossos pedidos para [jornalabatalha@gmail.com](mailto:jornalabatalha@gmail.com).

Esta é já a segunda biografia de Luiz Pacheco, andrajoso príncipe maldito das letras portuguesas, publicada nos últimos anos. Desta vez, à exaustividade e desmesura do trabalho de João Pedro George (*Putá que os pariu!*, 2011, Tinta da china), contrapõe-se um estudo de recorte diferente mas nem por isso de menor interesse. A um modo e estilo de construção da biografia dito *canónico*, António Cândido Franco responde, como aliás tem sido seu hábito em trabalhos anteriores, com uma biografia de estilo *hagiográfico* – não desprezando nunca o rigor histórico, o autor de *Notas para a compreensão do surrealismo português* assume a liberalidade de deduzir estados de alma, pulsões, eventuais ditos, de Luiz Pacheco, e, mais ainda, não se esquivava de deixar implícita a sua admiração pela figura que retrata. O foco é, como bem se explica na Introdução, Luiz Pacheco enquanto *ser escrevente* e não, como um

mediocre biógrafo tabloideiro faria, Luiz Pacheco enquanto permanente catástrofe biográfica, figura maldita das letras, que porém também foi. Para os estudos literários, Cândido Franco contribui (não ineditamente, mas contribui) para o reconhecimento de Luiz Pacheco como escritor que rompe géneros e expectativas, talvez à época ineditamente na literatura portuguesa, ao elevar a carta, o diário ou a pequena novela ao estatuto de altíssima literatura.

A mais importante função deste trabalho é cumprida: por um lado, dar a conhecer, com factos e elegância, uma figura indispensável do século XX cultural português; por outro, evitar-se a e fazer por evitar mitificações, simplificações ou apropriações que sempre calham, após a morte, aos seres inclassificáveis e demoníacos como Luiz Pacheco.

Uma vez, no Verão de um dos anos a seguir ao 25 de Abril de 1974, resolvemos, os quatro, ir passar férias a Espanha e a França. Constituíamos um grupo de amigos com afinidade libertária federado numa organização portuguesa de grupos idênticos designada por FARP (Federação Anarquista da Região Portuguesa) que, por sua vez, estava federada na célebre e antiga FAI (Federação Anarquista Ibérica, fundada em 1927).

Estávamos numa época, em Portugal, em que os trabalhadores das classes mais desfavorecidas tinham pela primeira vez alguma melhoria de vida ou, como muito gostam de dizer os tecnocratas, «tinham pela primeira vez alguma melhoria do poder de compra». Por isso deu para viajarmos de <sup>carro</sup> ~~Letra~~ *Letra* nº6, Lisboa, 2017.

Visitámos Perpignan mas o local de uma organização libertária conhecida estava fechado àquela hora do dia. Continuámos a nossa viagem e atravessámos Carcassonne. Fartámo-nos de rir quando, ao atravessarmos um bairro de vivendas grandes e luxuosas, vimos escrito (por «pinchagem») em letras garrafais, no muro curvo de uma delas, situada numa esquina, a frase: «Pourquoi ce mur est rond?»

Tínhamos uma missão de visitar os famosos libertários Federica Montsenys (ou Montseny) e seu companheiro Germinal Esgleas, tendo ela sido das primeiras mulheres (depois de uma dinamarquesa e de uma finlandesa) no mundo contemporâneo a ser ministra (em 1940 houve uma mulher de apelido Toka, Presidente da República de Tuva – União Soviética – e, em 1960, Golda Meir foi Primeira Ministra de Israel), neste caso, Ministra da Saúde e Assistência Social durante cerca de um ano no Governo Republicano, no período da Guerra Civil Espanhola.

Esta missão não nos agradava, porque nós os quatro éramos unânimes na não aceitação da participação de alguns libertários da CNT e da FAI no Governo Central de Madrid e na Generalitat de Barcelona, durante a Guerra Civil Espanhola, e porque sabíamos com algum pormenor a acção e posições assumidas por Federica Montsenys e Germinal Esgleas durante a Guerra Civil e também depois, no exílio, em França. Para tal, teríamos de nos dirigir à sede da organização da CNT no exílio (Confederación Nacional del Trabajo, en el

Exterior), em Toulouse. Lá chegados, fomos bem recebidos (mostrámos uma credencial devidamente carimbada e assinada). E, de lá, fomos encaminhados para a residência de Montsenys.

A conversa foi pouco mais do que circunstancial. Do tipo perguntarem-nos se a nossa organização já era numerosa, dificuldades existentes, evolução havida, acções de propaganda já levadas a cabo, e por aí fora. No final, Esgleas foi algures ao interior do apartamento e trouxe-nos dinheiro, em francos franceses, para funcionar como donativo para a federação portuguesa (alguns dias depois, entregámos esse dinheiro na comissão que guardava as verbas da organização).

Pusemo-nos a viajar para Espanha e, nessa noite, lá bem no alto de uma cidade dos Pirenéus, em Andorra, acabámos por estacionar em frente de um pequeno hotel. Seriam umas duas horas da madrugada. Extenuados mas conscientes de que não tínhamos dinheiro suficiente para alugarmos quartos, fosse em que hotel fosse, decidimos passar a noite dentro do carro. Logicamente, rapámos um frio enorme a que não estávamos habituados.

No dia seguinte, após termos tomado café, arrancámos para Barcelona numa muito longa viagem. Além de termos passeado por Barcelona, tivemos a oportunidade de encontrarmos-nos com dois militantes libertários catalães, o *Metralhetas* e a sua inteligentíssima e culta companheira. E conseguimos, contando as pesetas uma a uma, comprar um livro sobre Malatesta que se encontrava bem à vista na montra de uma livraria (de França, adquiridos no local da CNT-Exílio, tínhamos trazido vários livros e muitos jornais e outras publicações, uma das quais editada no México, por espanhóis refugiados da Guerra Civil Espanhola).

Regressámos a Portugal após visitarmos algumas cidades e vilas espanholas, aproveitando ribeiros à sombra de belos bosques para tomarmos banho.

A meio duma manhã, ao chegarmos à fronteira, esperava-nos a maior das surpresas.

O «guardia civil» – muito fardado! – pediu-nos a documentação do carro e a de todos os quatro, o

# LUIZ PACHECO ESSENCIAL

ANTÓNIO DA CRUZ

António Cândido Franco, Maldoror e Letra Livre, Lisboa, 2017.

# A PIDESCA DGS ESPANHOLA

JORGE M. COLAÇO

Jorge M. Colaço

**Alcanaitra e Alcoentre**

–  
**nem Ramiro III, nem  
Afonso Henriques**

–  
**prefiro o *Derito***

Jorge M. Colaço, *Alcanaitra e Alcoentre - nem Ramiro III, nem Afonso Henriques - prefiro o Derito*, Lisboa, 2017.

# Muitas perguntas eram feitas, e repetidas três ou quatro minutos mais à frente. Fazia-me lembrar as técnicas de exaustão e de desnorte usadas pelos agentes da PIDE portuguesa com o anarquista Emídio Santana quando este foi submetido a longos interrogatórios após a tentativa (gorada) de liquidação física do ditador Salazar, em 1937.

que tomámos como normal porque fizera identicamente aos carros que tinham chegado à fronteira imediatamente à nossa frente. Demorou a observar passaportes e toda a papelada. A seguir, sem nos entregar a documentação (entretanto, eu já fizera o exame empírico-fisionómico do guarda e a conclusão era a de que seria um fanático franquista) dirigiu-se à traseira do nosso carro e abriu o porta-bagagens que estava repleto das tralhas dos quatro e dos tais livros e publicações. Saímos do carro e observámos o esbirro. Embora tivesse inspeccionado todas as roupas e objectos, a sua maior preocupação era o conjunto de livros e publicações; não só os títulos mas também os conteúdos. Aliás, o guarda-esbirro-civil já tinha tido minutos suficientes para nos observar a «pinta».

Então, transportou toda a livralhada para o posto e voltou para entrar no carro e desmontar bancos e forros à procura de algo. Começámos a protestar e... seu rosto voltava-se para nós com ar de nos querer engolir.

Mandou-nos estacionar junto da porta do posto e vimo-lo a telefonar. Daí a pouco, veio um homem à civil do outro edifício fronteiro ao posto da «Guardia Civil» que nos disse para o acompanharmos. Um colega deste atravessou a estrada e foi ao posto da «Guardia Civil» buscar a livralhada.

Que é isto? Perguntávamo-nos em murmúrios. É a «PIDE» espanhola...

Fomos fechados no interior do edifício da DGS e um dos «pides» fechou à chave o portão envidraçado da entrada. A nossa detenção acabou por gerar algum caos naquele deserto lugar porque vários turistas vindos do edifício da «Guardia Civil» para entrarem no da DGS acabaram por ter de voltar para trás a mando do «pide» que controlava o portão.

Ficámos todas aquelas longas horas de pé. E o «pide»-chefe, no interior do seu escritório, foi-nos chamando um a um para nos interrogar. Enquanto duravam os muito longos interrogatórios, o outro «pide» afastava-se de vez em quando para ir ao andar superior.

Num dado momento, a única companheira do nosso grupo pediu para ir à casa de banho. O «pide» deixou. Segundo viemos a saber mais tarde, esta companheira – para nosso espanto e regozijo – tinha comido várias páginas da agenda de bolso dela e, outras páginas menos importantes, tinha-as rasgado em pedaços muito pequenos e feito desaparecer pela sanita abaixo!

Já há muito tempo que era hora de almoço e a fome apertava. Dissemos que precisávamos de almoçar. O «pide»-chefe autorizou-me a mim a sair do edifício para ir comer à aldeia mais próxima que ficava a uns três quilómetros do posto fronteiriço. Concordámos colectivamente e eu fui. A pé, evidentemente. Não se via vivalma e estava um calor abrasador.

Lá consegui encontrar alguma comida numa tasca que estava aberta.

Regressei, cansado e preocupado.

Da sala de entrada do edifício da DGS nada ouvíamos dos interrogatórios, apenas víamos o interrogador e o interrogado. E víamos que, por vezes, o «pide»-chefe pegava no telefone e ligava para alguém.

Quando algum de nós saía de lá, procurávamos trocar informações de forma muito discreta.

Fui o último a ser interrogado. O «pide»-chefe escrevia à máquina e tinha a pistola pronta em cima da secretária e bem longe de mim. Ao seu lado, um pastor-alemão,

sentado sobre as patas traseiras, olhava-me fixamente. Durante o interrogatório, ao mínimo movimento que eu fizesse o cão levantava-se pronto a atacar.

Muitas perguntas eram feitas, e repetidas três ou quatro minutos mais à frente. Fazia-me lembrar as técnicas de exaustão e de desnorte usadas pelos agentes da PIDE portuguesa com o anarquista Emídio Santana quando este foi submetido a longos interrogatórios após a tentativa (gorada) de liquidação física do ditador Salazar, em 1937.

Uma questão que fazia – aparentemente – muita confusão ao «pide»-chefe era o facto de nenhum de nós quatro ter averbada no passaporte a saída na fronteira de Andorra. Expliquei que a barreira do posto de controlo da fronteira entre Andorra e Espanha estava levantada e passámos sem parar, assim como outros carros fizeram antes do nosso. Podíamos ter parado e pedido ao guarda fronteiriço andorrano que carimbasse os nossos passaportes mas acontecia que nenhum de nós era coleccionador de carimbadas em passaportes (vi bem o efeito demolidor que esta minha resposta tivera no «pide»-chefe).

Outra questão muito viva nele era o facto de nós sermos transportadores de tantos livros e publicações de carácter político e boa parte desse material ser escrito em espanhol e quase todo a atacar o regime de Franco. Acrescentava que de certeza nós andámos espalhando propaganda ilegal por toda a Espanha.

Disse-lhe a verdade: «Não, não andámos a fazer nada disso! Somos trabalhadores portugueses em férias e comprámos o que gostamos de ler e estudar!» E... uma verdade, dita olhos-nos-olhos a um inimigo, tem um efeito contundente, demolidor e, paradoxalmente, pacificador.

Terminado o interrogatório, mandou-me sair.

Algum tempo depois, o «pide»-chefe recebeu um telefonema das suas chefias situadas numa cidade bastante longe dali, segundo sua informação.

Veio ter connosco à sala de entrada do edifício e, em conjunto com o pide-do-portão, anunciou-nos que podíamos seguir caminho, mas todas as publicações em língua espanhola editadas em Espanha ou fora dela, ficavam retidas na posse da DGS.

Após isso, revoltados, dissemos-lhes na cara que estavam a roubar-nos e perguntámos se era assim que pensavam fazer a transição para a democracia no seu país.

E mais dissemos: «O livro de Malatesta foi comprado numa livraria de Barcelona! Então, se está permitida a sua venda em Barcelona, por que razão ali, na fronteira, portanto, ainda em território espanhol, ele era considerado ilegal?»

O do portão, sorria... o outro, – «pide»-chefe –, sem resposta lógica para nos dar, encarniçava e o seu rosto de bandido cheio de ódio vinha à tona e ainda mais enlouquecido estava por as suas chefias não lhe permitirem que nos prendesse logo ali!

No regresso e durante vários quilómetros, demos azo ao nosso alívio, gritando «viva o 25 de Abril!!!» mesmo que nós já soubéssemos que o 25 de Abril de 1974 não se tratava mais do que a substituição de uma «clique» por outra «clique» em Portugal!

---

Este capítulo foi extraído do livro *Alcanaitra e Alcoentre - nem Ramiro III, nem Afonso Henriques - prefiro o Derito*, pp 33-39, da autoria de Jorge M. Colaço. O livro encontra-se à venda na livraria de *A Batalha*. Podem endereçar os vossos pedidos para [jornalabatalha@gmail.com](mailto:jornalabatalha@gmail.com).

# O REGRESSO DO RUÍDO DAS BOTAS

PIMPRENELLE

**L**embro-me muito bem da primeira vez que um bôfia me bateu. E de cada vez que, novamente, ouço que a polícia agrediu, mutilou, violou, roubou, matou, vejo-me petrificado. Quer seja no quadro dos movimentos sociais, do tratamento dos/as migrantes ou no quadro quotidiano do assédio policial nos bairros sociais, a polícia francesa mostra-se, por todo o lado, o braço armado do estado.

Para cada manifestação o seu lote de feridos/as e traumatizados/as. Uma repressão sistemática dos movimentos e dos grupos de extrema esquerda, anarquistas e autonomistas existe desde que a polícia existe, mas em termos de intensidade vê-se hoje uma vaga de repressão que se apoia numa propaganda implacável que banaliza as ideias das extremas direitas e intensifica uma indiferença geral. Tudo isto acompanhado de uma corrida às armas com a aparição de novos instrumentos anti-motim «de letalidade atenuada». Os polícias assassinos de Rémi Fraisse (militante contra a construção da barragem de Sivens que foi morto aquando da expulsão da Zone à Défendre do mesmo nome) não serão nunca incomodados. A justiça deixa os nossos corpos e as nossas vidas à mercê desses esbirros de uniforme.

Todos os dias os migrantes são assediados, de Calais a Paris, passando pelos Alpes. A extrema direita já ganhou, já está presente quando os bôfias roubam sapatos, queimam cuvetes, destroem tendas. Ela ganha de cada vez que alguém desvia o olhar. Ela ganha quando o governo mente todos os dias a propósito dos/as sem-abrigo e dos/as migrantes largados/as na poeira imunda da «Nation Française». O racismo do estado exprime-se na forma mais límpida através do tratamento tenebroso

votado aos/as migrantes. E junta-se a essa violência policial uma lógica governamental e judiciária de expulsão sistemática, de apelo à delação. Podemos ver passar notas ministeriais a exortarem ao pessoal dos hospitais a denúncia à polícia de todos quantos possam estar em situação irregular. Os processos por «delito de solidariedade» multiplicam-se, condenando todas as pessoas que ajudam os/as migrantes a sobreviver.

A polícia continua a assediar nos bairros sociais. No dia 15 de Dezembro, em Lille, no bairro Caulier, duas pessoas morreram devido a essa omnipresença policial. Chamavam-se Selom e Matisse. Mesmo nos casos de violência policial mais mediatizados, como a violação de

A «Nation Française» tão amada por Macron não é mais que uma máquina de cozer corpos. Neste momento em que nos encontramos, podemos sentir chegar o pior que a civilização ocidental pode oferecer. Os representantes do capital, do patriarcado, do racismo, do estado, da xenofobia expelem a sua bília ao longo dos dias em todos os canais, e na rua o frio petrifica, o gás sufoca e os cassetetes partem os ossos. Por entre o fumo e os golpes, por entre o uniforme e o tribunal sentimos o nosso fôlego ser cortado e vemos instalar-se incansavelmente o espectro aterrorizante de um novo fascismo. Este fascismo não é o monstro inumano dos nossos livros de História, ele está aí em carne e osso, está aí nas palavras

*Neste momento em que nos encontramos, podemos sentir chegar o pior que a civilização ocidental pode oferecer. Os representantes do capital, do patriarcado, do racismo, do estado, da xenofobia expelem a sua bília ao longo dos dias em todos os canais, e na rua o frio petrifica, o gás sufoca e os cassetetes partem os ossos.*

Théo L., não surgem consequências judiciais para os polícias. Retomam o serviço após umas férias e não lhes sobram senão umas feridas. Porque não se trata de negligência, de acidente ou de efeitos do *burnout*, mas sim de uma lógica de sistemática repressão racista e classista. Estamos perante uma lógica de o estado implementar sem freio a agenda da extrema direita.

de ódio dos nossos vizinhos, da classe dirigente. No meio deste tumulto, a indiferença não é mais permitida. É o tempo da solidariedade, da auto-defesa popular. É tempo de tentar, face à monstruosidade deste mundo, tomar partido.



Agressão policial a manifestante contra a nova legislação laboral em França, 2016.

# NOTAS FINAIS

P. M.

## E ajudarem o Mapa?!

O jornal *Mapa* acabou de fazer cinco anos e de lançar a sua 19ª edição. Ao mesmo tempo, lançou uma campanha de *crowdfunding* para financiar o ano de 2018. Até 16 de Março, o *Mapa* precisa de angariar um mínimo de 6000 euros. Neste sentido, organizaram um *benefit* na SMUP, na Parede, no dia 17 de Fevereiro, que foi bastante concorrido, com muita gente a solidarizar-se com este importante projecto jornalístico único no país. Se vocês também o quiserem fazer, podem enviar a vossa doação pelo seguinte portal *online*: <https://ppl.com.pt/prj/mapa>

## Despejem-me é ost...

A normalidade regressou à cidade, após a ressaca das eleições autárquicas. Com isto, iniciou-se nova vaga de despejos e demolições: não só a AOLX, de que damos conta neste número, mas também o caso de alguma famílias do Bairro 6 de Maio, na Amadora, ou de Manuel Farinha, em Benfica. É importante continuar a acompanhar as actividades da associação HABITA e da Rede STOP Despejos, que têm direccionado os seus esforços para mobilizar a população contra uma das consequências mais nefastas e miseráveis da actual política de gentrificação radical.

## O caso Santiago Maldonado

O argentino Santiago Maldonado participou numa manifestação contra a ocupação de terras mapuches pela Benetton, a 1 de Agosto de 2017. Como já se tornou habitual, a Gendarmeria Nacional Argentina reprimiu barbaramente a demonstração mapuche e desde essa data que Maldonado estava desaparecido. Como na década de 1970, na qual a ditadura aplicou recorrentemente o método do *desaparecimento forçado* de opositores, não seria surpreendente se o estado argentino voltasse a promover raptos como forma de consolidação do seu poder. O desaparecimento de Maldonado gerou inúmeras reacções internacionais: desde a Amnistia Internacional a Baltasar Gárzon, de Noam Chomsky a Cristina Kirchner, que tentou miseravelmente capitalizar este evento nas eleições legislativas de Outubro. 80 dias

após o desaparecimento, as piores previsões revelaram-se verdadeiras, quando o cadáver de Maldonado foi encontrado a boiar no rio Chubut, a 20 de Outubro.

## A Ideia e Erva Rebelde

Já saiu o número 81-83 da revista *A Ideia*, correspondente ao ano de 2017. Mais uma vez, trata-se de um importante repositório documental do surrealismo português, graças ao esforço de António Cândido Franco e dos diversos colaboradores. Deste número, podem destacar-se a conversa com Cruzeiro Seixas, as «Notas para uma Heteronímia» manuscritas, de Nunes da Rocha, e o artigo «Portugal, Surrealismo», de Perfecto E. Cuadrado. Além do ângulo literário que tem sido seguido desde o número 71-72, este número apresenta ainda uma colectânea de testemunhos e estudos sobre a revolução russa, como é o caso dos artigos de Hilário Marques para *A Sementeira* ou de Jaime Brasil para o *Suplemento Semanal Ilustrado de A Batalha*, da controvérsia em torno do texto académico «O anarquismo está de volta», de José Pedro Zúquete, ou a entrevista a Ana da Palma, responsável por uma das mais recentes traduções de *Dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed (Edições Combate, 2016). Além da revista, foi também publicado o volume antológico *Anarquismo moderno, mas não pós-moderno* (Colibri, 2017), que reúne um conjunto de ensaios teóricos sobre o anarquismo de segunda vaga, do qual sobressaem os textos de Amedeo Bertolo e de Tomás Ibañez.

Também já está cá fora o segundo número da *Erva Rebelde*, editado pelo GERA, do Porto. Esta *Erva* é dedicada à revolução russa e é constituída por documentação muito relevante para compreender a posição anarquista perante esse evento centenário. Além das traduções do testemunho de Emma Goldman («Não há comunismo na Rússia») e de uma parte do mais significativo estudo sobre o movimento anarquista na Rússia, da autoria de Paul Avrich («Os anarquistas russos e a guerra civil»), podem também ser lidos dois textos originais, de Luís Chambel e Jorge Leandro Rosa. No próximo número, dedicar-lhe-emos uma resenha.



## A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CGT  
Fundado em 23 de Fevereiro de 1919

Este jornal surgiu em 23-2-1919, no mesmo ano em que a Confederação Geral do Trabalho (CGT), de que seria porta-voz. A CGT, única confederação sindical existente, agrupava os trabalhadores mais combativos e conscientes da altura e foi, desde início, fortemente influenciada pelas correntes anarquista, anarco-sindicalista e sindicalista revolucionária. Isto determinou a sua total independência face aos partidos e ao poder político e fê-la lutar pelas justas reivindicações dos trabalhadores por melhores condições de vida, não os deixando esquecer que só uma profunda transformação económica, social e ética permitiria eliminar a opressão e exploração do homem pelo homem. Repudiou sempre, com notável antevisão, que a libertação dos trabalhadores se pudesse alcançar através duma pretensa "ditadura do proletariado" ou do "Estado-patrão".

Hoje, não estando ligado a qualquer dos movimentos sindicais existentes, de cujos princípios e prática geralmente discorda (embora tenha o maior respeito pelos trabalhadores que os constituem), continua a pugnar por uma sociedade assente em formas comunitárias de vida, de essência autogestionária e cooperativa, com total respeito pela liberdade de pensamento e pela autonomia individual, em conformidade com os princípios libertários por que se norteia.

**Director** João Santiago

**Redacção** Elisa Areias, João Santiago, Joaquim Andrade, Luís Garcia e Silva, Sérgio Duarte

**Colaboradores** A., André Calvário, Andrew DeGraaf, António Albata, António da Cruz, António Pedro Ribeiro, Boris Nunes, Carlos D'Abreu, Catarina Vegetal, Diogo Marques, Emílio Henrique, Francisca Bicho, Francisco Cardo, Heitor Pleno, Inês Leal, João Desmarques, João Freire João Mendes de Sousa, Jorge M. Colaço, José Augusto, José Feitor, M.P., Manuel Villaverde Cabral, Marcos Farrajota, Mário Rui Pinto, Miguel Sampaio, P. M., Phan Duvernier, Pimprenelle, Russo, Simão Simões, Ursula K. Le Guin.

**Composição** Centro de Estudos Libertários

**Impressão** VASP - Distribuidora de Publicações, SA

**Redacção e administração** Az. da Alagueza, Lote X, c/v - Esq. 1800 - 005 Lisboa

**Contacto** [jornalabatalha@gmail.com](mailto:jornalabatalha@gmail.com)

**Proprietário e Editor** Centro de Estudos Libertários

**NIPC** 501805214

**Periodicidade** Bimestral, Novembro-Dezembro-Janeiro-Fevereiro de 2018

**ISSN** 0873-7223

**N.º Depósito Legal** 291 643 / 09 | Inscrito na Direcção Geral da Comunicação Social N.º 104981

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente | 6 n.ºs: 6,98€ / 12 n.ºs: 12,97€

Ilhas, via aérea | 6 n.ºs: 7,98€ / 12 n.ºs: 15,46€

Ilhas, via económica | 6 n.ºs: 6,98€ / 12 n.ºs: 12,97€

Europa | 6 n.ºs: 11,97€ / 12 n.ºs: 22,45€

Extra-Europa, via aérea | 6 n.ºs: 15,56€ / 12 n.ºs: 27,93€

Extra-Europa, via económica | 6 n.ºs: 11,97€ / 12 n.ºs: 22,45€

O pagamento poderá ser efectuado para o NIB do CEL: 0033 0000 0001 0595 5845 9.

## COLABORADORES

Os artigos não assinados são da responsabilidade da redacção, tal como a tradução de artigos.

Os artigos não solicitados poderão ser recusados, aceites condicionalmente (mediante alterações acordadas com os autores) ou ser diferida a sua publicação em função da programação geral do jornal. Devem ser claros e sucintos, não excedendo três páginas A4 dactilografadas a dois espaços, título e ilustrações incluídos. Em caso de recusa haverá sempre explicação oral ou escrita aos autores.

Além do nome e endereço agradecemos também o envio do telefone e/ou e-mail.

Toda a correspondência deverá ser remetida para:  
CEL/A Batalha, 4037, 1501-001 Lisboa

## PONTOS DE VENDA

**Lisboa**

Letra Livre: Calçada do Combro, 139

Linha de Sombra - Cinemateca: Rua Barata Salgueiro, 39

RDA69: Regueirão dos Anjos, 69

Tigre de Papel: Rua de Arroios, 25

Tortuga: Rua da Penha de França, 217

Zaratan - Arte Contemporânea: Rua de São Bento, 432

Quiosques do Largo do Rato, Rua Alexandre Herculano e Rua Camilo Castelo Branco

**Porto**

Gato Vadio: Rua do Rosário, 281

**Évora**

Fonte de Letras: Rua 5 de Outubro, 51

**Parede**

SMUP: Rua Marquês de Pombal, 319

**Setúbal**

Livraria Uni Verso: Rua do Concelho, 13

**Tavira**

Beterraba: Mercado Municipal, Loja 7

## Centro Anarquista Português de Artes Modestas



Marcos Farrajota, Janeiro 2018